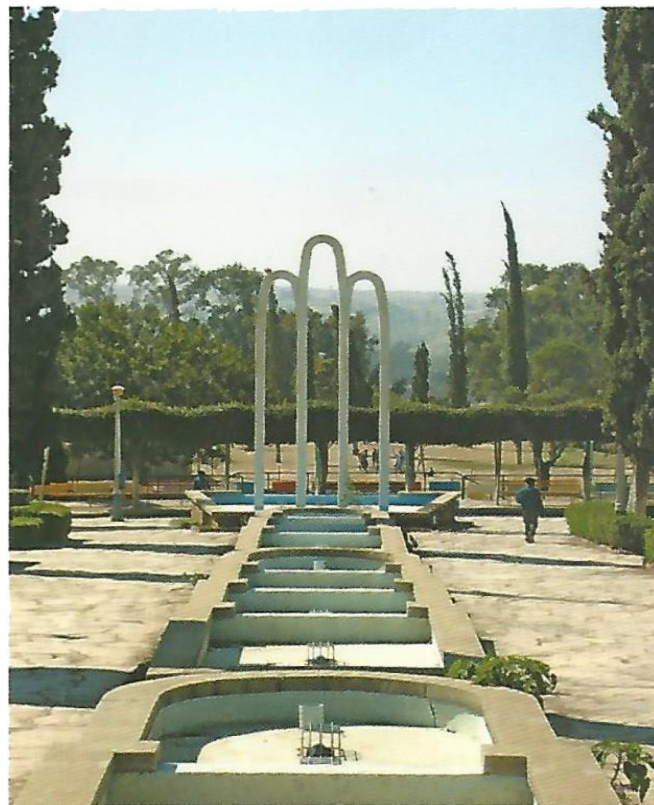


HORÁCIO S. REIS

O meu livro

AO LUBANGO

Um monte de histórias...



EDITORA
Alfa Publicações



HORÁCIO S. REIS, nascido aos 18 de Setembro de 1949, em Abrantes, freguesia de S. João Baptista, Portugal.

Curso Comercial/Industria feito em Lisboa na Nuno Alvares à Penha de França.

Radialista e Jornalista de profissão. Entrou na profissão em 1968 na então Rádio

Comercial de Angola. Trabalhou no Rádio Clube do Moxico, Rádio Clube da Huíla, Rádio Nacional de Angola, Rádio 2000 Antena Comercial do Lubango. Esta última da qual é sócio, foi desde a sua fundação, em Setembro de 1992, Director de Programas de 2003 a Dezembro de 2005 acumulou com Administração geral da Empresa.

Autodidácticas, como aliás o eram todos os da sua geração em matéria da comunicação social-rádio, pois na época não existia cadeiras de jornalismo nos institutos médios nem faculdades de comunicação social nas universidades. E portanto um discípulo da tarimba, a velha escola onde os mais velhos ensinavam aos mais novos, passando o testemunho de geração em geração.

OBS: Em 2016 é-lhe concedida a nacionalidade angolana!

O meu livro – um monte de histórias...

Horácio Reis

O MEU LIVRO

Um monte de histórias...

Editora

Alfa Publicidade

... Ao Lubango!

Ao Lubango, minha cidade, que tudo me tem dado, desde menino até aos dias de hoje à qual tento diariamente retribuir... Aqui cheguei menino; aqui me fiz homem; aqui me faço velho...

A cidade pertence-me

OBS: Segunda edição revista, corrigida e actualizada pelo autor em 2020!

Agradecimentos:

FERMACOM – Comércio Internacional, Lda.

INTERCAL, Lda. – Lubango

ÁGUA PRECIOSA - LUBANGO

Índice

AGRADECIMENTOS	10
I.NOTAS SOLTAS	12
Gentes da cidade- dinossauros da rádio!	14
Por esse mundo fora!	23
II.CONTRIBUTOS À CIDADANIA	27
Judas e os trinta dinheiros¹	29
Carta ao Exmo. Sr. Ministro da Comunicação Social	31
Centro de Imprensa / clube de imprensa da Huíla	33
«Quem conta um conto aumenta um ponto...»²	35
Terror na América I	37
Terror na América II³	40
ENCONTREI O SOL	43
24 Horas na Tunda dos Gambos⁵	45
Luta contra o sarampo I	50
Luta contra sarampo II	52
Luta contra o sarampo III	54
Luta contra o sarampo IV	56
Luta contra o sarampo V⁶	58
III.CONTRIBUTOS À DEMOCRACIA / CIDADANIA	60

Contributos para a democracia e para a cidadania.....	62
A cidade em crise.....	64
A velha rede chegou ao fim depois de mais de 50 anos	66
«Água dura em pedra dura...»	68
Morrer na Maternidade, em vez de nascer⁷	70
Lubango em crise II⁹	75
Em defesa da cidade, uma vez mais...¹⁰	77
Festas da Senhora do Monte/ XV Edição I¹¹....	79
Festas da Senhora do Monte/ XV Edição I'12	81
A anarquia que reina nos taxistas¹³	83
As mulheres tomam conta dos dinheiros¹⁴	86
Repor a autoridade I¹⁵	88
Por uma justiça igual para todos...¹⁶	90
O primeiro passo para o poder local...¹⁷	92
A reposição da ordem e da autoridade... II¹⁸..	95
O caso das <i>roulottes</i> da marginal do Mucufi...¹⁹	98
Festas da Senhora do Monte/2005/20	100
A grande vitória a anarquia...²¹	103
É preciso desarmar²².....	105
As famosas podas do Lubango²³.....	107
Festas de Nossa Senhora do Monte²⁴	109
Antes e depois ²⁵	112

O velho Cine Arco-íris²⁶	116
O jornalista²⁷	118
Clínicas privadas, sim; articuladas com o comércio, não (I)²⁹	121
Clínicas privadas, sim; mais articuladas com o comércio, não (II) ³⁰	124
Cidade Virtual	126
Cidade virtual³¹	128
Cidade Virtual I³³	131
Cidade Virtual I³⁴	134
Cidade Virtual ³⁵	137
Cidade virtual³⁶	140
TEXTOS ESCOLHIDOS	143
O poder local em discurso³⁷	145
A esperança renasce³⁸	147
Dar voz aos sem voz³⁹	150
Educar a educação⁴¹	153
IV. ARTE DE COMUNICAR	159
Elegia fúnebre ⁴³	161
Aos que vieram depois de nós...	178
A nova rádio, automatizada	180
Sonhos de menino⁴⁹	187
Coisas de sempre⁵⁰	189
Um minuto de coisas	191
Um minuto na vida ⁵¹	193

Strptease ⁵²	195
Notas	196

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, e do fundo coração, ao Dr. Arsénio Cruz, Leitor do Instituto Camões no Lubango, que faz o favor de ser meu amigo, a amabilidade que me dispensou ao colocar em ordem (entenda-se de língua portuguesa) e em linguagem acessível a todos quantos, no espaço lusófono, poderão vir a ler este *monte de coisas*, sobretudo todos os jovens, que pretendam continuar a profissão.

Em segundo lugar, para a minha esposa, Layd, que desde a primeira hora me apoiou nesta realização, aceitando sacrificar muitos momentos nossos. Do casal. Mormente quando, a más horas, me assaltava a vontade de escrever Fujo ao termo inspiração, porque acho isso próprio dos escritores, dos poetas... e eu não sou nada disso. Como não gosto de fazer duas vezes a mesma coisa, salvo algumas exceções, mas em princípio não penso escrever mas nenhum livro.

Finalmente, à cidade do Lubango que, embora não seja a cidade onde nasci, a considero minha terra.

De facto, apenas vivi os primeiros oito dias de vida onde nasci, em Abrantes, na freguesia de São João Baptista. Depois fui levado para Lisboa. E, daí, na adolescência, os meus pais “emigraram” – perdoem-me o termo – para Angola. Mais precisamente, para o Lubango – então Sá da Bandeira!

Assim que esta é que é a minha terra! É aqui que me sinto bem. Foi aqui que cresci, que vivi a minha juventude, que me fiz homem, que construí família, onde tenho os meus filhos, os meus bens. Foi esta cidade que realizou o meu sonho de menino: ser locutor de rádio. Por isso a defendo contra todos os que a maltratam.

Este livro pretende ser, em primeiro lugar, uma homenagem à cidade do Lubango e às suas gentes, anónimas, ou não, que por cá ficaram e por cá trabalharam diariamente, envelhecendo com a cidade.

Também uma homenagem aos lubanguenses ou chicoronhos que noutras paragens do mundo, devido aos tombos da vida, vão vivendo agarrados à esperança de um dia voltar a ver a sua cidade, a cidade onde nasceram.

É aqui que jazem os restos mortais dos meus familiares mais chegados: os meus pais, o meu irmão e a minha primeira esposa.

É esta cidade que eu amo, que considero minha. E não preciso que me digam que sim, porque sim, porque eu sei que o é!

Sou um cidadão do mundo que para viver escolheu Lubango, onde regressa sempre, com saudades, depois das viagens.

Os meus agradecimentos a todos e à cidade por me ter aceite um dia, há mais de 50 anos...

Obrigado!

OBS: Em 2016 é-lhe concedida a nacionalidade angolana.

I.NOTAS SOLTAS

Gentes da cidade- dinossauros da rádio!

Ao longo da minha vida, tentei cumprir com os deveres que dizem que um homem tem: «plantar uma árvore, construir uma casa, constituir família e escrever um livro». Fiz tudo isso: tenho uma família, esposa, filhos que enchem a minha vida de felicidade...o livro, estou a tentar escrevê-lo.

«Uma tarefa fácil», dirão muitos. Pois, ao longo de toda a minha vida, como jornalista, escrevi milhares de páginas e apontamentos, crónicas, textos, estudos, propostas, projectos. Enfim, julgo que já escrevi o meu livro, aliás, os meus livros, muito antes de plantar a árvore, de construir a casa, de construir família.

Recordo-me do meu primeiro trabalho, quando ainda aprendiz das lides do jornalismo. Estávamos em 1967/68. Terminado a Guerra dos Seis Dias, no Médio Oriente. Israel abre os braços para sacudir a pressão árabe à sua volta. Toma os Montes Golã e outras parcelas aos egípcios e a outros vizinhos...nos tempos da Golda Meyer, do Mosche Dayan...

Para mim, muito jovem na altura, isto era realmente a saga de David e Golias. No final dessa guerra, rápida mas violenta, eu produzi um trabalho de rescaldo desse conflito, ao qual chamei: *Retrospectiva de uma guerra*. Com recurso ao arquivo da então RCA – *Rádio Comercial de Angola* e com ajuda do meu grande mestre e amigo, **Gustavo Arouca**, redator, editor, noticiarista, fui incentivado a produzir esse trabalho – que na altura fez sucesso, pois fazia recurso à magia da sonoplastia, ilustrando as notícias com ruídos de tanques de guerra, de aviões de combate, com o deflagrar de granadas, de bombas, gritos, e outras sortilégios da sonoplastia desse grande mágico que foi o **Beto Caldeira**. Seguiram-se muitos outros, até chegar o momento de começar a escrever aquilo que devia dizer, de minha autoria. E nisso fui bastante influenciado pelo jornalista **Luís Miranda**. Com quem aprendi muito. Luís Miranda oriundo da *Rádio Ecclesia/Luanda*. Era extremamente sensacionalista. Fazia, na altura, um jornalismo que me apaixonou. Estávamos no início da década de setenta. Ele usava o gravador escondido para conseguir provas do problema da Casa dos Rapazes e de outros casos que me apaixonaram e à opinião pública lubanguense da altura. Recordo-me ainda de uma polémica, levantada então por ele, sobre um texto que apareceu no Boletim da Arquidiocese do Lubango, que defendia a

necessidade de ordenar bispos negros angolanos, e deixar um ou outro branco para atender à comunidade branca. Isto foi logo a seguir ao 25 de Abril de 1974. Recordo-me da polémica que então se instalou na cidade à volta desta questão...

Este jornalista marcou-me bastante e incentivou-me a pôr no papel o meu raciocínio, a minha ideia. E foi fazendo esse exercício, aperfeiçoando esse uso, até aos dias de hoje, que continuo a aprender! Mais: costume dizer sempre aos que comigo têm partilhado a profissão, sobretudo aos mais novos, que devem fazer o mesmo. A princípio, isso pode-nos parecer estranho, sem sentindo ou pouco profissional. Pudera, estamos habituados a ler o que outros escrevem! Mas experimentem...

Um outro grande profissional, que veio depois, **Carlos Meleiro**, directamente da *Rádio France* de Paris, para a RCA do Lubango, completaria a minha formação. Foi com ele que comecei a minha carreira de jornalista. Foi ele quem me “largou” – para utilizar uma expressão da gíria - como realizador e apresentador de noticiários. Ensinou-me, então, que escrever para ler na rádio não é o mesmo que escrever para ler no jornal. Quem escuta rádio, na sua grande maioria é analfabeto, por isso, precisamos de escrever/ dizer de uma forma simples e o mais explícita possível, sem recorrer a muitos termos técnicos e de moldes a explicarmos muito bem o que aprendemos dizer, com a nossa ideia. Temos que ser claros e objectivos. Ao passo que, quem lê jornais, sabe ler, por isso é preciso escrever com gramática, com conjugação de verbos e de sentidos gramaticais, etc. confesso que, na escola, nunca gostei muito da Gramática, nem Matemática. Adorava a Geografia. Sabia o nome de todas as capitais dos países do mundo...

Voltando à questão: no meu tempo de aprendizagem da profissão não havia cadeiras universitárias de jornalismo. Éramos autodidactas. A rádio atraía. Era um bichinho que se entranhava em nós, um vírus que apanhava quem com ela se metia, sem cura possível. Aprendíamos uns com os outros íamos passando o testemunho. Foi assim que conheci aprendi muito com o mas velho **Saraiva de Oliveira**, com o **Sebastião Coelho**, com **Emídio Rangel**, com o **Brandão Lucas**, com o **Ivo Oliveira**, e muitos outros que a memória já vai apagando. Dessa safra saíram os melhores valores do jornalismo radiofónico que em Portugal, no pós 25 de Abril, revolucionaram o jornalismo radiofónico, montando novas estações, acabando com o monopólio do colonial-fascismo,

inundando o espectro radielétrico de Portugal com micro estações de FM, a ponto de terem que retalhar quase milimetricamente a banda da frequência modulada. Fizeram, depois, trabalhos em rádio já mais imaginado naquele país. Ainda hoje existem algumas estações dessa época. Sito por exemplo, a TSF, como a que mais impacto teve ainda tem em Portugal. Dos nomes conhecidos, destaco **David Borges** – que teve, posteriormente, um papel preponderante na nova viagem da RDP, ao dirigir a RDP/África, e da qual se viria também afastar – e o **Emílio Rangel**, figura importante no surgimento da televisão privada em Portugal. Foi ele o principal responsável pelo projecto SIC e, mais tarde, director de programas da RTP. Curiosamente, ambos tiveram grandes responsabilidades no projecto TSF. O David é natural de Ondjiva. O Rangel é do Lubango. Esta referência serve apenas para confirmar que o Lubango sempre foi viveiro de grandes nomes da rádio em Angola e outras paragens. Orgulho-me, por isso, de ter sido trazido pelos meus pais, ainda menino, para esta cidade, que me deu a possibilidade de entrar neste mundo de magia!

Mas, como acima dizia, naquele tempo não havia disciplinas de jornalismo na universidade ou nos Institutos médios e superiores da época. Contudo, e como que espontaneamente, apareciam valores, alguns até com a 4ª classe. Recordo o **Pereira Venâncio**, uma verdadeira sumidade. Viria a ser o primeiro (e único) repórter angolano a relatar, em directo para Angola, do Cabo Canaveral da Florida, EUA a partida da *Apolo* com os primeiros homens que haviam de pisar solo lunar. E, por recordar esta façanha, existe ainda uma outra, mais próxima de nós: o 25 de Abril, de 1974, a revolução dos *cravos*, como foi ficou conhecido. Também ela foi relatada em directo, na hora e ao pormenor, para o Lubango e para Angola, pois a RCA emitia a partir daqui em ondas curtas, médias e FM para toda a África Austral. De facto, os acontecimentos do glorioso 25 de Abril de 1974 foram relatados por Emídio Rangel, que se encontrava na altura em Lisboa e que, logo de madrugada, começou a enviar para o Lubango os primeiros relatos dos acontecimentos que viriam a mudar o mundo.

Seguiu-se o período turbulento em Angola mergulhou, levando à debandada Refugiei-me em Portugal até Julho de 1978, altura em que tornei a Angola, no primeiros voo de regressados. Recordo-me dessa época em Portugal, o **Kiosa**, então primeiro secretário d embaixada de Angola, incansável no atendimento aos angolanos, que se encontravam em centros de acolhimento, desadaptados e que

queriam regressar a todo o custo. Foi ele um dos grandes obreiros do regresso de milhares de angolanos ao país, numa altura em que escasseavam os quadros e em que o funcionamento das estruturas era débil. O país estava mergulhado na guerra civil, depois de terem sido expulsas do território as forças invasoras Sul-africanas. Kiosa havia sido 1º escrivão do Tribunal da Comarca da Huíla, no palácio de vidro, como então chamávamos ao *EDIFICIOS ESPINHAS*, onde funcionava a RCA, no 4º andar, o tribunal, no 2º andar, até aos dias de hoje. Note-se que, na época, havia uma desinformação total com a distorção dos factos em Portugal. A propagação de falsas notícias e boatos de forma a desmotivar os que pretendessem regressar era constante. É, porem, no meio deste clima familiar, que tinha optado por ficar.

Cheguei a Luanda, com a minha família, onde fomos muito bem recebidos. Observador como sou, reparei logo que as notícias que corriam e Portugal eram falsas. Recordo-me das palavras do homem do barrete, **Mendes de Carvalho**, que nos visitou no centro de acolhimento do Grafanil. Explicou-nos a situação de Angola e a necessidade de nos engajar-mos rapidamente no trabalho, cada qual no seu, pois o país estava a braços com uma tremenda falta de quadros, devido ao sangramento que o conflito originara. Ainda em Luanda, fomos contactados pela direcção da RNA, do saudoso Rui Carvalho, que nos orientou para que, no Lubango contactássemos a Emissora Provincial.

Assim fizemos e ali funcionamos até 1986. Nessa altura, somos chamados a assumir uma outra tarefa no quadro da reconstrução nacional. Nomeado Director Provincial do *Complexo Turístico e Desportiva 10 de Dezembro*, o nome que havia sido dado a todo parque da Senhora do Monte. Foi um projecto de raiz, iniciado por mim e ao qual me dei por inteiro. Para além de ter que zelar por toda essa enorme área, tinha ainda a tarefa de realizar anualmente as festas da Senhora do Monte. Vivíamos então no postulado de Lopo do Nascimento, o comissário que foi posteriormente, o primeiro Governador da Província da Huíla. Foi neste mandato que se começou a ouvir falar em direitos humanos, no respeito e na dignidade humana. Antes, por tudo e por nada, se prendiam cidadãos. Ainda assim, fui vítima dos abusos do poder de certa gente...

Lopo do Nascimento fez questão de pautar o seu mandato dentro dos princípios de um regime que caminhava, a passos largos, para a democracia, e para a paz. Já decorriam as negociações com a

África do Sul para a independência da Namíbia e, algum tempo depois ele próprio chefiou as negociações de Bicesse com a UNITA!

Viajei muito entre Lubango e Lisboa como correio de Lopo do Nascimento. Por sua iniciativa foram encetados os primeiros contactos para a geminação do Lubango com Santarém. A convite do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal, uma delegação do Lubango, composta por duas pessoas, o Chico do CPPH, chefe da missão e eu, visitámos Santarém ao pormenor, tendo então sido esboçadas as primeiras acções com vista á geminação das duas cidades. Estávamos na primavera de 1988 como o primeiro passo, a Huíla foi convidada a participar na *Feira Nacional da Agricultura* em Santarém.

Lopo do Nascimento ordenou, então, que se iniciassem os preparativos para essa participação. Contamos com o apoio do ICEP de certame. Colocamos lá artesanato e levamos algumas brochuras e vídeos. Connosco tínhamos, também, o Mito Gaspar que atacou com sucesso. Da delegação angolana faziam parte, ainda, o Dr, Quim Santos, veterinário, o mas velho Ferreira, do Museu da Huíla, já falecido e alguns jovens empresários da época na área Ganadeira. O Stand da Huíla em Santarém foi bastante procurado, sobre tudo por angolanos, por gente que havia saído da terra, na altura das confusões. Tratou-se, então, de uma grande acção de informação e contra informação, pois, como já dissemos funcionava em Portugal uma reacção contra tudo o que fosse Angola.

A nossa participação naquele importante certame foi um sucesso a todos os níveis. Mas tarde, uma outra equipe da Huíla, já com outro Governador, viria a assinalar o protocolo de geminação entre as duas cidades – cujos verdadeiros efeitos ainda se não sentir, pois havíamos previsto uma colaboração entre os institutos agrários de Santarém e do Tchivinguiro, no âmbito da formação de quadros médios e superiores para a agro-pecuária, com a ida e vinda de pessoal docente e discente, que ainda não é visível. Havíamos previsto, também, ajuda no âmbito da formação de pessoal para Administração Municipal do Lubango, para aprender a lidar com algumas situações ligadas a gestão de uma cidade-ente outras muitas medidas então esboçadas. Nada disto se efectivou até aos dias de hoje. Essa geminação enveredou para uma área meramente empresarial com o nascimento de uma denominada AIDE-HUILA, *Associação Internacional de Desenvolvimento*, visando captar investimentos para o desenvolvimento huilano. Além do futebol das

velhas guardas, em que somos campeões, consecutivamente, porque temos velhos jogadores muito jovens... É tudo quanto se conseguiu dessa geminação entre as duas cidades, cujo fim, embora não anunciando, é por demais evidente...

Entretanto, na qualidade de Director Provincial do Complexo Turístico e Desportivo da Senhora do Monte, até 1991, realizamos anualmente as *Festas da Senhora do Monte*, como manda a tradição, no mês de Agosto com todos os requisitos do passado, com todos os números do passado, com a Procissão e a Missa Campal na Capelinha, a FENAGRO – *Feira Nacional da Agricultura*, a Expo-Huíla, o tiro aos pratos, torneios de futebol internacional, as “3 Horas da Huíla” em automobilismo – que passaram a chamar-se “200 Kms da Huíla” e que, afinal parece ser o que mais agrada ao povo huilano, a avaliar pela enchente assustadora que invade o parque da *Senhora do Monte* por esta altura.

Em 1992 depois do “mono” e em plena democracia, tínhamos já a estação de rádio comercial privada, Rádio 2000 – *FM*, pertença de uma sociedade da qual somos sócios. Dos bons e maus momentos, porque passamos, recordo com saudade o grande amigo e sócio Carlos de Andrade, o popular PARAFUSO e, mas tarde, “O Zé, somos todos nós.” Falecido em 2003, vítima de um câncer, deixou saudade no meio lubanguense, onde era muito querido pela forma simples como se comportava, pela alegria e jovialidade que sempre apresentava, pela boa disposição e pelas anedotas. Enfim, um cavalheiro à moda antiga. Todos os dias cortava rosas do jardim da *Rádio 2000* que levava para distribuir pelos locais por onde passava – para tomar café ou «a bica!...» - como ele dizia.

Recordo, ainda, o incentivo que me deu para que aceitasse o convite que havia sido feito em 2002, pela Embaixada Americana em Luanda a fim de integrar uma delegação de directores dos Meios de Comunicação Social para visitarem os Estados Unidos de América.

É assim que, em 29 de Agosto de 2002, voamos para os EUA – precisamente um ano depois do grande acontecimento que havia de mudar o mundo, o ataque terrorista contra as torres do *World Trade Center*, em Nova York e contra o Pentágono em Washington – tendo falhado o que visava a Casa Branca. Um ano depois, eu estava a aterrar na capital do Estado do Texas, Houston, vindo de Orlando, na Florida, onde havia participado num seminário do Instituto Superior de Jornalismo no *Pointer Center* e visitado a impressionante

Disneylandia. Antes, estivéramos em *Sprindfield*, no Estado do Illinois, onde conheci o *Prémio Pulitzer*, Leon Dasch, com quem tivemos oportunidade de conversar sobre Angola. Relatou-nos a sua mágoa por ter estado três vezes no nosso país (sempre ilegalmente, pois entrara com a Unita em tempo de guerra), e nunca havia conseguido um visto oficial da parte do governo angolano. Os erros políticos que se cometem muitas vezes e que são de palmatória!... Pois, se esta sumidade – que era na altura jornalista do *Washington Post* – já havia entrado clandestinamente em Angola, porque não deixá-lo entrar legalmente? Era oportuno o Governo mostrar a realidade do seu lado de Angola.

Com ele tivemos ainda a oportunidade de falar sobre o prémio Pulitzer que havia recentemente ganho. Lembro que este prémio é uma espécie de óscar para os Jornalistas. Falou-nos, então e pela primeira vez, no “jornalismo de imersão”. Segundo ele, foi através do mergulho, da imersão, que fez na periferia de Washington, que conseguiu essa reportagem que lhe valeu tão cobiçado premio. Entrou nos meios da droga e conseguiu relatar ao pormenor a forma como a droga entra e destrói o tecido humano, o tecido da sociedade à volta da capital americana. Para isso teve que mergulhar no seio dessas populações, viver com eles, como eles, isso leva tempo até ganhar confiança, para que lhe comecem a dizer realmente o que se passa, como é que as coisas acontecem... E isso passa por uma vivência, um mergulho, uma imersão de meses e até de anos no seio dessas comunidades, até que consigam realmente ficar á vontade para abordarem sem receios toda a problemática que invade essa comunidade ou essa sociedade. Portanto, o jornalismo de imersão é um outro tipo de jornalismo de investigação no qual o profissional precisa de se inserir no seio da comunidade e conviver com quem quer investigar ou sobre quem quer relatar acontecimentos. Essa inserção leva a uma vivência plena e adaptada dentro dessa comunidade onde reside a notícia e o drama.

Estava de regresso a casa, um mês depois, com muitas saudades da família e da cidade...

Durante todos estes anos verifiquei que esta cidade é especial. Ela tem uma espécie de Íman que atrai as suas gentes. Estejam onde estiverem, os lubanguenses sentem uma enorme saudade desta cidade. Verifiquei isso pessoalmente nas minhas andanças pelo mundo, em que ficava sempre ansioso por voltar. Costumava até dizer aos meus colegas nas deslocações e aos amigos de outras

paragens: - «pois é, o Lubango pode ser uma porcaria, mas é lá que eu gosto de viver. É aquela cidade que me atraia».

Verifiquei-o também junto de naturais do Lubango que vivem na diáspora. Todos sentem muitas saudades. Isso mesmo me manifestaram ao quererem, avidamente, saber como estava a cidade, se estava estragada, se ainda tinha muita gente, se tinha fotografias, filmes!... Normalmente levo fotos, filmes e troco essa informação com essa gente, como forma de lhes fazer entender que a cidade continua cá, com o Cristo Rei de braços abertos, esperando toda gente. A cidade que um dia deixaram no longínquo ano de 1975/76 do século XX cresceu desordenadamente. De 60 mil habitantes passou a 1 milhão e 300 mil em 2005.

Enfim, Lubango: a cidade que apaixona a todos quantos nela tenham vivido. Ainda hoje conheço cidadãos que vieram trabalhar no Lubango, por força de contratos de trabalho, oriundos da Europa, da Ásia ou das Américas e que ficaram de tal forma apaixonados pela cidade e pelas suas gentes que permaneceram depois de terminado o seu vínculo laboral. Aqui constituíram família, constituíram casa e vivem.

O **Sebastião Coelho**, que nos visitou em 2000. Deixando gravada a sua emoção ao rever a Senhora do Monte, o Grande Hotel, a Rua do Picadeiro... «Nunca perdoarei ao Batista o que fez da Florida!»

O Lubango tem feitiço que encanta e apaixona...

Por esse mundo fora!

Noites de insónia! Noite fora, madrugada dentro, pensando, tomando apontamentos de ideias, sobre a vida na cidade, sobre os problemas da minha cidade e a forma como ela cresceu e se tornou velha, como eu, deformada, mutilada.

Não sou cantor mas pedi aos compositores/cantores que cantassem a minha cidade. E eles cantaram...

Se o Lubango tem morangos,

Tem a Humpata, Leba,

Tundavala que é maravilha,

(...)

Lubango, Lalipô, do **Waldemar Bastos**, gravado no Brasil. Também: *Lubango, meu amor*, do **Filipe Mukenga**. Um poema de amor musicado e cantado pelo Filipe, a meu pedido, e gravado nos estúdios da Rádio Huíla, pelo Rui **de Sousa**. Estes projectos, da autoria de cada um, letra e musica, tiveram uma certa responsabilidade de Hreis, quando em final da década de 70, princípios de 80, realizava e apresentava um programa aos microfones da Rádio Huíla, que se chamava: *A Nossa Música em Conversa*, - tendo como convidados os músicos, Waldemar Bastos, Filipe Mukenga e **Beto Gorgel**, que falavam tocavam, e cantavam ao vivo no programa. Foi nessa altura pedido a cada um deles uma canção para o Lubango! No programa era abordada ao pormenor a nossa música e a situação dos nossos compositores e cantores. Suponho que terá sido o ponto de partida para o Waldemar sair do país e tentar o sucesso lá fora – o que, felizmente a acontecer.

Nas inúmeras viagens que eu fiz a Lisboa, em grande parte como responsável pela *Festas da Senhora do Monte*, tive oportunidade de me encontrar com o Waldemar Bastos. A primeira vez ocorreu pouco tempo após a saída do seu primeiro disco, onde figura o tem: *Lubango, Lalipô*, gravado no Brasil, com o contributo de grandes nomes da música brasileira. Foi um encontro accidental, pois quase chocámos na Avenida da

República! Que bons momentos passámos durante essa minha estadia em Lisboa. Chegamos até a projectar a sua vinda ao Lubango. Infelizmente nunca se concretizou. Recordo-me de, nessa altura, o Waldemar me ter perguntado o que achava do tema *Lubango, Lalipô* e de ele ter dito essa era a canção que havia pedido para o Lubango. Eu agradeci e disse-lhe que essa canção era o tema de abertura do Complexo da Senhora do Monte durante o mês de Agosto, pelo que se impunha que ele a viesse cantar ao Lubango!

Mas tarde, numa outra viagem, vou encontra-lo em Alfama (numa casa nocturna, onde encontrei com Óscar Gil) ...a cantar! Deu-me então, em cassette, aquilo que seriam em alguns temas do segundo álbum: *A Noite dos Kazumbis*, que estava na forja.

Ainda me recordo do acidente que tivemos quando seguíamos no carro de umas amigas do Waldemar, Cabo-verdianas, e um taxista chocou connosco num dos cruzamentos da avenida da liberdade, felizmente sem consequência. O Waldemar e eu tivemos que «dar umas saídas a francesa», do teatro dos acontecimentos, para não nos vermos envolvidos nem prestamos declarações na polícia. Seguimos velozmente, a pé, até, para o apartamento do Adido Cultural da Embaixada de Cabo Verde, próximo do local do acidente e ali ficamos a precisar desenrolar dos acontecimentos...

Com a anuência do Governador Lopo do Nascimento, voltei a conda-lo para cantar nas *Festas da Senhora do Monte*, em Agosto. Tal não foi possível. Foi substituído por um grande fadista Português: **Carlos do Carmo**.

Depôs disso, tenho sabido, pelos jornais e pela televisão, do sucesso enorme que Waldemar Bastos tem tido em Portugal, na Europa e até nos Estados Unidos da América.

Voltando atrás, ao tal programa *A Nossa Música em Conversa* e ao Filipe Mukenga: este ficou no país porque tinha uma família constituída, numerosa, e a quem estava muito apegado. Na altura não saio do país, como o Waldemar. Veio a gravar, posteriormente, o seu primeiro álbum em Cuba, com apoios da Endipu. Rapidamente choveram convites para actuar fora de Angola e um pouco por todo Mundo. Hoje, Filipe

Mukenga é outro dos grandes valores da nossa música, quiçá um dos compositores mas talentosos do nosso tempo.

Falta ainda o terceiro artista do programa: o Beto Gourgel. Esse, ficou-se por Luanda, pois já vinha de um longo exílio na Finlândia e com uma carreia a solo, no estilo “baladeiro”, sem, contudo, gravar, gravar discos. Deu o seu contributo popularizando algumas figuras castiças em programas da nossa televisão.

Neste desfile das recordações dos últimos 30 anos, recorda ainda os tempos difíceis da guerra, em que os Sul-Africanos nos vinham bombardear durante a noite. Lembro-me das viagens ao longo das estradas da Huíla e do Cunene. E nessas andanças evoco o **Óscar Gil**, então *cameraman* da TPA. Incansável da busca das imagens do Sul de Angola, dos horrores da guerra. Ele e o **Tico Costa** da ANGOP, já falecido. Na altura em que o Óscar Gil veio de Landa, para abrir a delegação da TPA na Huíla, não havia carros. Foi quando Óscar Gil desencantou nos Caminhos-de-ferro uns caixotes que continham *jipes Land Rover* desmontados, que eram destinados a Zâmbia e que haviam ficados retidos devido ao conflito. Pois ele lá conseguiu que lhe dessem um ou dois caixotes e montou ele o primeiro carro da TPA, um *Land Rover* de cor verde e volante a direita. Foi com esse carro que realizou grandes reportagens da guerra atroz que então travamos contra os sul-africanos. E será com esse jipe que pois terá um grave acidente, numas das suas viagens nocturnas pelas estradas do Cunene, á noite sem luzes (para não atrair a aviação sul-africana). Ferido, acaba por ser evacuado para Lisboa, a expensas suas, sem apoio de ninguém, nem da TPA. Por lá fica com a família, numerosa, passando mal até que conseguiu emprego como *Cameraman*, singrando a pulso um país estrangeiro e impondo-se até conseguir ser disputado pelos estúdios que faziam novelas e publicidades...

É assim que o encontrei varias vezes em Lisboa. Lembro particularmente uma em que fomos até ao Algés e Dafundo, local em que decorriam as filmagens de um dos programas de Júlio Isidro. Num desses encontros – julgo que o primeiro, depois de muitos anos sem nos vermos – liguei para ele e marcamos encontro na baixa de Lisboa, perto da sede do Benfica. Combinamos, para o final da tarde, o jantar numa

tasquinha situada numa íngreme subida que vai para a travessa de São Domingos para a Muraria, salvo o erro. Comemos um *Bacalhau com todos*, bem resgado com um verde estupidamente gelado. Não nos víamos há anos. Aliás, depois da sua saída de Angola para se tratar, era a primeira vez que o encontrava. Ficamos então a recordar os velhos tempos. As gentes da terra. Os amigos. Os que partiram deste mundo... Falávamos alto, já com «um grão na asa» e saíam uns «porras» e umas «merdas» de vez em quanto... Restava na sala apenas um casal. Lá para as tantas, o individuo levantava-se e vem junto de nós implicar porque estávamos a dizer asneiras e ele não as admitia na presença de uma senhora. - «Por isso, era melhor irmos embora porque se não...»

O Óscar Gil levantou-se e deu-lhe uma galheta. Assunto arrumado: o individuo remeteu-se ao seu lugar; a dama que o acompanhava pediu-nos desculpa, «porque não era da mesma opinião, e porque o companheiro estava grosso», despedindo-se de nós amigavelmente. O dono da tasca era *camba* do Óscar Gil e, naturalmente, que ficou do nosso lado.

Fomos acabar a noite em Alfama, numa casa típica da noite lisboeta, onde cantava onde cantava habitualmente o Waldemar Bastos (e outros de origem africana, que hoje não recordo).

O Óscar Gil viria a regressar a Angola, coma cabeça cheia de projectos e ideias. Um dia, já no início deste novo século, apareceu-me no Lubango com o grande actor português **Nicolau Brayner**, numa acção de marketing sobre o Lubango, a Chibia e o lona. O Gil divide a sua paixão entre duas terras: o Lubango e a Chibia, onde nasceu. Mas, naturalmente, investiu em Luanda porque o ramo da publicidade é lá que rende. Espero que, aos poucos ele e o Paulo venham cá ter.

«O bom filho à casa torna».

II.CONTRIBUTOS À CIDADANIA

Judas e os trinta dinheiros¹

Somos extremamente religiosos. Basta ver a forma como as Igrejas ficam superlotadas, sobretudo aos Domingos, para católicos; e aos sábados, para não católicos.

Daí que todos conheçam, mas ou menos, a história bíblica dos trinta dinheiros que o apóstolo Judas recebeu para trair Jesus.

Vem a propósito porque nos dias de hoje essas coisas também acontecem, não com o rigor da época, d.C., mas recheadas de episódios mais ou menos rocambolescos e que são até aproveitadas para guião de telenovelas, filmes, livros, etc... .

Depois temos os que vêm esses filmes e resolvem imitar encarnando as personagens, criando os cenários, ao vivo! (*Corro o risco de não conseguir fazer-me entender, com o objectivo desta minha nota, mas paciência. Não posso ser mas explícito, por uma questão de princípios.*)

Isto vem a propósito dos Judas deste século, que traem por trinta dinheiros, e depois conseguem ser eles chamados, por mais trinta dinheiros, para reparar os danos que causam! Neste caso, não houve morte na cruz, mas houve uma crucificação inicial, injusta. Depois, assiste-se ao ressuscitar daqueles que primeiro foram injustiçados e traídos! Mas este ressuscitar é tão mal feito, de um forma tão grosseira, que, sinceramente, «é pior a emenda que o soneto». Mas, é sempre assim, nestas coisas! O suavizar os danos causados. É resolver um erro com outro erro, ainda mas grave, porque se violam então todos os princípios de ética e de ontologia. Mas dinheiro, é dinheiro, e, para certas pessoas, o dinheiro vale tudo.

Dar a outra face. Foi assim que Cristo nos ensinou. Ele próprio traído por Judas, quando soube dessa traição, perdoou-lhe e lavou-lhe os pés, antes de ser preso e morto na cruz.

A isto se chama, dar outra face. É assim mesmo. Devemos perdoar-nos uns aos outros!

Espero que me perdoem este apontamento, de igual forma. Nos dias de hoje, acontece exactamente o mesmo, embora não com rigor da era d.C.: perdoar a quem nos faz mal fazendo-lhe o bem em troca. E, naturalmente, que, ir a procura de quem nos fez e pode

voltar a fazer mal, a dar-lhe trinta dinheiros, é a forma moderna de dar a outra face. Eu chamaria a isso, calor a boca a alguém que de repente se tornou incómodo e capaz de voltar a carga. Obviamente a intenção de quem “da um estalo na face”, é exactamente sacar algum, quando lhe mostrarem, “ a outra face”!

Mas chegou-se ao extremo, ao fanatismo fundamentalista, ao ridículo! E não nos parece que fique bem, não nos parece que, sendo nós um povo tremendamente crente religioso, não sejamos capazes de entender e comparar os dados, as coisas, do antes e depois. Acontece, então, que nos apercebemos do ridículo que são essas coisas... e ficamos tristes porque há princípios, há regras, há ética profissional, há a deontologia da profissão. E verificamos que, por trinta dinheiros, tudo isso fica para trás. É um vale tudo, até tirar olho...

Mais grave ainda é o facto de fazer de nós, o povo, claro, idiotas, chapados! Como se não fossemos seres humanos dotados de raciocínio e eles os eleitos por Deus para nos malharem desta forma! Somos um povo de analfabetos, é verdade, mas, ainda há os que conseguem ler alguma coisa e raciocinar, pensar!

A terminar: é preciso darmos valor as pessoas, ao seu bom – nome! Não se pode sujar o nome e a imagem de uma pessoa só porque, num determinado momento, resolveram dizer-nos não! Tal procedimento constitui pura chantagem. É algo abominante, em termos de profissão não se pode continuar a tratar tão mal a nossa profissão, porque ela é um dos pilares em que assenta a democracia. Precisamos, por isso, de dignificar mais a profissão e, sobretudo, afastar dela os que a conspurcam...

Um dos males do nosso país é a corrupção. E a corrupção tem corruptos e corruptores. Costuma se dizer que todos têm um preço, e é verdade. Eu também tenho o meu. Mais, não são trinta dinheiros!!!

Trair, não tem preço.

2001

HREIS

Carta ao Exmo. Sr. Ministro da Comunicação Social

Exmo. Sr.
Ministro da
Comunicação
Social
LUANDA

25-09-01

Começo por lhe apresentar os meus respeitos cumprimentos, em nome da classe jornalística da Huíla.

A quando do nosso último encontro na cidade do Lubango, poer altura das *Comemorações do Dia Internacional do Jornalista*, no passado dia 8 de Setembro, ficou no ar a necessidade de apresentar a V. Exa. duas questões que julgamos cada vez mais pertinentes a medida que os anos passam. Vou enumerá-los:

O custo das telecomunicações na comunicação social

1. O uso das telecomunicações é vital para a comunicação social.
Elas são imprescindíveis nos tempos que correm. Urge que se tomem algumas medidas, ao nível do nosso país, como forma de torna-las mais acessíveis a todos os órgãos de comunicação social;
2. Julgo que Angola assinou a Convenção da UNESCO, que recomenda aos países signatários a redução em 50% dos custos das telecomunicações, tarifas de porte pago para os jornais, etc. na verdade, toda comunicação social tem, nas telecomunicações, o maior índice de despesas mensal – gravado pelo facto de serem pagas ao cambio do dia, logo a

seguir aos salários, uma boa parte destes valores, poderiam ser canalizados para melhorar os salários dos jornalistas.

3. Por outro lado, os valores que pagamos não se justificam, face à má qualidade dos serviços que nos oferecem. Repare-se, por exemplo, na qualidade das comunicações ao nível das Províncias. Na Huíla, navegar na Internet é uma verdadeira odisseia. E porquê? - «Porque o PPI, não tem capacidade para tantos (internautas), porque a banda é estreita,» etc...
4. Por tudo isto, gostaríamos que V. Exa. fosse nosso promotor, junto do Conselho de Ministros, para se obter este benefício para os Órgãos de Comunicação Social. Seria um benefício para a classe e, sobre tudo, para o povo, que, tem direito à informação.
Nós precisamos de mais apoios para fazer essa informação!
As telecomunicações são fundamentais nos tempos que correm. Devem ser bonificadas para a informação!

Centro de Imprensa / clube de imprensa da Huíla

- 1.** A Cidade do Lubango, capital da província da Huíla é, presentemente, a segunda cidade do País. Tem uma população estimada em cerca de 600 mil habitantes, bastante académica e com uma classe jornalística muito activa e jovem, sobretudo. Este factor, leva-nos a propor a V. Exa. o apadrinhamento para a instalação, no Lubango, de um Centro de Imprensa e, ao mesmo tempo, Clube de Imprensa. Será a melhor forma de podermos ter um local de trabalho minimamente equipado para os jornalistas que habitualmente nos visitam e de onde poderão enviar o seu trabalho.
- 2.** Depois, julgamos que a classe jornalística da Huíla , muito jovem, carece de um local onde nos possam nos encontrar, trocar experiências, receber os jornalistas de fora, programar debates e conversar para, assim, podermos aprender mais uns com os outros. Neste momento, nota-se que os nosso jovens jornalistas se perdem por esses bares da cidade sem proveito algum e com grande prejuízo da própria saúde e reputação.
- 3.** Gostaríamos de solicitar a V. Exa., que encabeçasse este projecto, com o empenho que lhe é peculiar, nesta tarefa de instalarmos o *Centro de Imprensa/Clube de Imprensa* na cidade do Lubango, mas concretamente no espaço do Complexo da Senhora do Monte. Para tal, existem algumas soluções de construções já existentes, cujos os preços se poderiam discutir. Ficaria a faltar, apenas, a sua adaptação, equipamento e mobiliário.

Em suma, solicitamos a V. Exa. o apadrinhamento do *Centro de Imprensa/Clube de imprensa da Huíla*, que muito iria contribuir para o aumento do nível cultural dos nossos profissionais.

Estamos cientes da melhor atenção que ao exposto venha a dispensar e, sem mais de momento, queira V. Exa. aceitar os nossos mais respeitosos cumprimentos, na certeza de que podemos continuar a contar com o V/empenho de sempre, em prol da comunicação social e da classe jornalística.

25/09/2001

Em nome da classe jornalística do Lubango

HORÁCIO S. REIS

«Quem conta um conto aumenta um ponto...»²

A importância e o poder da comunicação.

Vamos mostrar-lhe esse poder, essa importância e a forma como essa mesma informação sofre distorções e desfasamentos na sua cadeira de transmissão:

O presidente de uma grande empresa baixa uma orientação

.para o seu Director, que é a seguinte: (cito)

"...Na próxima sexta-feira às 17h00, o cometa Halley estará passando por esta área. Trata-se de um evento que ocorre a cada 78 anos. Assim, por favor, reúna os funcionários no pátio da fábrica, todos usando capacete de segurança, e eu explicarei o fenómeno. Se chover, não veremos o espectáculo a olho nu... (fim de citação).

Entretanto o director passou esta informação ao gerente da empresa, nos seguintes termos: (cito)

"... A pedido do presidente, na sexta-feira, às 17h00, o cometa Halley vai aparecer sobre a fábrica. Se chover por favor, reúna os funcionários todos com capacete e encaminhe-os para o relatório, onde o raro fenómeno terá lugar, o que ocorre a cada 78 anos a olho nu..." (fim da citação)

Por sua vez o Gerente da Fábrica foi passar a informação ao Supervisor, já nos seguintes moldes: (citamos)

"...A convite do nosso querido Presidente, o cientista Halley de 78 anos vai aparecer nu na fábrica, sexta-feira às 17h00, usando apenas capacete, quando irá explicar o fenómeno da chuva para os seguranças no pátio..."

Depois, o supervisor foi transmitir a informação ao Chefe.

Como já puderam ver; quem conta um conto acrescenta um ponto. Vejamos então como é que o supervisor transmitiu a informação ao Chefe. (cito)

"... Todo o mundo nu, na próxima sexta-feira às 17h00, pois o manda-chuva do Presidente, Sr. Halley estará lá para mostrar o raro filme, Dançando na Chuva. Caso comece a chover mesmo, o ocorre a cada 78 anos, por motivo de segurança coloquem os capacetes..." (fim de citação)

Então o Chefe vai transmitir o aviso para to o pessoal da fábrica nos seguintes termos. (E passo citar)

"... Nesta sexta-feira o presidente fará 78 anos. A festa será as 17h00 no pátio da Fábrica. Vão estar lá Bill Halley e seus cometas. Todo mundo deve estar nu e de capacete. O espectáculo vai desenrolar-se, mesmo que chova, porque abanda é um fenómeno ... " (Fim de citação)

No tempo dos finais de fumos e dos tambores, a coisa era mais fiável, sem distorções. Hoje em dia, quem escuta sempre aumenta. Portanto cuidado com as deturpações! É que a comunicação é muito importante e tem o poder que é preciso saber usar com prudência.

Terror na América I

A imaginação dos cineastas americanos, por sinal bastante pródiga ao longo de todos os tempos, podem ter fornecido aos autores destes atentados ideias de como atingir a América em pontos vitais, como o são o Pentágono ou o *World Trade Centre*.

Não há dúvida de que os terroristas conseguiram atingir os Estados Unidos e, de uma forma geral, afectar as principais economias do mundo – senão mesmo todo o mundo! E desta forma, qualquer país fica vulnerável. Aliás, a partir de agora, nada vai ser como dantes, a começar exactamente pela necessidade de se reestruturar rapidamente a aviação comercial e novas formas de luta contra os piratas do ar, bem como novas formas de comunicação que permitam a um avião desviado, aparentando normalidade, informar as torres de controle sobre a verdade dos acontecimentos a bordo do aparelho.

Segundo as informações que começam a fluir, os piratas que desviaram os aparelhos – posteriormente utilizados como mísseis contra as Torres e o Pentágono – teriam entrado a bordo com armas brancas. Terão morto os pilotos, sem que os passageiros se apercebessem; desviaram-se das rotas ligeiramente, para não alertar as torres de controlo; e, á maneira *kamicaza*, atiraram-se contra as torres do *World Trade Centre* e o Pentágono (falhando o ouro avião que deveria cair sobre a Casa Branca – não se sabendo até agora porquê, porque, entretantes, cairia numa floresta da Pensilvânia a 100 kms do objecto, não havendo sobreviventes).

Aguarda-se entretanto pelas caixas negras de todos os aviões utilizados pelos terroristas, as quais poderão trazer alguma luz à forma como se poderão das aeronaves.

Outro dado é que o FBI está a passar a pente fino, as listas de passageiros de todos os aviões desviados e utilizados nesta carnificina. É muito possível que os próximos dias tragam cada vez mais informações sobre este ataque terrorista à América.

Nem os mais acérrimos inimigos dos americanos desejavam que isto acontecesse assim, sobretudo porque terão morrido milhares de inocentes, fala-se em mais de 2 mil mortos, numa acção bárbara e que pode ter sido engendrada e realizada por dementes indivíduos

cuja vida estaria já em fase terminal, dai aceitarem colocar-se dentro dos aviões que seriam depois atirados contra os alvos – com a morte certa, como aconteceu.

Os Estados Unidos sabem agora que são vulneráveis e que não podem assegurar a defesa deles e do mundo, como têm pretendido protagonizar. O mundo vai agora reflectir e naturalmente criar mecanismos de defesa e combate ao terrorismo internacional, que tem sobrevivido, em muito, graças as tecnologias dos países modernos, como os Estado Unidos. Este ataque parece saído da *Guerra das Estrelas*. Os americanos «semearam ventos e colheram agora tempestades». Nós em Angola, sabemos bem o que isso é!...

Numa outra vertente, analisando-se impacto dos atentados no seio da população norte-americana, deve dizer-se que está a ser muito doloroso. O povo americano sempre esteve muito protegido pelo seu próprio sistema contra os males de fora. Os americanos não sabem quase nada do mundo. Só sabem aquilo que o Governo americano quer que eles saibam. Pelo que o terrorismo internacional, as guerras, os males só acontecem aos outros.

O povo americano ainda se está perguntado: o que foi que aconteceu? *Quem foi que fez uma coisa destas? Porque esta carnificina? Onde estavam os serviços secretos?* Perguntas que o governo americano terá agora que responder, que explicar ao seu povo. É preciso dizer aos americanos que o mundo fora dos Estados Unidos, existe e tem destas coisas, como aliás dentro dos Estados Unidos também: veja-se o caso Oklahoma!

Agora, tudo mudou! Os Estados Unidos, junto com os seus aliados e, de uma forma geral, todos os países que são amantes da paz, vão estar empenhados na procura de soluções para acabar rapidamente com todos os terroristas do mundo.

Avizinham-se, portanto, um combate serrado contra os grupos de terroristas em todo o mundo, os grupos e os governos fundamentalistas que têm dado cobertura aos terroristas. Será, por isso, de supor que os americanos aproveitem a altura para acabar igualmente com os grupos de terroristas que criaram ao longo dos anos e que ainda estarão actantes por esse mundo fora.

Esta luta vai ser cruel e nela morrerão ainda mas inocentes, porque serão utilizados sistemas de mísseis que serão guiados para

os alvos em qualquer parte do mundo onde se encontrem grupos de terroristas.

O povo americano, esse, vai ter de gerir a tragédia; chorar os mortos do 11 de Setembro de 2001, que já mais serão esquecidos, e ficar a saber daqui para o futuro que, afinal, estas coisas também acontecem aos americanos... nos Estados Unidos!

Vai abrir o espaço aéreo americano, depois da tragédia. Como será que as pessoas vão encarar avaliação comercial? Nada será como antes, podem crer!

Há muitas coisas que vão mudar...

Terror na América II³

Afinal, «a montanha pariu um rato».

Bin Laden, um saudita que reside no Afeganistão sob protecção do Governo talibã, o governo mais fundamentalista do mundo. Foi ele o mentor dos atentados contra as Embaixadas dos Estados Unidos – como devem estar recordados – em 1998, na Tanzania-Dar es Salam e no Kénia-Nairobi, onde morreram centenas de pessoas. Este mesmo individuo, Bin Laden, portanto de nacionalidade saudita, refugiando no Afeganistão, treinado e preparado pela CIA, acaba por se virar contra os Estados Unidos, a quem teria ameaçado há uns dias atrás, dizendo que grandes catástrofes iriam atingir os Estados Unidos.

Assim aconteceu. Exactamente hoje, dia 11 de Setembro, cerca das 13h45 de Angola (08h45 em Nova York) sucedeu aquilo a que já se designa por "*Terror na América*". Digno de um filme do tipo do *Armagedão*, mas desta vez a sério. Visto ao vivo através dos canais de televisão mundiais.

Cenas de arrepiar, com o embate de aviões comerciais contra as torres Norte e Sul do *World Trade Centre*, o coração da economia americana e o Centro de Comércio Mundial, em Maahnatan, Nova Iorque. Conjuntamente, um outro avião despenhava-se contra o Pentágono, em Washington. Tudo isto acontece em simultâneo e perante o olhar atónito d mundo inteiro, que vê em directo, as torres emblemáticas de Nova Iorque, o símbolo do poder americano, ruír uma a seguir à outra. Milhares de vítimas. O caos instalado nas cidades americanas obriga a declarar o estado de alerta máximo e ordena o encerramento imediato de todos os aeroportos, fronteiras terrestres e marítimas. As bolsas de valores mundiais começam a entrar em queda livre e encerram. O preço do petróleo dispara automaticamente. Propaga-se o caos a todo mundo... A NATO reúne de emergência. O Governo Russo reúne de emergência. O de Tony Blair reúne também...

Começam, entretanto, os pronunciamentos dos vários governos mundiais manifestando solidariedade para com os

americanos e condenando este acto terrorista, que passaria pela cabeça de ninguém.

Surgem as vozes que apontaram possíveis autores, países, e começam igualmente as suposições do que poderá ser a vingança dos Estados Unidos! Yasser Arafat aparece a declarar-se chocado, bastante chocado, que se abateu sobre os Estados Unidos e desmarca-se ruidosamente as ruas, contente com estas tragédias...

Em Cabul, o Governo Afegão, vem a público condenar o acto, mais lá vai dizendo que o Afeganistão é o país que mas sofre com o terrorismo. Notem que é ali, em Cabul que se esconde o homem que anunciou a dias atrás aquilo que hoje aconteceu na América, o terror na América, e que foi o autor dos ataques as embaixadas Américas em África em 1998.

Uma coisa é certa: nada voltara a ser como dantes. Algo vai mudar no mundo. Quiça terceira grande guerra mundial tenha começado exactamente hoje e ali no coração dos Estados Unidos.

A guerra que se esperava é exactamente esta. Nada convencional. Os Estados Unidos foram atacados com aviões comerciais das suas próprias companhias aéreas, desviados por suicidas, até agora desconhecidos. Aviões comerciais desviados utilizados como mísseis contra as torres do *World Trade Centre* e contra o Pentágono, exactamente o coração da defesa americana.

Os americanos podem agora, com conhecimento de causa, continuar a defender que o terrorismo mundial precisa de ser duramente combatido, acaba de sofrer o maior ataque terrorista do mundo. E contra ataques desta natureza nem os escudos contra mísseis que dizem andar a construir (e que já testaram) são eficazes! Só realmente o mundo inteiro civilizado unido pode acabar com este terrorismo mais os americanos também ousaram em tempos armar terroristas e podem hoje sentir na carne os efeitos terríveis de indivíduos que acabam por ser anormais, armados por si, treinados por si, cujo os povos, um pouco por toda a parte, tem sofrido igualmente esses efeitos...

O terror que hoje se vive na América mata uma viragem na história da humanidade. Nada voltará a ser como antes, podem crer!

ENCONTREI O SOL

-Por aqui é assim! Chuvas constantes, dias enevoados, uns atrás dos outros e a gente não aguenta mesmo! Então vem uma hora que nos mandamos em busca do sol! Cá comigo é assim mesmo! E onde o encontro, fico lá com ele, até recarregar as baterias.

È que, viver nas europas não é coisa que agrade não! Não suportaria viver, por exemplo, na Inglaterra, Deus me livre...

Mas não é só o mau tempo, enevoadado, chuva miudinha, mola tolos, como soi dizer-se, nevoeiro, frio, muito vento. Não...é também o factor espaço/liberdade! Lá pega-se num carro e é sempre cidades, vilas e aldeias, muita gente junta, pouco espaço livre! Percebem o que pretendo dizer...por aqui não!? A gente anda kilometros e kilometros, sem ver viva alma. É uma sensação de espaço, liberdade!

Comigo é assim, essa sensação, essa vontade de viajar á procura do sol! E onde o encontro, fico com ele por alguns dias! Carregar o organismo da vitamina D, ficar bronzeado, sem aquela cor anémica...enfim, o sol, o mar junto com a família! Carregar baterias é o que se usa dizer, para depois voltarmos ao batente, onde as coisas estão difíceis, porque, parece que, até para aqueles que nos utlizam e costumam pagar religiosamente, começam a aparecer dificuldades, e vai dai, fazem-nos esperar, a nós e a quem depende de nós. Por isso, convêm fazer uma fuga para a frente, esquecendo momentaneamente os problemas, mais os dias sem sol, enevoados e com chuva molha tolos.

Escrever perante estas imagens, perante este cenário, faz com que aliviemos o stress, bastante prejudicial á saúde nos dias de hoje.

E depois deste escape, a volta é sempre bastante profícua e cheia de um novo alento, um novo vigor, para enfrentar-mos os grandes problemas do momento...

Perante este cenário, um sol escaldante, areias brancas, um mar azul e uma ligeira briza, a escrita pode ser fácil!

Apetece escrever qualquer coisa, mesmo um tema como este que serve perfeitamente para preencher este espaço...bom dia

17/6/2001

HREIS

24 Horas na Tunda dos Gambos⁵

Tivemos, há poucos dias, a oportunidade de visitar a aérea da Tunda, no Vale do Tchimbolelo, e apreciar *in loco*, o imenso trabalho que por ali vai!

Falar com gente que ali habita, com gente que ali demanda de quando em vez, com gente ali esta a investir na pecuária em grande escala, no turismo de dimensão internacional, inclusive com agentes da autoridade que no terreno estão combatendo os caçadores furtivos que andam a abater elefantes e outras espécies da nossa fauna. Enfim, conversamos com varia sensibilidades, tentamos ver o tal de conflitos de terras daquela área, mas não conseguimos percebê-lo, porque na realidade encontramos paz e harmonia, muito trabalho, muito investimento, numa terra que promete dar-nos o fruto deste trabalho, desse investimento, num futuro que se esperava breve...

Empresários da Huíla e de outras Províncias do país, como Luanda, têm vindo a investir ali os seus dinheiros de uma forma extraordinária, com sacrifício, é certo, mas em obras de muito bom gosto. As gentes da aérea dizem-se beneficiadas porque já há escolas bem no interior da Tunda, postos de saúde e trabalho. Havendo trabalho há comida. Há água nos furos que cada empresário mandou fazer e isso tem beneficiado, também as populações que vivem à volta de cada fazenda, de cada empreendimento...

Era nosso objectivo participar numa reunião de fazendeiros, com a presença do Sr. Governador Província. A mesma foi dada por 24 horas, mas lá estavam todos aguardando, para ver quais as medidas que o Governo tomará com vista a normalizar a vida de toda esta região, que engloba ainda o grande Parque Bicuar – que não foi inventado pelo MPLA, como dizem alguns infantes da nossa praça política – mas é, antes, uma reserva de caça protegida, um parque nacional demarcado ainda no tempo e nos primórdios do século XX. Vem isto a propósito da necessidade de se proteger mais o Parque do Bicuar e fazer com que todos os proprietários de fazenda naquela área possam participar na defesa daquela reserva natural, metendo o Bicuar no meio de si e colaborando com as forças especiais no combate que é preciso travar contra os grupos de caçadores que por ali andam, fortemente armados, a abater elefantes e outra fauna.

Isto é uma parte do problema. Vamos agora à questão que se prende com o chamado conflito de terras da Tunda e que, repetimos, do qual não vimos nada se pareça com um conflito. Porventura esse conflito existe sim, mas aqui no Lubango, na mente de algumas pessoas que, se calhar nem tem nada a ver com isso.

«Gente de fora não racha lenha», diz o velho adágio. Parece-nos que anda agitador no meio de tudo isto!

Agora é preciso que o governo defina muito bem (e isso a nível central) o lugar de cada assunto. Por um lado, o sector empresarial que investe seriamente na área da pecuária, com vista a produzirmos muito rapidamente gado de qualidade em moldes modernos e em quantidade; por outro, o sector autóctone, transumante que usa andar de um lado para o outro, percorrendo grandes distâncias à procura de água e pasto para o seu gado tradicional. É certo que isto é secular, mas esta prática é sinónimo de pobreza e é sinónimo também de que o Governo nada tem feito no sentido de fixar essas populações nómadas, criando potos de água que possam fixar esses pastores e gados, evitando que os mesmos andem grandes distâncias para beber água, sem qualidade, apanhado doenças que depois não conseguimos controlar e fazendo com que o nosso país seja considerado altamente infectado no tocante às pragas da pecuária e marcado a vermelho no mundo da veterinária.

Portanto a transumância é sinónimo de pobreza. Depois, a coberto da transumância tem acontecido muito oportunismo, muita situação que realmente nada tem a ver com os autóctones que usam a transumância. Até porque não se compreende lá muito bem que se faça transumância numa área onde a água é de furos! Há porem situações curiosas e caricatas: por exemplo, junto a um rio, é mais que perto ir ao rio passando ao lado da fazenda empresarial do que passar pelo meio da fazenda. Contudo, teimosamente e com propósitos que não enxergamos, passam é pelo meio da fazenda. Compete ao Governo prospectar e furar nas áreas de origem dessas populações e fazer com elas se fixem, criando todas as condições necessárias a sua vida lá na sua área de origem.

A transumância é sinónima de pobreza. Precisamos combater a pobreza. E este tipo de pobreza parece-nos grotesco. Senão reparem: são pastores nómadas, donos de centenas de cabeças de gado, que não é tratado, que anda de um lado para o outro com doenças, infectando outros animais, a sua passagem. Depois esses

hábitos precisam de começar a ser esbatidos através de programas de desenvolvimento no seio dessas comunidades, fazendo-lhes ver quais as vantagens de criar gado em moldes mas modernos criando-lhes hábitos de consumo de carne, pois que se assiste, particularmente em épocas de seca, estarem essas Populações a passar fome, e não abatem uma cabeça de gado, nem mesmo o velho boi para da de comer a família! Se o PAM não aparecer, morrem de fome...Que me desculpem os antropólogos, mas estes hábitos são de pobreza!

São precisos programas específicos, do Governo que possam ajudar a mudar estas formas erradas de ter gado que, como já se viu prejudicial para todos.

É preciso decidir definitivamente, o que se pretende em termos de desenvolvimento: se um sector empresarial forte, criador de gado em moldes modernos, capaz de cortar definitivamente a importação de carne para o nosso país, um sector empresarial dinâmico como o que realmente ali se encontra e que tivemos a oportunidade de visitar, de ver, cheio de guerra e com vontade de vencer; ou, então, o sector tradicional criador de gado que não evolui, que tem centenas de cabeças de gado, sem água e sem pasto, cheio de doenças e que anda de um lado para o outro, sem que tal redunde em benefício próprio ou da nação. Muitas dessas cabeças necessitam de abate. Estão velhas e deveriam dar lugar a novos animais. Na verdade, o problema dos pastos, e da água dogado autóctone reside no excesso. Pascem Y animais em áreas onde, tecnicamente, só deveriam pastar X, sem renderem nada, absolutamente bada nada e sujeitos, ainda às secas e a todo tipo de doenças, colocando em risco outras áreas do país, em termos de saúde veterinária

O Governo deverá dizer quais as áreas onde essa transumância se pode praticar. Até porque um conflito de terras não se justifica num país com tão poucos habitantes e onde a terra, por enquanto, ainda sobra...

Urge, no entanto, definir quais as áreas onde transumância se pode efectuar e criar programas de desenvolvimento que mudem mentalidades e extirpem velhos e caducos hábitos, como este da transumância, que é sinal de pobreza.

Naturalmente que desenvolvimento económico que preconizamos dever ser harmonioso e não deve trazer conflitos ou

desequilíbrios ambientais. Recordo-vos aqui as palavras de S. Eminência o Arcebispo do Lubango, D. Zacarias Camuenho, a propósito do assunto e cito:

«(...) Eu próprio me sentei lá, nos Gambos, com as autoridades, e disse-lhe que nós temos capital – terra, mas também o branco tem capital – dinheiro.

Nós, apenas com o capital terra não vamos a lado nenhum. Portanto, temos juntar o útil ao agradável. Havia lá alguém como que a estrebuchar dizendo que não havia escolas, que não havia água. Mas vamos fazer com que os que têm capital dinheiro ponham lá a escola, ponham lá água (...) creio que esta mensagem tem passado e vai continuar a passar, julgo eu ...» (Fim de citação)

O Conflito de terras também existe aqui no Lubango, em mentes retrógradas e oportunistas, que procuram pegar fogo ao circo para dele, depois tirar dividendos políticos e, até económicos...

Os jornalistas em Luanda, escrevem e falam, mostrando uma imagem distorcida da realidade. Tal acontece porque ainda não fizeram o que eu fiz uma deslocação ao terreno; ficar ali com aquela gentes, escutar todos os lados, analisar todos os ângulos do tema, conviver com ambos os lados e, depois, informar com verdade, despidos de preconceitos raciais ou de outra espécie. Informar e formar, imbuídos de um saudável sentimento patriótico, e com lucidez, apontar os melhores caminhos do desenvolvimento que precisamos trilhar o mas rapidamente possível, a fim de sairmos deste enorme atraso em que nos encontramos.

Tal como se apresenta nas nossas terras, a transumância é sinal de pobreza. E, como tal, deve ser banida, devendo o Governo criar departamentos e programa para combater este tipo de mentalidade de gente pobre com riqueza, mas uma riqueza de riscos porque sujeita às doenças e à seca!

Áreas de criação de gado em termos empresariais não se coadunam com área de transumância, porque a última coloca em risco altos investimentos em matéria de saúde animal.

Cada coisa no seu devido lugar, com definições coerentes...para não dar «uma no cravo e outra, na ferradura».

Luta contra o sarampo I

Já bem entrados no século XXI, e eis-nos aqui a braços com enfermidades que, nos países ditos do 1º mundo, nem sequer conhecem a sua existência.

A Huíla está a braços com uma epidemia de sarampo que causa enormes baixas no seio das crianças!

Se bem me recordo, nos meus tempos de criança, existia o sarampo, e recordo a minha mãe, que Deus a tenha no seu descanso eterno, dizendo: «sarampo, sarampelo, sete vezes vem ao pêlo»!

Recordo o que fazia na altura (e que ainda hoje se faz), que é forrar o quarto de vermelho, pôr lâmpadas vermelhas e vestir o doente de vermelho!

Hoje, sei que isso não resolve nada e que o sarampo é apenas uma manifestação natural, havendo apenas que ter o cuidado de evitar que o doente saia de casa, para que não apanhe aragens malignas. Não se tomava absolutamente nada, a não ser um chá de sabugueiro e, ao fim de oito dias, estava-se curado.

Que esta acontecer nos nossos dias, aqui na Huíla, e mormente no Lubango, é que o sarampo se manifesta nas crianças, sobretudo da periferia da cidade, onde falta de tudo. Entretanto, não há o cuidado de evitar que a criança com sarampo apanhe constipação. Depois de ela apanhar o resfriado, que não é tratado, logo vem a pneumonia e longos dias de sofrimento. Quando, por fim, resolvem levar a criança à pediatria, é tarde, muito tarde! Geralmente esta já vai tão debilitada que o desfecho é previsível e trágico.

Queremos chamar a atenção das mães, sobretudo na periferia da cidade. Actualmente, já existe uma vacina contra o sarampo.

Encaminhem-se aos postos de saúde dos vossos bairros e vacinem os vossos filhos contra o sarampo!

Depois, se a criança apanha o sarampo, atenção: pega-se às outras crianças, sobretudo se ainda não tiveram! Lembra que, «sarampo, sarampelo, sete vezes vem ao pêlo». Por isso, debes isolar a tua criança, evitando a todo o custo que apanhe constipação e correntes de ar. Se a tua criança com sarampo por acaso se

constipar, leva logo ao médico! Não deixa agravar! Toma nota disto: o importante, quando a criança apanha sarampo é evitar que ela saia de casa, ara não se constipar! Deve ficar na cama, até curar...

Mas devem vacinar a criança contra o sarampo! A vacina é importante e defender, fazendo com que, diminua a força do sarampo, se por acaso apanhar.

Não esquece que o sarampo é transmissível, que dizer, pega-se às outras crianças...

Luta contra sarampo II

Os usos e costumes dos nossos antepassados, que passam de geração para geração, deverão ser respeitados e actualizados na medida do possível.

Vem isto a propósito de as nossas mais velhas terem ensinados as jovens mães, por exemplo, que quando a criança apanha sarampo, se deve forrar o quarto, a lâmpada e ela de vermelho, fechando tudo!

Actualizando o problema, devemos reflectir sobre o essencial para tratar a criança e o essencial é: manter a criança em casa, agasalhada, para evitar que apanhe corrente de ar, se constipe e possa pegar às outras crianças. É preciso reforçar os cuidados com a alimentação, pois o sarampo debilita o organismo; a criança não tem vontade de comer e é preciso obriga-la a ingerir alimentos. O forrar a casa de vermelho, não ajuda grande coisa, mas...se acharem que sim, façam-no! Contudo, tomem nota: o importante é que, ao primeiro sintoma de febres altas, consultem o posto de saúde ou o Hospital Pediátrico. Se assim fizerem, saberão exactamente o que se passa e serão tomadas as primeiras medidas profiláticas.

Para evitar que o sarampo possa vir com muita força, aconselhamos a quem dêem a vacina às crianças. Nos postos de saúde existem vacinas contra o sarampo. A vacina pode não imunizar completamente, mas cortará a força do sarampo se a criança o contrair.

O Sarampo é, neste momento, uma das causas do elevado número de mortalidade infantil em Angola. Precisamos de combater esse mal, vacinando as nossas crianças logo a partir dos 9 meses e até aos 5 anos de vida.

Vamos vacinar as nossas crianças contra o sarampo!

Luta contra o sarampo III

O sarampo é uma doença grave que causa muitas mortes e outras complicações: São complicações comuns do sarampo: a pneumonia, a broncopneumonia, a infecção dos ouvidos e, até, diarreias. Essas complicações podem deixar consequências para o resto da vida, como por exemplo: a diminuição da capacidade mental e problemas vários de visão ou de audição. Dados actuais apontam o sarampo como uma das doenças que mas mortes vêm causando no seio das suas crianças.

Talvez convenha às pessoas saberem bem o que é o sarampo e como se propaga. Uma pessoa sadia apanha o sarampo quando fica em contacto directo com um doente. O vírus transmite-se através de objectos como mamadeiras, chupetas, bicos e outros objectos pessoais contaminados pelas secreções. Mas essa não é a forma mais frequente. Os espirros ou o tossir de um doente contamina imediatamente o ar que todos respiram e daí o poderem as pessoas contrair o sarampo.

Para combater esse terrível flagelo é preciso que as crianças sejam vacinadas, a partir dos 9 meses e até aos 5 anos!

Aquando das grandes campanhas de vacinação, leve a sua criança às brigadas móveis de vacinação que lhe baterão à porta.

Vacine as crianças e ajude a erradicar as doenças que são a causa de sermos o país do mundo onde morre mais crianças.

Vamos vacinar as nossas crianças...

Luta contra o sarampo IV

O que é o sarampo? Perguntam muitas mães ainda hoje. O sarampo é uma doença muito contagiosa, causada por um micróbio – o vírus do sarampo – que passa de uma pessoa para outra com muita facilidade.

O vírus do sarampo entra no organismo da pessoa pela boca ou pelo nariz. Quando isso acontece, geralmente dez dias depois, essa pessoa apresenta febres altas, dor de cabeça, irritação nos olhos (que ficam avermelhados) e tosse seca com catarro.

Após esse período, que pode durar entre três e sete dias, surgem manchas vermelhas em erupção. Essas manchas aparecem inicialmente atrás das orelhas, depois no rosto e, a seguir, em todo corpo. Permanecem quatro ou seis dias e, finalmente desaparecem.

Logo aos primeiros sintomas de febres e dores de cabeça deve-se consultar o posto de saúde e procurar saber porquê dessas febres. Se assim fizer, a sua criança será de imediato assistida e verá que o problema poderá não ser grave. Por outro lado, logo que isto acontece, é preciso ter mais cuidado com a criança, porque ela vai ficar muito fraca e, por isso mesmo, é preciso obriga-la a ingerir líquido, muitos líquidos e alguns alimentos, para evitar a fraqueza. Depois, é necessário também ter um cuidado com o apanhar de constipações, de bronquites ou pneumonias.

Quando isto acontece, é muito grave a criança.

Por isso não deixe que o sarampo mate a sua criança. Aos primeiros sintomas de febre leve-a ao posto de saúde mais próximo ou ao Hospital Pediátrico!

Lembre-se que a melhor coisa para evitar o sarampo é a vacina, indicada pelos médicos a partir dos nove meses e até aos cinco anos de idade, sendo aplicada com seringa e agulha

O doente deve ser levado para a unidade sanitária mais próxima a fim de receber orientações sobre os cuidados com os sintomas e, se necessário, iniciar o tratamento das possíveis complicações.

Vacine a sua criança...vacinar é proteger!

Luta contra o sarampo V⁶

Sarampo, doença infecciosa ajuda, viral, transmissível e extremamente contagiosa, muito comum na infância.

Ela transmite-se de pessoa para pessoa, através das secreções nasofaríngeas, expelidas ao respirar, falar, tossir ou respirar. O período de incubação, após tê-la contraído, é de 10 dias, em média.

O que fazer, numa região onde o sarampo começa atacar?

1. Investigar todos os casos suspeitos de sarampo utilizando a ficha de investigação epidemiológica.
2. Realizar busca activa nas unidades de saúde, campos de deslocados, escolas, creches e centros nutricionais.
3. Realizar vacinação na área de ocorrência dos casos. Deve-se envolver toda a sociedade nestas acções, mobilizando líderes de opinião e pessoas e pessoas que quando falam merecem muita atenção, pois o que dizem é tido por sagrado e, normalmente, cumpre-se.

Estas são acções dirigidas aos serviços de saúde para combater rapidamente o surgimento desta doença que se chama sarampo ou outra qualquer que eventualmente possa surgir:

Entretanto, os países devem saber quais os cuidados primários de saúde a ter com as crianças. Vacinar e proteger. Razão pela qual se torna conveniente ter as vacinas em dia.

A vacina contra o sarampo é dada a qualquer posto de saúde ou nos hospitais. Deve ser ministrada entre os nove meses e os cinco anos de idade.

Vamos vacinas as nossas crianças, para as proteger...

III.CONTRIBUTOS À DEMOCRACIA / CIDADANIA

Contributos para a democracia e para a cidadania

O autor é jornalista de opinião. Autor de críticas em todas as áreas da vida social, económica, política e cultural. A sua forma de criticar, que resulta de uma longa aprendizagem e convívio com os melhores profissionais, procura não só apontar o que está errado mas, sobretudo, dar um parecer, apontar um carinho, sugerir uma saída para resolver o problema.

Os textos que se seguem são algumas crónicas, notas de redacção, apontamentos, editoriais, entre outros espécimes de difícil catalogação, que o autor assinava e apresentava de viva voz aos microfones da estação radiofónica rádio 2000, na qual exercia o cargo de director de informação e de programas. Infelizmente não conseguiu guardar vasto espólio de sua autoria, ao longo de mais de 40 anos de radialista...

De segunda a sexta-feira, depois das 8:00 ou às 12:00 horas, com a reposição das 18:00 e às 19:00 horas, pretendia atenção de um vasto e interessado auditório. Quando, por qualquer razão, a nota não aparecia, as pessoas perguntavam logo o que se passava e quantas vezes correram boatos de género: «Olha, o governo proibiu-o de falar...»

Mas não. Nunca fomos coagidos a não escrever ou a deixar de falar fosse sobre o que fosse...

O Governo e o partido maioritário que governa tiveram e tem sempre a maior atenção para aquilo que diariamente se dizia e se diz nesta estação radiofónica, aliás, ela detém uma significativa fatia de audiência que justifica tal atenção e respeito.

Muitos dos problemas elevados encontram solução imediata, pela sua simples denuncia ou aperto público sabemos, de facto, o que se passa no nosso dia a dia: as coisas ficam escondidas por inércia, por incapacidade ou por indisciplina. Os direitos dos cidadãos são constantemente atropelados e violados, seja por estrutura, governamentais, seja por privadas. A denuncia de tais atropelos torna-se imprescindível para que, ao mais alto nível, haja conhecimento dos mesmos e se possam assim corrigir os erros e devolver aos cidadãos os seus direitos.

São verdadeiros contributos para a cidadania. Podermos encontrar neles o sentimento da maioria.

Ao longo de anos que desta voz se tem levantado em defesa dos que não a têm, focando as violações aos direitos humanos, agindo em prol dos mais necessitados ou em defesa de uma justiça igual para todos.

Quiçá valha a pena reler esses artigos, porque serão sempre alertas para a democracia. Contributos para a cidadania.

A cidade em crise

A cidade do Lubango atravessa uma das suas piores crises do seu período pros independência. Nunca tínhamos chegado a tão baixo. Não sei se já batemos no fundo, mas oxalá que sim! Pois, é difícil imaginar o pior. Só falta meso ficarmos como Benguela, sem asfalto, que quando chove andam de canoa e de 4x4!

Falamos a dias das mortes na maternidade porque o gerador que ali foi colocado deixou de funcionar, talvez porque, quando ali se colocou a máquina ninguém disse as pessoas que o gerador, para além do gásóleo precisa também de mudar óleo, filtros, e outros consumíveis...

Ai Lubango, Lubango, quem te viu e quem te vê...

Falamos, a dias, na questão das viaturas funerárias e das ambulâncias: tudo destruído e ninguém pede responsabilidades! Também é verdade que ninguém solicita o serviço das as ambulâncias, quanto mais carros funerários...

Mas, a verdade é que o Governo Provincial, que deveria pedir responsabilidade a quem te seu cargo o zelar pelo bom funcionamento dos equipamentos, sejam eles os carros fúnebres, as ambulâncias ou os geradores, parece atravessar uma crise de autoridade. E há vários tipos de crise; este é um ramo da crise...

Mas, hoje, vimos aqui com esta nota para falar acerca de outra grane desgraça que por ai vai: O lixo.

O lixo da cidade não é removido porque os carros do lixo avariam! Então é ver os contentores a abarrotar de lixo no meio das ruas e não há soluções, pelos vistos... Compete ao Governo Provincial resolver essa crise dos carros do lixo! Mas, por favor, não nos venham dizer que isso não é importante porque, problemas de saúde, já nós temos muitos e este do lixo da cidade pode agravar ainda mas as questões de malária, de doenças diarreicas aguadas, cólera, etc.

Ponhamos o dedo na ferida: *os serviços comunitários têm mesmo responsável?* Aliás, desde há muito tempo que as pessoas questionam se o Município do Lubango tem realmente timoneiro...É que a cidade está completamente paralisadas! Os meios estão todos a estacar e a cidade começa agora a sofrer os efeitos deste completo

e continuado desleixo: só falta mesmo é ficar como Benguela, sem asfalto...

Entretanto, andam por ai recolher lixo com um pequeno atrelado e um tractor impróprio e fora de horas! Diga-se, em abono da verdade, que mesmo o carro de lixo apropriado fazia também em horas impróprias!

Mas no meio desta crise, não seria possível mobilizar outros meios do Administração Municipal ou do Governo Provincial para acudir à gravidade da situação, no tocante à recolha do lixo?

Portanto, como se pode ver, a nossa cidade atravessa uma das suas piores crises de sempre!

Agora que a chuva começou, os problemas vão agudizar-se e não nos parece que a Gestão Municipal tenha pessoas capazes de acudir aos problemas com eficiência e atempadamente.

Aqui fica o reparo de quem vê a cidade todos os dias de ângulos diferentes! Porque se vimos a cidade apenas a partir do Largo Comandante Cow-boy, teremos de certeza uma visão errada!

A velha rede chegou ao fim depois de mais de 50 anos

Teve lugar, no passado dia 22 de Janeiro do corrente ano, a primeira reunião ordinária do Conselho da Província.

Ao contrário do que se esperava, a situação energética da Huíla, mormente do Lubango, não fazia parte da Ordem dos Trabalhos.

Na realidade a cidade do Lubango está a braços com um grave problema desde a cerca de 15 dias. Sucintamente, o cabo principal, o chamado "saída 3", que fornece energia a mais de meia cidade e que tem mais de 40 anos, começou a ceder em vários pontos da cidade. Note-se que este cabo, com cerca de 25 mm de diâmetro, tem mais de 50 anos. Passa por debaixo de ruas e de edifícios; tem 3 quilómetros de extensão e esta a desfazer-se devido ao desgaste e à velhice. Em tempo de chuva a situação agrava-se, pois a passagem da humidade ocasiona constantes curto-circuitos.

O trabalho exaustivo das equipas da ENE é frustrante. Remendam aqui, ligam ali, mas logo rebenta acolá. E isto acontece há mais de 15 dias. Inclusive, há a lamentar a morte de um trabalhador, por electrocussão, devido á forma coagida com estas equipas têm vindo a trabalhar sob o olhar inquisidor da população inteira a reclamar porque as suas vidas giram á volta da energia! Só quem tem gerador é que não sente esta verdadeira tragédia que por aqui se instalou na energia!

Em meados do ano passado, S. Exa. o Sr. Governador da Huíla afirmou, num encontro com a forças vivas da província, que o Governo fez um esforço enorme, e continua a fazer, na recuperação dos grupos da Barra da Matala e, depois disso na instalação de uma central termoeléctrica alternativa do Lubango. Tudo isto no ano passado! Na mesma altura, S. Exa. disse-nos que ficava por realizar a remodelação na linha de transporte e depois a da rede de distribuição do Lubango – que tem cerca de 50 anos – mas, que tal acção, só poderia ser feita daí a dois anos, altura em que se esperaria haver dinheiro para tal. Questionamos se, por acaso, a rede da cidade iria aguentar até lá a verdade é que não aguenta! E com a agravante de a ENE – Regional Sul não ter ATM que lhe permitia sequer remediar.

Não tem cabo das várias secções necessárias, para fazer remendos! Não tem *Sheterton*, para isolar as caixas de junção. Está, à falta de melhor, a utilizar alcatrão, que não é próprio! Não tem ferramentas especializadas que lhes permitam operar com segurança e com rapidez – ajudaria bastante um detector de avarias! E muitas outras coisas mais, sobretudo em matéria de protecção aos trabalhadores!

Sabemos muito bem que a ENE é agora uma Empresas Publica! Quer dizer, é estatal, mas não depende do orçamento Geral do Estado. Melhor seria se a privatizassem, porque na realidade, os custos de produção são superiores aos dividendos da facturação. Além de que os meios estão completamente obsoletos. Serão precisos milhões e milhões de dólares para que a energia do país volte a cumprir o seu papel...

Voltando aqui no Lubango, que é neste momento o que realmente nos deve preocupar: *meia cidade esta á escuras. Por acaso esta situação já foi analisada? Já se passou em mandar vir um cabo para remediar aquela situação? Ou vamos ficar com mais de metade da cidade às escuras?*

Nós estivemos, a noite passada, junto das brigadas que remendavam o cabo. Lá estavam os directores e muitos populares. É frustrante perderem-se horas e horas a remendar aqui o cabo, ligar e, logo de imediato, rebentar num outro local.

Mas eles vão continuar porque os consumidores não têm culpa e é preciso lutar. No tempo das vacas gordas não se fizeram os investimentos que era possível fazer. Pois havia dinheiro. Hoje com crise económica que temos, a energia para a cidade não é, nem mesmo assim, prioritária!

A cidade já não aguenta mais, os cabos estão velhos. É preciso fazer-se algo! O Namibe está a conseguir resolver o seu problema de cablagem eléctrica.

E nós por aqui? Vamos continuar às escuras?

Pensamos que não, que algo devera ser feito, se é que não está já a ser feito...Aguardemos, mas as arcas e as geleiras, a vida das pessoas, a vida da cidade, essa... vai ficando cada vez mais degradada.

«Água dura em pedra dura...»

Falar aqui dos problemas citadinos resulta naquilo que é vulgar ouvir-se: «água mole em pedra dura, tanto bate até que fura».

Está-se, finalmente, a tapar os buracos das ruas da cidade! «Mais vale tarde do que nunca».

Também começou a reparação das chamadas ravinas, junto à Rádio 2000, e a Ponte do Bairro da Lage. São tarefas ainda muito tímidas, mas que, finalmente, começaram!

Entretanto, no tocante ao “tapar buracos” é imperioso que não se pare. Se possível até, que se estenda também as transversais da cidade, porque há por ai situações lastimosas e de barbas brancas. Alguns exemplos, entre muitos possíveis: um junto à *Mabílio de Albuquerque Comercial*; outro junto à *Auto Peças*; um outro junto a *Padaria Milay*. Estes buracos têm anos de existência. Há outros que, sendo mais recentes, ganham em perigosidade. É o caso do que existe em frente da *Tropicana*, onde alastra já a meia rua e convive com o mau estacionamento de um elevado número de viaturas. Curiosamente, aqui tudo se conjuga para dificultar a vida aos automobilistas: a obra do cruzamento, os vendedores de pão no meio da estrada e, ainda o contratempo das obras em curso, que obrigam ao descarregar de pedra e areia na estrada. E, por incrível que pareça, não apareceu nenhum fiscal a tomar as medidas previstas nas posturas municipais!

Em suma, aquela situação carece urgentemente da intervenção da fiscalização e se, por acaso, houver compadrio para tudo aquilo acontecer e passar impunemente, então a polícia deve destacar agentes para regularem o trânsito. Estamos a falar exactamente do local onde se situa a nova Agência de Viagens e *Rent a Car*, Tropicana.

Entretanto estão a tapar-se os buracos da cidade e deve-se dizer que essa tarefa vai ser grande porque há bastante tempo que se apenas se abrem buracos. Toda a cidade merece de uma profunda operação tapa-buracos. Oxalá a emulsão chegue, porque há ruas de cidade que são uma calamidade. Até agora, apenas se tem tapado os buracos das ruas principais. As transversais nunca foram beneficiadas, nem sequer com uns míseros remendos...

Mudemos, agora, para as águas. Há aqui, junto á casa do desportista, uma fuga de água que esta a danificar fortemente o asfalto – para além do desperdício que isso representa. *Será que ninguém comunicou ainda aos serviços?* Isto dura acerca de 15 dias...

Já agora que se está final e visivelmente trabalhar nas ruas da cidade para quando será a reparação definitiva Daquele troço junto á casa de pedra, a caminho da Mapunda. Aproxima-se a inauguração da *Coca-cola* e, naturalmente, que aquilo é uma má imagem para as visitas!

E a propósito de visitas: aproxima-se o 11 de Novembro, dia da Independência, habitualmente aproveitado para cortar fitas, um pouco por todo o lado...

Porque não aproveitar-se para resolver a questão de todos os buracos da cidade?

Morrer na Maternidade, em vez de nascer⁷

Maternidade do Lubango, sem gerador há mais de quatro dias.

Recém nascidos morrem por falta de energia e oxigénio para incubadora!

Na hora da cesariana, depois do primeiro golpe, a luz foi. Felizmente durou apenas um minuto e meio o corte de energia, porque se fosse mais, a pateira morria...

A Maternidade do Lubango precisa de apanhar um cartão vermelho porque, nos tempos que correm de falta quase permanente de energia, não se admite que o gerador funcione. Mais grave ainda é quando o responsável alega desconhecimento de que o gerador avariou, há mais de quatro dias. Desta forma, não se pode considerar responsável, pois desconhece o que se passa na casa que dirige.

Urge que o Governo da Província comece a responsabilizar os responsáveis de cada sector, pedindo-lhe contas.

Morre-se na Maternidade por falta de energia que, nesta altura, é quase permante. Mais : a ENE, não é sensível a estas questões, como aliás o provou, não só nesta como em outras alturas!

Mas, mais grave ainda, será a Maternidade ter um grupo alternativo de energia que, naturalmente por relaxe, falta de manutenção e de assistência, deixou de funcionar – com o desconhecimento do próprio responsável pela Maternidade!...

Precisamos de responsabilizar os encarregados de todas as áreas, sobretudo aquelas em que a vida humana está permanente em jogo, como no caso dos hospitais.

O Governo em tempos comprou um grupo de gerador que colocou na Maternidade do Lubango, como o fez noutros Hospitais, em áreas vitais da cidade, para minimizar as falhas energéticas. Uma Maternidade necessita de ter permanente energia eléctrica, pois ter filhos acontece a qualquer hora. Está, porém, provado que acontece no período nocturno! Daí, pois que não se entenda que o grupo gerador da Maternidade esteja de tal forma, ao ponto do responsável desconhecer que o mesmo parou há quatro dias! Isso demonstra, aliás, o tempo que esse responsável perde na estrutura que dirige, bem como o pouco que se preocupa com o seu funcionamento!

Isso é grave e deve ser pretexto para o Governo começar a pedir responsabilidades pelos acontecimentos...

Naturalmente que o corpo clinico da Maternidade deverá sentir-se desesperado, frustrado, quando vê fugir-lhe vidas humanas por entre os dedos, apenas porque o gerador que deveria estar operacional não está. Porque, quem deveria zelar pelo seu bom funcionamento, *não está nem ai!!!*

Urge que se comece a pedir responsabilidades e a e a punir os culpados!

«Em Abril, águas mil...»⁸

Março tem sido e continuara a ser, até ao fim, o mês das chuvas nesta região. A precipitação pluviométrica deste mês atinge os trezentos mililitros por metro quadrado.

Acontece, porem, que a cidade não estava preparada para tanta chuva. Aliás, a cidade não esta preparada para nenhum tipo de catástrofe! Porque ela carece de estudos aprofundados sobre o saneamento base, nem tem áreas de crescimento devidamente planeadas e executadas.

Temos a «cidade do asfalto», como costumam dizer-se arrebentar pelas costuras, porque onde viviam 60 mil habitantes, em 1974, vivem hoje mais 100 mil. Exactamente nas mesmas infra-estruturas que, como todos sabemos, não cresceram! O que cresceu foi a construção anárquica, os chamados bairros de adobes, á volta e dentro cidade. É natura que, com toda esta chuva, se estejam a ressentir! Urge, por isso, tomar medidas no que concerne a encontrar os terrenos necessários para encetar uma autoconstrução dirigida, planificada e capaz de albergar as pessoas que se encontram em zonas da cidade onde se construiu clandestina e anarquicamente. É preciso agora um esforço enorme do Governo no sentido de ajudar essas pessoas a construir legalmente e com maior qualidade lá onde foram determinado, ajudando-as na alguma coisa e colocando lá, onde foi determinado, o saneamento básico, os acessos, a água, a luz e outras condições mínimas de habitabilidade. Mas, atenção: na hora da mudança, não esquecer de deitar abaixo os casebres que hoje ocupam clandestinamente grandes e nobres zonas da cidade, para evitar que de imediato sejam repovoadas por novos inquilinos ou alvo de «negociatas» imobiliárias...

O excesso de chuvas que se tem abatido sobre a cidade está a degrada-la ainda mais. Contudo, há medidas que podiam ter sido implementadas em tempo seco para prevenir estas calamidades e não se tomaram. Por exemplo, a Serra da Boca da Humpata tem sido vítima da devastação da vegetação e das pedras. O resultado é que as barreiras estão aceder. Mas grave ainda é que as valetas estão entulhadas com pedras, terra e outros lixos originando que as águas estejam a correr livremente elo asfalto. Ora, isso vai danificar o asfalto rapidamente.

Então, os serviços comunitários deveriam providenciar uma brigada para limpar o mais depressa possível as valetas da serra. Outra situação igualmente caricata é a queda dos eucaliptos na Avenida da Senhora do Monte. Felizmente ainda ninguém se feriu. Mas. A continuar a chover como está, é natural que ainda alguém possa vir sofrer consequências nefastas devido à queda de mas alguns eucaliptos. Está á vista de toda a gente quais os eucaliptos que estão em vias de ceder, pois apresentam-se inclinados e com a raiz á mostra, na berma da estrada. Então, porque não retira-los imediatamente, prevenindo o acidente?

Andam, por ai, a deitar a baixo matas inteiras de eucaliptos que deveriam ficar, enquanto estes, que deveriam ser abatidos rapidamente para evitar possíveis acidentes, são preservados ou caiem assim, de repente, com todos os perigos dai advindos para a segurança dos transportes e automobilistas.

Também a energia eléctrica vai de mal a pior. «*Se não é do..., é da calças*» - como soe dizer-se. Resolveu-se o problema dos isoladores das torres nas linhas de transportes, e logo começaram as avarias na máquina da Matala e o rebentar dos cabos principais na cidade.

Já não há mesmo moralidade nenhuma nesta triste situação da energia. A ENE deixou de comunicar com os consumidores, porque não tem nada de bom para lhes dizer. Estes ficam dias e dias as escuras, porque a ENE não tem material de reposição. Enfim, energia eléctrica vai de mal a pior, porque os investimentos feitos não foram correctamente direccionados. O ideal teria sido dividir os investimentos que se fizeram de forma aqui todas as áreas fossem por igual contempladas. Agora, reparar a turbina da Matala e não mexer na rede de transporte e distribuição, é deitar dinheiro pelo Cunene abaixo. De facto, o estado lastimável da rede de transporte e de distribuição da energia origina que a máquina na Matala sofra fortes impactos que não são nada saudáveis para o seu funcionamento. *Mas se a ENE não é boa para os seus equipamentos como é que o há-de ser para os equipamentos dos consumidores?*

Temos, igualmente, que criticar o investimento feito na dita central termo eléctrica do Lubango, pela forma com se fez: a Direcção Geral da ENE comprou uma central, sem garantir a assistência técnica, nem a formação técnico-profissional. O resultado é que a central, logo no arranque, queimou duas placas de dois grupos. Já lá vais quase um ano e as placas de reposição não aparecem, para colocar em funcionamento a central. Como nestas coisas é capaz de haver luvas pelo meio, então não há moralidade para exigir ao fornecedor responsabilidades. Por isso, vamos ficar assim mesmo...

A guerra praticamente acabou. Vamos entrar numa nova era em que terá que haver maior responsabilidade. É preciso, pois, que as pessoas mais capazes sejam colocadas nos devidos lugares. Porque essa de que «nascemos para sofrer» não pode continuar a ser uma máxima credível...

Á urgente os serviços comunitários examinem a estrada da Boca da Humpata, antes que aconteça o acidente por desmoronamento de pedras. Urgente, também, o abate os eucaliptos da Senhora do Monte – os quais apresentam sinais de queda iminente. Não sabemos se as chuvas vão continuar com esta intensidade até finais de Abril. Mas sabemos que «em Abril, águas mil», não é verdade?

Lubango em crise II⁹

A cidade do Lubango atravessa uma das suas piores crises de sempre. Os serviços comunitários encontram-se completamente inoperantes, com sectores diversos a cidade a clamarem por intervenção urgente há mais de um ano...

Falta a energia eléctrica quase permanente – pese embora o facto de se terem feito avultados investimentos no sector. Estes, terão sido mal pensados ou, então, deveriam ter sido mais abrangentes. Temos o caso das linhas de transporte e das redes de distribuição das cidades, completamente obsoletas, com mais de 50 anos. Entretanto, investiu-se num grupo alternativo que, para além de não aguentar com a cidade, funciona, ainda por cima, a meio gás, pois, quem vendeu, não garantiu assistência técnica!

A situação, agravou-se, ainda, mais, com falta de água na albufeira da Matala, devido a falta de assoreamento da albufeira que, de ano para ano, se torna mais grave e prejudicial. Não entendemos porque se tarda tanto em se dar uma solução a este assunto que passa por contactar uma empresa do ramo, com dragas, para efectuar o serviço.

A cidade do Lubango, apresenta um estado deveras lastimável. São inúmeras as zonas completamente rebentadas e esventradas para colocar cabos eléctricos. Tudo isto feito de uma forma arcaica e imprópria, pois quando tocar a hora de colocar nova rede, todo trabalho será inglório. Mais grave, ainda é o abrirem buracos nos passeios e cortarem os cabos da Angola Telecom, deixando de utentes sem comunicações. Contudo ninguém se responsabiliza por nada; ninguém responde por nada; ninguém informa. Há empresas que, ao rasgarem passeios, mesmo que de terra batida sejam, ou ao cortarem o asfalto ficam obrigadas a repor tudo como estava. Mas os Serviços Comunitários não são capazes de obrigar a ENE ou os serviços das águas a repara o que estragam...

O abastecimento de água à cidade sofre, também, com a falta e chuvas, em determinadas épocas, para alimentar os lençóis. Razão pela qual os caudais diminuem a olhos vistos. O certo é que não se investe no sector, pese embora o crescimento, a olhos vistos, da dimensão da cidade e dos seus habitantes com residência própria. Alguém terá dito que, na fase actual, não se atenderiam os pedidos para novas ligações de águas e energia eléctrica mas é evidente que isso foi apenas «conversa para boi dormir». O dinheiro fala sempre mais alto, queiram ou não...

Em suma a cidade do Lubango está mal e atravessa um dos piores momentos da sua existência. *Como salvar esta situação?* Parece-nos difícil se tivermos em conta que o sistema actual que gere os municípios não resulta. Gerir uma cidade com dinheiro do Orçamento Geral do Estado? Só na capital do país e, mesmo aí, é desgraça que se vê!!!

Existe um departamento do Governo Provincial que trata das questões comunitárias relativas aos municípios. Mas, se as coisas não correm bem na capital da província, nos municípios a situação é mil vezes pior, devido ao passo de guerra que amargamos.

Talvez por isso, vemos o futuro do Lubango, bastante sombrio. A cidade cresceu a um ritmo alucinante nos últimos três anos. Agigantou-se de uma forma desordenada, sem que os serviços competentes tivessem capacidade para chegar primeiro e dotar as áreas em expansão dos necessários arruamentos, esgotos e outras infra-estruturas.

Perante esta gravíssima situação, que podemos nós fazer? Quem terá coragem de pôr ordem na cidade?

Será muito difícil...e só digo *apenas tentar...* , quanto mais levar a cabo acções de saneamento de situações em que as casas ocuparam as ruas que estavam previstas para a cidade, ou outras medidas ainda mais severas incómodas.

A nossa cidade apresenta um futuro sombrio.

Em defesa da cidade, uma vez mais...¹⁰

As nossas ruas e avenidas, bem como no interior dos bairros estão cada vez pior, no que diz respeito aos pavimentos.

Os passeios encontram-se esventrados e o asfalto, em alguns sítios, desapareceu completamente. Foi-nos dito que só daqui a dois anos será possível repavimentar a cidade, depois de concluída a instalação das novas redes públicas de água, de electricidade, e telefones. Tudo isto passará, então e definitivamente, para os passeios. O asfalto poderá durar mais, porque se deixará de fazer buracos!

Entretanto durante estes dois anos que temos pela frente, precisamos de coordenar melhor o trabalho de tapa-buracos, pois é necessário continuar a circular pela cidade. Há, no entanto, situações que são chocantes. Por exemplo, no Bairro Santo António, anda-se a abrir buracos ao longo do bairro à cata de um tubo... Temos, então, que ruas cujo asfalto estava impecável, começam agora a ficar intransitáveis.

Não haverá outra forma de resolver esta situação? Então, se temos que colocar a nova rede de água nos asseios, porque não aguardar? Ou, esse caso, coordene-se melhor essa acção para que se abram os buracos e de imediato se tapem como deve ser. Também já era tempo de serviços terem um sistema de sinalização como deve ser, com sinais próprios e visíveis, de moldes a que, mesmo à noite, se possam ver esses buracos, que se tenhamos de cair neles – dada a escassa ou mesmo nula visibilidades em alguns sítios da nossa cidade, sobretudo nos bairros. Abrir buracos e colocar troncos de árvores a sinalizar, não é nada bom...

Por falar em buracos existe ali um defronte da *Tropicana*, que se apela aos serviços comunitários para que o tapem com urgência, porque aquele sítio ficou pequeno para tanto carro. Os inquilinos do prédio já reclamam pelo espaço para estacionarem os seus carros. Naturalmente! Pois, se já lá estão há anos, como é que, de repente, já não há espaço para os seus carros? Há empresas que, dada a sua especialidade devem criar condições a outros níveis para se instalarem e poderem funcionar em termos correctos e, sobretudo, sem atropelarem os direitos dos outros. Há o princípio que orienta: «a minha liberdade termina onde começa a dos outros». Então, vamos lá seguir esse princípio ali, defronte da *Tropicana*...começando por se tapar, de qualquer forma que seja, o buraco que ocupa já é meia rua...

Certamente que, sobre os buracos das ruas e sobre as ruas dos bairros, ainda vamos ter que falar nos próximos tempos! Os Serviços

Comunitários precisam de ser reencontrar e começar a fazer mais pela cidade! Até lá vamos continuar a relembraras grandes questões da cidade...

Festas da Senhora do Monte/ XV Edição I¹¹

Caiu o pano sobre as Festas da Senhora do Monte. Com um magnífico espectáculo gimno-desportivo, muito colorido e jovem, encerrou, ontem à tarde, a XV Edição das Festas da Senhora do Monte, perante um numeroso público que acorreu ao recinto das festas.

Nota cem – uma escala de zero a cem – para os organizadores do festival gimno-desportivo. Uma actividade para qual, recordados, se esperava a presença de técnicos de Luanda. Pelos vistos, tal não aconteceu, mas foi pretexto para aprendermos localmente, de moldes a podermos produzir e realizar sozinhos aquele estupendo espectáculo que nos foi dado presenciar. Os nossos parabéns e, de futuro poder-se-á contar com esta actividade como certa em ocasiões próximas.

Caiu o pano sobre esta edição das Festas! Cumpriu-se a tradição, num ano – sublinhe-se – em que as atenções estiveram centradas na reabilitação das infra-estruturas, relegando para segundo plano, a realização das festas. Reabilitação que continuará dado o elevado grau de destruição que ali se regista. Agora, ao longo dos meses que temos pela frente, vão acontecer melhorias nas restantes estruturas. Será reabilitado o Lago famosas Bicas da Senhora do Monte, bem como a vedação total daquele belo Parque Florestal e área infantil adjacente.

Mas, voltando ao nosso assunto, as festas da Senhora do Monte, pese embora alguns desaires, devem considerar-se um sucesso. Este juízo de valor deriva a análise que é preciso fazer. Pondo na balança o positivo e o negativo, constata-se que o positivo pesa mais. Depois, errar é próprio de quem trabalha; quem não trabalha, obviamente que não erra. Ainda assim, aconteceram erros de palmatória em actividades nas quais temos experiência e já fizemos melhor, em edições anteriores. Dai esta crítica ser mais vigorosa precisamente no caso do concurso das *mísseis*, onde temos como referência, em que se realizou o melhor espectáculo de *misseis* no Lubango! Quando se estabelece um patamar, só se deve melhorar e nunca regredir, como foi o caso este ano. Esperamos que no próximo consigamos igualar o ano 2000, pelo menos!

De resto, o Lubango está de parabéns porque conseguiu receber os seus visitantes com hospitalidade, apesar de termos um manifesta falta de hotéis...

A AIDE-HUILA também esta de parabéns porque conseguiu reunir todas as condições essenciais para que se realizassem as actividades constantes do programa cultura e desportivo. No plano

recreativo, houve actividades (sobretudo para as crianças, como o carrossel, barracas de sorteios, o quino para os pais das crianças e algumas mais) que não foi possível levar a cabo. Mas, «Roma e Pavia não se fizeram num dia». Estas actividades eram outrora feitas por populares, alguns mais velhos que, este ano, não aparecem. No próximo ano será preciso ter-se em atenção este pormenor e, talvez, começar-se desde já haver se esses mas velhos ainda estão em altura de passar o testemunho.

Em gesto de balanço, é, pois, nota positiva para a AIDE-HUILA, para a APCIL e para todos quanto estiveram envolvidos nas áreas culturais e desportiva.

Para terminar: o nosso petróleo poderá ser o turismo local. Mas, para isso, precisamos de cativar muito investimento para recuperar as infra-estruturas danificadas ou obsoletas, arranjar as vias de acesso e contribuir condições de hotelaria capazes de albergar a demanda e a região possa ocasionar com a promoção turística que já se vai fazendo.

Terminaram as Festas da Nossa Senhora do Monte. Vamos ao balanço dos números. Depois, férias de 30 dias, para se reiniciar a luta em prol de novos desafios. O Parque da Senhora da Monte e o seu Complexo não podem parar. Terão que ficar sempre habitados, de modo a se evitar maior degradação!

Há mais desafios a vencer; estamos convosco...

Festas da Senhora do Monte/ XV Edição I'12

Em princípio, estava agendado o estar, aqui na próxima segunda-feira, para fazer o rescaldo do fim-de-semana das Festas da Senhora do Monte.

Um fim-de-semana que começou ontem, sexta-feira, da melhor maneira: com o desporto-rei de primeira água e que continua.

A população d Lubango sabe que a *Organização das Festas da Senhora do Monte* tem procurado oferecer ao Lubango o melhor, dentro do possível. Infelizmente há situações que transcendem a Organização e originam falhas incríveis, que nos levam a analisá-las de outros ângulos. O que ontem aconteceu no Cinturão de Espectáculos, onde estavam cerca de 3 mil espectadores para ver os *Capanda Show e o Gilliard*, é algo que carece de uma séria crítica! Consta que, por falhas no equipamento de som (que, segundo se conseguiu apurar, veio da *Casa Setenta* e foi bem pago antecipadamente), o espectáculo não se realizou. O técnico profissional, se assim se pode chamar, não conseguiu afinar o equipamento, ficando ali até cerca da uma da madrugada, altura em que abandonou o equipamento e o público. O numeroso público foi bastante disciplinado e registou-se...

Tentámos indagar o que aconteceu e verificámos que a responsabilidade recai na aparelhagem e no técnico profissional que mandaram de Luanda. “Desconseguiu”, para desgraça do grande público e do *Capanda Show* – sobretudo do *Capanda Show*, a quem aconselho fazer uma *Candombé*, amanhã, para espantar os meus espíritos que vos acompanham e quem ainda não permitiram que o Lubango vos escutasse e aplaudisse.

Estas situações não são comuns, não acontecem normalmente. Regra geral, os artistas são sempre exigentes. Situações como esta podem por em risco as suas carreiras. Por isso, importa reflectir sobre as circunstâncias e possíveis consequências deste acontecimento i e indagar, também, se não haverá por ai o dedo de alguém interessado em fazer com que as Festas da Senhora do Monte e a sua organização caiam em descrédito.

Em abono da verdade, apesar do fiasco, deve-se dizer que, pela primeira vez em cerca de 25 anos, o público lubanguense deu sinais de acções como estas não são nada boas. Mas, o grande público saberá quem são os culpados, se os houver. Da nossa parte, sabemos que a Organização das Festas tudo tem feito para dar o melhor aos lubanguenses. Estas traiçõezinhas devem ser ultrapassadas a punidos ou publicamente os culpados.

Os Impactos IV actuaram com sucesso, sem necessidade de supra-somos da engenharia de som vindos de fora do Lubango!

Entretanto, isto que aconteceu diz-nos que precisamos de investir num equipamento a sério e de formar os nossos técnicos locais, para evitar quem sejamos novamente enganados...

Quanto ao grande público, que ali esteve até à uma da madrugada, vai ter disser recompensado Domingo, a partir das 18h30, no cinturão de espectáculos, com a presença do *Capanda Show* e do *Gilliard*. Aliás, eles próprios agora muito interessados em fazer realmente um grande espectáculo para as gentes do Lubango.

A organização das Festas já deu a cara. Pede imensas desculpas de culpas que a ela não devem ser assacadas. Devem, sim, a quem manuseia a aparelhagem – que, de técnico de som, desculpem lá, mas... deixa muito a desejar!

Domingo, a partir das 18h30, o Lubango vai finalmente poder assistir ao vivo *Capanda Show* e *Gilliard*...

Lá estaremos para testemunhar isso mesmo, a reposição de Sexta-feira...

A anarquia que reina nos taxistas¹³

É com profunda preocupação que voltamos aqui a levantar a problema dos táxis, vulgo “candongueiros”.

Vamos começar por dizer que esta classe (que nasceu espontaneamente quando a situação era realmente grave para as populações se movimentarem), tendo sido uma alavanca na resolução dos problemas imediatos e graves de transportação de pessoas e bens, começa a assumir dimensão e contornos preocupantes. Este fenómeno surgiu antes da legislação para o regular. Ou seja, a legislação que existia era escassa e desapropriada. Aliás, deve dizer-se que, ainda hoje essa mesma legislação esta desactualizada. Continuamos a assistir a situações incríveis que urge resolver. Uma boa parte dos carros de praça (táxis, ou candongueiros, como queiram chamar-lhes) estão “controlados”, como afirmam os condutores que guiam esses carros, por conta de certos responsáveis. Não estamos contra o facto de funcionários, públicos ou não, terem táxis na praça. Não senhor muito pelo contrário: julgo que essa alternativa é realmente boa. Mas, precisamos de ter em atenção a legalidade de tudo isto, porque começamos a ver em cada candongueiro (ou taxista) um potencial assassino ao volante de um carro. É para isto que queremos alertar as autoridades, em nome da opinião pública que murmura, que vai falando pela calada, com medo de falar abertamente neste problema.

Os táxis do Lubango, na sua maior parte, são guiados por jovens sem as habilitações profissionais exigidas pela classe. Aliás, muitos são desencartados! Fala-se, a boca cheia, que se consegue comprar cartas de condução profissionais por 100 dólares. (não vou dizer qual a minha fonte, porque a lei me conferi esse direito!) Mas seria muito bom que as autoridades vigiassem esta situação, porque começa a ser altamente perigoso andar nesta pequena cidade com a forma como os taxistas se comportam...

Entretanto, gostaríamos de alertar a nossa polícia para a necessidade de fazerem urgentemente algumas operações de inspecção aos carros de praça (os vulgos candongueiros) para se analisar o estado técnico de muitas dessas viaturas. Estamos também informados de que muitos conduzem «sabe Deus como» : Direcções que dão quase uma volta de folga quando curvam, terminais de direcção gastos, pneus carecas ou em muito mal estado e sem travões fiáveis! Consta-se que, quando vão à inspecção, levam calços nas quatro rodas e depois retiram os da frente para poupar!!! Ora, essas inspecções devem ser feitas por gente capacitada. Não são os agentes da Polícia que estão capacitados para tal, para além de serem tendenciosos. Deve-se recorrer a oficinas da cidade, com

peçoal técnico especializado, que possam garantir uma inspecção imparcial e fiável...

Acresce, ainda, a forma louca como esses taxistas se comportam nas ruas da cidade. Não respeitam nada nem ninguém; param repentinamente à nossa frente sem piscas, nem luzes de travão; matem e tiram passageiros pelo lado da estrada, enfim... um rosário de habilidades. Non período nocturno, então, quando, os *Ventures* cruzam connosco, vêm sempre em máximos e nunca baixam as luzes!

Queremos ver acções da polícia de Trânsito. Organizem operações stop, sobretudo à noite, para se inspecionar os faróis! Evidentemente que não são só os taxistas, mais a maioria dos taxistas certamente que desconhece que o carro tem mínimos, médio e máximos, para além das luzes intermitentes, das luzes de travão, e outros "pormenores" aparentemente dispensáveis...

Sabemos que muitos táxis pertencem a alguns oficiais da polícia. Mas, como dissemos atrás, isso nada obsta, a que as coisas não se façam com legalidade. A lei não proíbe que um oficial da polícia ou um magistrado (ou qualquer outra classe de cidadãos responsáveis) seja proprietários de táxis, camiões, lojas ou seja lá o que for.

A lei da República de Angola não proíbe os funcionários públicos de serem empresários.

O mesmo já não se pode dizer do funcionário que utiliza as suas funções para se beneficiar a si próprio! Aqui, a lei é bastante clara e é igual para todos!

Dentro dessa perspectiva, os táxis que são de policias ou outras funcionários públicos devem primar por serem os mais cumpridores, e não como até aqui, em que fazem tudo e mais alguma coisa, e, ainda por cima, mandam bocas. Quantas vezes se ouvem os "choferes" dizerem, alto e bom som que " estão controlados", quando são detectados. Querem com isto dizer que têm as costas largas, pelo que se estão nas tintas para toda a gente.

É altura de se tomarem medidas disciplinares contra estes estados de coisas, até porque muitas têm sido as vítimas de graves acidentes onde intervêm os táxis! Será, sobretudo, altura de se acabar com a não aplicação da lei que proíbe a circulação de táxis de volantes, à direita! Lá está o problema: *quem foi que disse para não se aplicar essa lei aqui?*

Ora, se a lei é igual para todos, *como é que há cidadão que resolvem a seu bel-prazer alterar as leis?* Saio a lei que proíbe a circulação de táxis com volantes á direita, para salvaguardar a

segurança dos passageiros que entram e saem pelo lado de dentro da estrada. O não cumprimento desta lei tem levado a que muita gente tenha morrido em consequência dos acidentes que provoca...

Agora, para terminar, é preciso que Associação dos taxistas seja mais responsável, quando tratar com os seus associados. A associação da classe existe para defender os associados, mas, dentro da legalidade! Quer dizer que deve ser a primeira a exigir dos seus associados o cumprimento integral das leis e, sobretudo, zelar para que a classe seja bem vista ao nível de toda a sociedade. Reparem, por exemplo, em quantos falam mal dos taxistas e daquilo que protagonizam nesta cidade. Urge, por isso, mudar rapidamente a imagem, começado pelo cumprimento integral das leis. A viação e Trânsito, a Brigada de Transito bem como à Unidade Operativa se pede que se tomem medidas adequadas, antes que aconteçam acidentes mas graves provocados pelos taxistas, sem travões, sem condições legais para circular!

Andamos todos na via pública e pagamos taxa de circulação, para além de outros impostos. Exigimos, por tanto, que se cumpra com a legislação em vigor para os táxis...

As mulheres tomam conta dos dinheiros¹⁴

A Província da Huíla – pode dizer-se, deve dizer-se – tem dado passos grandes no toca luta pela emancipação da mulher. A mulher huilana é activa e demonstra quantas vezes mas capacidade de iniciativa de muitos homens.

Não sei se os homens já repararam que a banca do Lubango esta, praticamente, nas mãos de mulheres. Os gerentes dos principais bancos são mulheres. Salvo um ou dois bancos, o resto é gerido por mulheres.

Ora bem, isto é sinónimo de que as mulheres tendem, cada vez mais, a inserir-se em áreas que eram tradicionalmente masculinas – como a gestão bancaria, por exemplo. É bom verificar este fenómeno na nossa cidade e registar que as coisas funcionam bem nesta área.

A quem diga que o mundo seria bem melhor se fosse governado por mulheres. Sobre tudo se o secretário-geral da ONU fosse uma mulher. Quem sabe? ... Na verdade, nunca a ONU teve uma mulher nesse lugar. Também não me lembro de alguma vez uma mulher se ter candidato para esse lugar... De qualquer forma sim. É bem possível que a ONU pudesse mudar o rumo, se tivesse uma mulher como Secretário-geral.

O mundo governado por mulheres seria melhor ou pior? Bom a história, sobretudo a história moderna, tem nome de mulheres que governam os seus países com mão de ferro: *Golda Meyer, Margareth Thatcher, Indira Gandy*, entre outas. Mas, estas mulheres governaram países importantes do ponto de vista geopolítico e geoestratégico mundial, como Israel, Inglaterra e Índia. Qualquer um destas mulheres teve que lutar durante o seu mandato em todas as áreas: o conflito Israelo-árabe, enfrentando por Golda Meyer; a Guerra das Malvinas, gerida por Margareth Thatcher; e o velho conflito interno da Índia, acrescido do eterno problema de Cashemira com o Paquistão, enfrentado até ao extremo por Indira Gandy.

Há, obviamente, mais mulheres no mundo que têm governado países ou têm gerido instituições importantes ao nível mundial, dentro do sistema da ONU, e que não terão dito tantos problemas como os que as mulheres que citamos enfrentaram. É só para vos dizer que não sei se o mundo seria melhor, governado por mulheres, ou não...

A verdade é que o poder é poder. Qualquer um que se encontre no poder, tem que seguir uma máxima importante: «o poder não se divide». Tem que ser exercido em toda a sua plenitude.

Logo, a mulher no poder tende a ser igual ou mais dura que o homem.

Tudo isto para dizer que, no Lubango, a banca esta a ser gerida maioritariamente por mulheres. Isso é interessante e queremos ver qual dessas instituições será a mais agressiva, não em termo de violências, mas para os negócios.

Vamos aguardar para ver...

Repor a autoridade I¹⁵

O Município do Lubango e, de uma forma geral, a Huíla vivem momentos cruciais, que ditarão o comportamento futuro das autoridades e dos cidadãos. Trata-se de repor a autoridade, como forma de moralizar a sociedade.

Toda a gente nota a falta de autoridade nas coisas mais simples e banias, mas que estão na origem da degradação das estruturas da cidade e da qualidade de vida. Esta situação afecta tudo e todos:

1. Quando se vêem cidadãos a urinar e defecar na via pública, mesmo à nossa frente, a nada fazemos é porque algo está errado...
2. Quando o cidadão vandaliza edifícios onde habita e pratica comportamentos errados, prejudicando todos os moradores, e os organismos de tutela não são capazes de colocar ordem; algo está mal no meio de tudo isto.
3. Quando os cidadãos fazem o que querem da via pública: loja ou quitanda onde vendem de tudo, desde o peixe e a carne passando pelos citrinos, os legumes e, até electrodomésticos, roupas e sapatos (sem licenças ou com licenças ilegais), desprezando as leis e as autoridades; algo vai a mal no meio de tudo isto.
4. Quando as pessoas resolvem colocar *roulottes*, e outras formas idênticas para, em locais impróprios, nas avenidas e ruas, nos bairros, nas sacadas dos edifícios, de noite e até de madrugada, fazendo barulhos que incomodam com música, com álcool, onde impera a desordem, a prostituição, a maioria, desrespeitando, inclusive, despachos do mais alto responsável da província que proíbe essa prática, e as autoridades constituídas nada fazem para acabar com esse abuso repondo a legalidade, algo vai mal, no meio de tudo isto.
5. Quando os cidadãos costumam mandar lavar o carro na rua, em pleno dia, enquanto eles ficam na esplanada do café, sabendo que é proibido. Quando usam lavar carro nos repuxos dos jardins da cidade, desafiando tudo e todos; algo vai mal no meio de tudo isso.
6. Quando se estacionam carros em cima dos passeios, quando se usam as ruas e avenidas da cidade, para estacionar camiões e reboques; desmontar motores e pneus no meio das ruas e avenidas, sabendo-se dos constantes avisos a proibir tal prática; é porque algo vai mal no meio de tudo isso.
7. Quando há cidadãos que andam de carro com a música tão alta que incomodam até as pessoas que andam a pé, de

lado. Quando, se usa fazer, de abuso, em alguns locais da cidade feira e “feirinhas”, a que se chama de maratonas, que mais não são duque incentivos ao consumo descontrolado de álcool, à delinquência, à prostituição, sobretudo infantil; algo vai mal, no meio de tudo isto.

8. Quando os cidadãos usam deitar os lixos nas saídas da cidade à beira da estrada, na maior das impunidades e das calmas, colocando em perigo a saúde pública e nada lhes acontece; algo vai mal, no meio de tudo isto.

Os cidadãos que desrespeitam a cidade, as leis e normas da cidade, as posturas da cidade, vivem cá na terra e sabem muito bem o que estão a fazer. Só não sabemos até que ponto eles sabem até onde podem ir, até onde podem continuar impunemente a desrespeitar e a desafiar tudo e todos.

Neste momento, com a tomada de posse de nova Administração Municipal do Lubango, pretende-se moralizar todas as áreas a elas adstritas, fazendo com o que as leis e as posturas municipais sejam respeitadas. Pretende-se que os cidadãos respeitem a cidade e participem na sua gestão.

Naturalmente que, para começar importa que o que esta mal, mude. Que os não cumpridores passem a cumprir. Isso pode implicar o uso da força da lei e da ordem. Se as pessoas continuarem a pensar que as coisas não vão mudar, que tudo vai continuar a mesma, tal pode implicar o uso da força e da ordem. Talvez possa ser doloroso para os que não entenderam que é chegado o momento de fazer as coisas dentro da ordem e como de ser. Porque não se pode continuar eternamente a atropelar tudo e todos, impunemente, julgando que as coisas jamais voltarão à normalidade.

É chegado o momento de porá à prova a autoridade das pessoas. A todos os níveis, cada qual no seu galinho. Quem não manda cumpre. As leis existem e são para cumprir. E quem não cumpre, cai na calça da justiça – que existe, com todos os seus órgãos, exactamente para fazer cumprir as leis. Aos que não mandam, cabe cumprir.

Algumas acções em curso poderão dar-nos uma leitura de como as coisas poderão ou não mudar; de como este estado de impunidade a quem assistimos, no dia a dia, pode ou não mudar. Aguardaremos então.

Por uma justiça igual para todos...¹⁶

Em defesa da ordem e da lei, de princípios consagrados na carta mãe, que afirma ser a lei igual para todos, sejam eles de que credo religioso ou político forem. A lei é igual para todos: negros, brancos, mestiços e amarelos...

A constituição afirma isso e defende com clareza os direitos das minorias, que não podem ser e simplesmente ignorados ou esquecidas por quem a responsabilidade de aplicar a justiça, com base nos princípios da constituição.

Tem, tudo isto, muito a ver com direitos humanos, com todos os direitos dos cidadãos. E os deveres que todos os cidadãos devem ter para com essa mesma constituição. Assim, custa a compreender como como certos cidadãos violam todos os princípios, violam as regras elementares da convivência, manifestam publicamente atitudes racistas, ofendem publicamente dirigentes e responsáveis, cidadãos comuns, ameaçam de morte esses mesmos cidadãos. Tudo isto publicamente e na presença de oficiais de polícia, chamados a intervir, depois da queixa do cidadão. Portanto, em flagrante. Delito. O cidadão que protagonizou todas estas atitudes é detido imediatamente e deve ser presente ao Juiz do Tribunal da Comarca, para um julgamento sumário.

Não o foi por usar de todas as artimanhas, como ameaças de suicídio, tentativas de suborno aos agentes, até arranjar forma de ser internada por doença. Ora esta situação arrastou-se e visava construir os oito dias que a lei prevê para a aplicação do flagrante delito. Ou seja, findos os oito dias, a pessoa em questão sai em liberdade e o processo passa a normal, ou seja, vai para a bicha dos montes e montes de processos que existem nos tribunais. E isto se o procurador junto da DNIC, achar que deve ser assim. Depois, guarda-se anos para ver se o caso termina, se a justiça se aplica, se as pessoas que foram visadas ou ofendidas vêm o seu bom nome reposto, se são indemnizadas de acordo com a lei, etc.,

Temos experiências vividas, com familiares nossos, cujos, casos jamais chegaram á barra dos tribunais e os culpados ficaram impunes. Porque?

Não acreditamos em racismo. Sabemos sim que existem pessoas com complexos raciais de superioridade e ou inferioridade. São comportamentos negativos, numa sociedade com nossa, multirracial. Eu, que eduquei os meus filhos dentro dos princípios rígidos de uma educação multirracial, não sou capaz agora de explicar-lhes o porquê dos casos de que foram alvo e sobretudo o

porquê de os culpados não terem sido julgados sequer, quanto mais condenados, apesar do flagrante delito.

Está em crise a autoridade, está em crise a justiça, está em crise o direito, a liberdade, a própria vida está em crise.

É preciso mudar estas atitudes e fazer com que, perante a lei todos sejamos iguais. Quem errar, deve ser julgado e punido, pelos erros que cometeu. Os cidadãos mestiços, brancos ou amarelos que pertencem às minorias, devem ter os mesmos direitos que a maioria negra. A lei e a ordem devem ser aplicadas da mesma forma, não importa a cor da pele.

A Polícia tem a obrigação de fazer cumprir exactamente com estes princípios e não fazer o jogo do cidadão que errou, seja ele de que cor for.

Fazer cumprir a lei e respeitar os direitos de todos e de um é o lema.

O primeiro passo para o poder local...¹⁷

Eis o grande tem discutido na reunião extraordinária do conselho municipal cm o Governo Provincial encabeçado pelo Governador da Província Ramos da Cruz: a questão AIDE-Huíla *versus* Complexo da Sra. Do Monte, *versus* Festas da Sra. Do Monte. Conquanto tenha sido discutida, não foi, contudo, amplamente entendida. Muito embora se tenha explicado a forma como o Complexo da Senhora do Monte se encontrava, após os confrontos pós-eleitorais de 92, com o seu saque, ilustrada com o visionamento de filmes da época, que demonstram o grau de distribuição daquela área – os quais estiveram na origem da entrega á AIDE-HUILA para gestão e sua recuperação, o que não está nem nunca esteve em causa. Porque, até aqui, tudo foi bem feito...

A AIDE-HUILA fez então, no seu primeiro ano à frente do complexo da Sra. do Monte, um excelente trabalho de recuperação e melhoria de todas a sares a saber: mobilização geral do empresariado local, estatal e privado, para a grande tarefa de recuperar o complexo e o parque da Sra. do Monte, a saber:

- a. Vedou com “rede malha sol” a área da feira do gado. Recuperou as infra-estruturas da feira do gado dentro da feira popular. De um ar mas empresarial aos escritores, tudo com a REVESCOR...
- b. Sempre com o apoio do sector empresarial privado e estatal, recuperou a área da Expo-Huíla, com a colaboração da AAPSIL. A antiga praça de touros com a DUCAP. O largo da ESTATUA colocando a água a girar, iluminação, pintar e recuperação do lago, com a SOCOTRAC. Melhorou as condições da área com a captação de água e estufa da Sra. do Monte com a vedação de toda área, etc; em estreita colaboração com a empresa provincial de Águas. Procedeu, ainda, à reparação dos arcos, dos tanques e das bicas da Senhora do Monte até á entrada para a piscina-obras a cargo da SELAGROUP; assinala-se, por fim a recuperação do parque infantil da Senhora do Monte, por uma empresa metalo-mecânica cujo o nome não recordamos, de momento.
- c. Realizo, posteriormente, e com muito sucesso, as Festas Sra. do Monte, na edição desse ano, reactivado inclusivamente a feira do gado com uma amostra de qualidade e em número significativo. Em tudo isso teria contado com apoio, segundo boatos da altura, orçados em cerca de 250 mil dólares – se do Governo Provincial ou central, não sabemos...

É óbvio que a AIDE-HUILA não tinha esse dinheiro. Porque, se tivesse, creio que teria preferido comprar uma estrutura para se instalar, duque... fazer investimentos numa coisa destruída, pública e que não pertence; porque, se não foi assim, então «andou a fazer filhos em mulher alheia», como sói dizer-se. Nós não acreditamos nessa ingenuidade e supomos que ninguém acredita.

Perdoem-nos a fraqueza e a frontalidade, mas nós não esquecemos e temos o cuidado de arquivar na nossa memória os factos...

Ficaram, entretanto, prometidas as obras para o ano seguinte: uma nova sala de conferências e a revisão total daquele imóvel que até hoje mete água quando chove; a recuperação total da piscina, ou do lago da Sra. do Monte, com algumas inovações, chegando até a falar-se em adquirir barcos a pedal. Ara a feira, ponderou-se a possibilidade de comprar pistas de carrosséis e de carros de choques para as crianças – na medida em que se tome que, na sua vertente de feira popular as festas possam redundar em fracasso, com muito álcool e pouco ou nada para as crianças...

Tudo isso estaria dependente entretanto dos contactos que iriam encetar, junto do Governo Central, para conseguir um estatuto de *Unidade Pública*, para aquela área e para as próprias festas em si.

As coisas não teriam saído como se esperava, os “lóbis” foram muito fracos ou inexistentes, pelo que falhou essa intenção. Assim, o projecto AIDE-Huíla, *versus*, Complexo da Sra. do Monte, *versus* Parque da Sra. do Monte foi, pura e simplesmente, por água abaixo tenha ficado parado até hoje. Sim, porque as obras de reabilitação que vão ser levadas a cabo no parque são da responsabilidade do Governo Provincial e não da AIDE-HUILA naturalmente.

A AIDE-Huíla imita-se, agora, a cobrar e administrar as rendas que cobra as unidades dependentes da anterior estrutura e, alegando falta de dinheiros ou de subsídios para realizar as festas, pura e simplesmente, se afastou de um dos pressupostos que inicialmente fizeram com que tomasse posse do Complexo. Embora se não conheça publicamente, por uma questão de solidariedade institucional, a verdade é que está atitude terá deixado numa má posição o executivo de Ramos da Cruz, que entretanto deu a volta por cima, e nomeou, por despacho, um Comité, de festas por um período de três anos, que agora chega ao final. Esse Comité, que tem à sua frente o excelente funcionário bancário de carreira, entretanto aposentado, Pedro Garces, conseguiu levar a bom termo essa ingente tarefa de realizar e com muito sucesso estas três edições das Festas da Senhora do Monte, superando até a realização da própria AIDE-HUILA. Obviamente que contou sempre com a equipa que o rodeava e com apoio do Governador Ramos da Cruz e do próprio Governo

Provincial, que iam conseguindo arranjar algumas verbas, com as quais se foi vivendo até agora. Entretanto passou a existir um mal – estar permanente, insensível mas sentido, entre a AIDE-HULA e este Comité de Festas, que sentia estar mas naquelas instalações, ouvindo piadas sobre gastos de telefones, sobre a utilização das salas de reuniões, etc.

Não é agradável ouvir este tipo de comentário quando, na verdade, este Comité está a realizar o Objecto Social do Complexo da Senhora do Monte que, entre outras coisas, se consubstancia nas tradicionais Festas de Agosto. Não faz sentido, pois, sendo o complexo da Senhora do Monte uma área da jurisdição da Administração Municipal, vocacionada para a realização das Festas de Agosto (e não só), acabe por se sentir como intrusa na sua própria casa.

A AIDE-HUILA perdeu a razão quando deixou de realizar o prometido e sobretudo as festas de Agosto, alegando falta de apoios financeiros. Mas, afinal o Comité tem funcionado com quê?

Não tem sido com apoios financeiros? Claro que nunca recebeu valores da ordem dos 250 mil dólares...

Esta é a forma como a AIDE-Huíla se tornou inquilina do Complexo da Senhora do Monte. Mais vírgula, menos, vírgula; mas ponto, menos ponto; esta é a história real dos acontecimentos. Depois do falhanço em cumprir com o objecto social só havia uma forma correcta de sair de cabeça erguida desta situação: reconhecer o falhanço e saírem entregando a estrutura ao Governo Provincial que, por sua vez, a entregaria à Administração municipal.

Lamentamos aqui a falta de verticalidade de algumas pessoas em reconhecerem isto, obrigando a que alguns dirigentes e responsáveis façam papel de «advogados do diabo».

A reposição da ordem e da autoridade... II¹⁸

Ainda a reunião extraordinária do Conselho Municipal com o Governo Provincial, tendo à cabeça o seu representante máximo, o Governador Ramos da Cruz.

No tocante à problemática: comércio formal e informal, precário e ambulante foi chamado a intervir o seu representante, o Director Provincial do Comércio e Indústria, Turismo e Hotelaria, para explicar a proliferação, a legalidade ou não dos alvarás e estabelecimentos de fotografias e fotocópias, maioritariamente na mão de cidadãos asiáticos.

A questão dos feirantes, dos vendedores ambulantes, dos mercados paralelos e das ruas da cidade, dos produtos que são vendidos como bens alimentares (o peixe e a carne), os bens industriais (como electrodoméstico, roupas, sapatos), até às famosas roulottes da marginal do Mucufi, passando ainda pelos estabelecimentos que se encontram fechados há anos.

A primeira ilação das explicações dadas é que há sobreposição de poderes. Competes aos Serviços Administrativos Municipais, licenciar e ou autorizar, os feirantes, os vendedores do mercado paralelo, os vendedores ambulantes, as próprias roulottes, as tendas de roupas à porta de algumas residências, etc., etc....

Agora casa de fotografia e fotocópias, compete ao comércio passar os respectivos alvarás naturalmente. E ficamos a saber que, todas as casas que se encontram abertas, têm alvará, são de cidadãos nacionais, e têm como empregados os cidadãos asiáticos que possuem contratos de trabalho. Enga-me que eu gosto...

Entretanto os serviços de comércio estão a averiguar a situação destes estabelecimentos e prometem que todos os que estiverem ilegais serão encerrados! Esperamos que sim! Pois vemos estabelecimentos em casas em construção, onde já se tiram fotos e fotocópias lado a lado com a venda de gelados (como na entrada da Casa Desportista, por exemplo), etc., etc. agora não nos preocupa se o cidadão que lá está é da China ou de Marte. Até porque, estando no país ilegalmente, ele pode investir nestas áreas. Mas de uma forma legal, obviamente...

Bom. No final desta questão, quase que víamos no problema das casas de fotos e fotocópias, nas roulottes e na forma como foram defendidas por alguns círculos, uma cópia dos *Ventures*.

(Recordamos aqui que havia cerca de 160 táxis que circulavam ilegais na cidade e que eram, na sua maior parte, pertença de

peças ligadas ao regime ou ao poder, paradas na Universidade Operativa. A sua paralisação, levou a que a cidade ficasse mais aliviada e a que taxa dos acidentes rodoviários envolvendo estes veículos, viesse para zero em 15 dias.)

Estávamos certos quando então criticávamos a situação. E na certa estamos quando criticamos a situação das roulettes estacionadas ali na marginal, com os males que tudo aquilo traz para a cidade e para as pessoas que moram nas imediações: barulhos até altas horas da noite com trânsito, acidentes, música, altos berros, brigas, aumento da prostituição, da apetência para os delitos, o aparecimento na área do consumo e da venda de drogas (algumas pesadas), o consumo de álcool, a transformação dessas roulettes em pequenos restaurantes e bares – onde a saúde pública está em risco, pois a confecção de alimentos não oferece garantias e onde não há casas de banho, etc., etc....

Em suma: manter aquela situação não pode ser legal, embora o Director do Comércio diga o contrário. Mas a verdade é que não estão em situação regular. Prova-se, por lei, que compete à administração autorizar, licenciar, credenciar essas actividades de comércio precário, ambulante e outros, de acordo com os regulamentos e para o bem público. Depois, é evidente que em qualquer parte do mundo, nós vemos roulettes, até na famosa Miami. Mas não vemos roulettes em áreas de restaurantes e similares, com mesas e cadeiras, cozinhas ambulantes, aparelhagens de som e televisão... Vemos, sim, essas roulettes em áreas de lazer, nas imediações, nos acessos aos campos de futebol, aos parques de jogos, nas imediações das áreas escolares e, mesmo aí, com restrições ao que podem e não podem vender. Nessas roulettes vendem-se sandes, sanduíches, pregos no pão, cachorros quentes, bifanas, e outras iguarias do género. As pessoas que aí funcionam têm uma roupa específica, a cabeça coberta e um certificado de saúde.

Desta forma é que não. Estamos a inventar as normas para a hotelaria e similares. Deu-se a mão as poucas roulettes que ainda apareceram – como forma paternalista de sobrevivência, e hoje temos aí cerca de uma centena, algumas tão sofisticadas que já estão montadas em carrinhas – que acabaram por nos tornar também o pé.

Não temos nada contra as roulettes. Só não podemos é concordar, com estacionamento delas na marginal. O problema reside exactamente aqui. No que se está a transformar aquela artéria e aquele local. No barulho para os moradores da área.

Deve cumprir-se com a lei, sem paternalismos, para colocar ordem no meio desta confusão. Ficam bem no Complexo da Sra. do

Monte, junto aos pontos de lazer, junto aos campo de futebol, e assim, por diante, mas com regulamento...

Ninguém esta autorizado a fazer a sua vida contrariando alei e prejudicando a maioria. A liberdade de cada um acaba onde começa a do outro.

Que tal se experimentassem colocar todas aquelas roulettes, durante um mês, na rua onde cada um dos que concorda mora?

Como dizem os mais velhos, «gindungo do rabo do outro é refresco!»

O caso das *roulottes* da marginal do Mucufi...¹⁹

Temos vindo a divulgar Despacho nº 16 do Gabinete do Administrador Municipal do Lubango que define, de uma vez por todas, a situação das chamadas *roulottes*, cujo estacionamento na Avenida do Mucufi tem sido bastante funesto para os moradores do centro da cidade...

Neste despacho, é dado o prazo de oito dias para a sua retirada, não só daquele local, mas, de um modo geral, de toda a cidade. O prazo termina exactamente na 4ª feira, pelo que, se aconselha a respeitarem e a cumprirem com o mesmo, porque ao que parece, o novo Administrador “não esta para brincadeiras” e vai mesmo fazer cumprir com o seu despacho. Os intransigentes que pretendam fazer braço de ferro, os que pensam que tudo vai continuar como dantes, seria bom que evitassem o choque, porque «se não saírem a bem, vão sair a mal» e isso poderá ser doloroso. Desse modo, obrigarão á intervenção das forças da ordem, serão aplicadas pesadas muitas, para além da apreensão da roulotte, etc...

Por outro lado, informamos que depois de cada um recolher a sua roulotte, deverá fazer um requerimento dirigido ao Administrador Municipal a solicitar a regularização desse tipo de negócio. Caso a caso, todas as situações serão resolvidas.

Naturalmente que se espera jamais ver a situação que se criou ali defronte do prédio. Vidreira. Ao deixar-se que aquela situação se arrastasse e chegasse àquele ponto, tirou-se o sossego a toda a gente que mora naquela área; a qualidade de vida abaixou; a degradação do local é evidente a todos os níveis; a saúde pública está em risco permanente, aumentou a prostituição, a delinquência, etc. e dizemos que se deixou arrastar aquela situação porque ela viola um despacho do Governador Provincial da Huíla sobre o assunto, datado já de 2000.

O não cumprir destas medidas do Governador – datadas, como disse, do ano 2000 – criou todo este problema para a cidade e demonstra bem a forma como certos sectores desrespeitam a autoridade.

É por isso que as coisas se vêm arrastado, se vêm arrastando, se vêm avolumado; é por isso que se fala em crise de autoridade.

Das, então, meia-dúzia de *roulottes* – que até cumpriram inicialmente com as regaras, embora mal colocados nos locais onde então funcionavam – temos hoje, ali, cerca de 50, embora haja outra espalhadas pela cidade. E o mais curioso é que só duas ou três

pagam taxa à Administração. A maioria dos ambulantes nunca pagou e, porventura, são os que vêm fazendo toda confusão.

Por último, note-se que funcionavam inicialmente em certas zonas da cidade, criando e aglomerados e barulhos – o que levou a que os moradores dessas zonas manifestassem o seu desagrado. Numa atitude paternalista, contrariando o despacho de 2000, foi-se deixando que as mesmas funcionassem ali, na margem do Mucufi, sem controlo e sem normas, chegando-se à actual situação de completa anarquia e desrespeito por tudo e por todos.

Quarta-feira termina, pois, o prazo dado pela Administração Municipal para a retirada das roulottes, em especial as da marginal do Mucufi, mas, de um modo mais abrangente, também as de toda a cidade, voltando tudo ao princípio. Ou seja, cada um deve respeitar normativa e, só depois, dirigir um requerimento ao Administrador Municipal a solicitar a sua legalização, a sua licença e o local onde poderá funcionar.

E deixamos no ar um conselho a todos: cumpram com o despacho porque, desta vez as coisas são mesmo a sério. A Administração vai usar de todos os meios ao seu dispor para fazer cumprir com a lei.

Festas da Senhora do Monte/2005/20

Este fim-de-semana, viveu-se intensamente as actividades em prol das Festas da Sr. Do Monte.

Assim, sexta, sábado e domingo, foi um «corre-corre» para ver e aplaudir os vários números da programação.

Vamos começar pelo *Huila-Fashion 2005*, sexta-feira à noite no Grande Hotel da Huíla. Um bom espectáculo, onde estive em evidência a prata da casa – que ombreou com manequins da capital! Aliás, sendo os estilistas da terra, uma boa parte dos manequins eram da terra, os músicos eram da terra, sobrou apenas a apresentação e a organização que veio de Luanda. Deve-se pesar tudo isto e ver se realmente não temos capacidade, a nível local para organizar e apresentar aquele tipo de *show* de moda. Foi bom, embora não tenha sido nada de especial...

No sábado, foi eleita a misse Huíla 2005! Oito candidatas, que se apresentaram ao concurso, perante um Pavilhão da Sra. do Monte completamente cheio e vibrante, um espectáculo onde imperou uma vez mais o prata da casa, pese embora, o facto de haver um jovem artista angolano, residente em Portugal, que não chegou para fazer vibrar o ambiente mais que os artistas locais.

Em relação ao concurso, á escolha da *miss Huíla 2005/06*. Perante um júri, maioritariamente feminino, desfilaram as candidatas de raças variadas – porque em Angola, somos assim mesmo. Um país matizado, e que a grande maioria é negra, tendo depois uma certa quantidade de mestiços e brancos - em minoria, evidentemente! É normal e natural que assim seja. Há algumas pessoas que têm dificuldades em viver no meio desta miscigenação. O que é pena, porque achamos muito interessante e enriquecedora esta característica que compõe a população angolana.

É esta mistura de raças que faz de nós um novo especial, com características especiais!

A composição do principal movimento que iniciou a revolução, que combateu contra o colonialismo português, e que levou Angola à independência, teve sempre esta característica! O Fundador da Nação, sendo de raça negra, acabaria por um exemplo extraordinário, ao ter casado com uma mulher branca que lhe deu filhos mestiços.

Portanto, pensamos nós, que, passados 30 anos de independência e depois do exemplo que demos, embora haja muito mais, não poderemos sofrer de complexos de cor, nem complexos de inferioridade ou de superioridade.

E para quê toda esta conversa? Só para dizer que as candidatas ao ceptro da *miss Huíla* 2005 eram negras, mestiças e até brancas. «Isto é lindo de se ver» porque reflecte uma integração completa que espelha a composição da sociedade angolana.

O júri não teve muita dificuldade em escolher, porque havia uma candidata mestiça, que superava todas as outras. A tal ponto, que ela consegue arrecadar três nomeações: ser a *Miss Simpatia*, eleita entre as candidatas; a *Miss Fotogenia*, eleita pelos homens da fotografia e imagem; e depois vence o *Miss Huíla 2005*. O público aceitou perfeitamente porque ele vê, ele sente. O júri tem que ter em conta estes factores. E teve, obviamente...

Agora, de entre os membros do júri, pode ter havido alguém com um opinião diferente, que voltou inclusive contra. Mas no cômputo geral, a escolha é por maioria. E tem que se respeitar a opinião da maioria! O contrario, querer impor uma vontade, um opinião, é, quanto a nós, antidemocrático e, pior ainda: é ser chauvinista barato e querer mostrar-se mais papista que o próprio Papa. Aliás, aqui no Lubango, a sociedade é bastante complexa, pelo que é preciso ter-se cuidados com atitudes que possam levar-nos a pensar em manifestações racistas, tribalistas ou mesmo regionalistas.

Nós costumamos participar anualmente no triângulo mundial de luta contra o racismo, que se realiza a 20 de Março, salvo erro, somos sempre interpelados, a partir de outros continentes como a Europa e a América, com a sacramental pergunta, sobre se há ou não racismo em Angola. E a nossa opinião, é que: há sim racismo em Angola, como existe em qualquer parte do mundo. Só que, entre nós, entendemos que este racismo é de carácter económico. Ou seja, quem tem dinheiro, dá-se com quem tem dinheiro e vice-versa. Um lado vive á margem do outro, muito embora isto não seja factor impeditivo de o lado económico mais forte vir muitas das vezes em socorro do lado económico mais débil.

Portanto, sobre a *miss Huíla*, pensamos que está tudo dito e não vale a pena falar mais, pois é dar importância a quem não a merece. *Se ela é a mais bonita de todas, porque razão teriam que eleger uma outra, mesmo que feia, mas mais escura? Porquê? Por questões políticas? Como ficariam as pessoas que participaram ou que assistiram?* Defraudadas, naturalmente. Se isso tivesse acontecido, seria muito mau para o concurso e, sobretudo, para as minorias, cuja carta mãe defende da mesma forma que a maioria.

Felizmente, o bom senso prevalece no seio da sociedade e faz com que ele impere sobre os complexos.

Mas...a organização é que deve tomar mais cuidado com o tipo de pessoas que convida para fazer parte do júri. Porque pode correr sérios riscos, se a sua composição não estiver balanceada.

A grande vitória a anarquia...²¹

- Administrador *Habemus!* Vigilo Adriano Tyova. Finalmente o Lubango tem Administrador,

Um Administrador que quer cumprir com a lei e com a ordem, e que exige que os munícipes passem a cumprir. Finalmente em *Despacho* da Administração Municipal teve cumprimento. Quer dizer que o novo Administrador do Lubango acaba de passar num teste difícil, que era o de impor a autoridade. Supomos que terá passado já por outros testes na sua vida, mas este foi sem dúvida difícil, dado que na Cidade do Lubango tem imperado a disciplina, a desordem, o não cumprimento de tudo o que sejam normas e princípios em todas as áreas. Se tivermos em conta o *Despacho* do Sr. Governador Provincial, de Junho de 2000, em que proibia exactamente as roulottes da forma como estavam, e que nunca foi cumprido, já se pode ver até que ponto a crise de autoridade tem afectado o desempenho global do executivo provincial e, obviamente, também municipal.

Meia dúzia de pessoas, que se dizem sempre colocadas, com montes de esquemas, de conhecimento a altos níveis, como chegaram a afirmar, resolvem fazer frente a tudo e todos subvertendo a lei e a ordem, não pagando impostos, exigindo cobertura para violarem as leis e a ordem, difamando ameaçando inclusive, com arruaças, com manifestações falando mais alto que os responsáveis, etc., etc...

Desta vez, as coisas já não foram assim porque encontraram «alguém que não tem o rabo entalado». Há que cumprir, porque tratou-se apenas de uma primeira operação, no meio de dezenas e outras que estão preparadas, que viam dar a esta cidade uma imagem que nos dignifique a todos.

A cidade do Lubango poderá vir a geminar-se com Windhoek. Mas quem conhece Windhoek, sabe bem que estamos a milhões de anos luz da organização daquela cidade.

Quem faz uma cidade são os municípios, os seus habitantes. Há coisas que não é preciso aprender em Windhoek, em Santarém, no Rio, ou em Paris! A limpeza e higiene das casas, dos imóveis, dos condóminos ou das pessoas. A colocação dos sacos de lixo nos contentores, a hora; o cuidado a ter as águas residuais que correm dia e noite para as ruas, vindo dos quintais das residências; a lavagem de carros na via pública; o entupimento dos passeios com carros e outras coisas; a pintura dos imóveis que deve ser de acordo com os regulamentos municipais, etc. Isto é elementar.

Windhoek é uma cidade onde a malária não existe. Porque não se vêem águas residuais, porque os seus habitantes são realmente pessoas conscientes que sabem como viver em sociedade. Por isso, aquela capital é realmente bonita. Limpa e muito arrumada. Ninguém constrói onde não deve.

Mas, aqui, as coisas não acontecem assim e temos hoje graves problemas ao nível de todas as cidades, porque infelizmente não foram medidas as consequências daquilo que hoje está á vista: se não forem tomadas medidas rapidamente, continuaremos a correr riscos sérios matéria de saúde pública: continuaremos a ter o maior índice de mortalidade infantil por doenças diarreicas agudas e um elevado índice de óbitos em gente jovem, que muita falta faz ao país, devido à malária.

Então é preciso agir já. A desinfestação diária da cidade e arredores através da fumigação com o TIFA precisa de ser um prática imediatamente. Os focos de mosquitos precisam de ser combatidos nos locais onde existam águas estagnadas, ribeiros que atravessam a cidade, etc., etc.

A Administração Municipal junto com a delegação Municipal de Saúde e outras autoridades, precisam de entrar imediatamente dentro do bairro de construções anárquicas, que fica por atrás do MINARS. Vão lá e vejam com os vossos próprios olhos o que se passa, mesmo no coração de cidade, em termos de saúde pública

Depois, as ilações que quiserem...

A termina: uma força ao Administrador do Lubango, com a certeza de que, todos os angolanos, todos os lubanguenses amantes da paz, da lei e da ordem estão com ele e agradem a coragem. Deve continuar, «custe o que custar, doa a quem doer».

É preciso desarmar²²

Aumenta a violência na nossa cidade, na nossa Província ao longo da via Caconda /Cacula, foram atacadas viaturas, tendo –se registado vitimas mortais e o saque aos passageiros e aos veículos.

Fala-se em grupos armados, usando camuflados. Não admira, sobretudo a nós que aqui vivemos, que isto tenha acontecido. Levou tempo, mas começou...dada a forma como se tem lidado com a desmobilização e com a acomodação dos desmobilizados. Depois o facto que todos conhecem: a existência de enormes quantidades de armas na posse da população civil e a possibilidade da existência de grupos armados, que podem ter fugido ao controlo na altura do cessar-fogo e da assinatura dos acordos de paz, ou que podem até ter sido formados agora, devido às contingências do momento...

Assim sendo, estamos perante uma situação crítica de aumento da criminalidade, da violência, que pode agravar-se, caso não sejam tomadas as devidas preocupações. Urge que nos mobilizemos no sentido de pôr cobro a esta situação, colaborando com as autoridades, denunciando os casos de suspeita, denunciando a posse de armas e de munições, entregando as armas que muita gente ainda possui. É evidente que, perante o aumento da violência, as pessoas tendem a continuar na posse das armas, para assim se defenderem. Mas a violência gera violência. Por isso precisamos de confiar mais nos órgãos policiais. Colaborar inteiramente com os órgãos policiais a fim de que seja estancada esta onda de violência. Não é a primeira vez que a nossa província passa por uma onda destas, de violência. E tal com das outras vezes, também desta saberemos dar a devida resposta. Os órgãos polícias saberão dar a devida resposta.

Cada um de nós, cidadãos desta terra, deve fazer o seu bocado, para ajudar a combater a violência e o crime organizado. A entrega das armas e munições deve continuar de forma pacífica, espontânea – muito embora sejamos de opinião que já era altura de terem sido recolhidas todas as armas na posse de civis. Se as armas continuam na posse de pessoas que podem estar a utilizá-las para praticar crimes, para causar este aumento de violência na nossa cidade, na nossa província, pois então achamos que é altura de se fazerem operações polícias de recolha compulsiva desse armamento.

Posteriormente a esta recolha, fazer saber que, quem for apanhado na posse de armamento devera responder em tribunais e será severamente punido. Enquanto não se tomarem medidas drásticas no tocante ao armamento em posse de civis. Vamos continuar a ter situações como a que estamos a viver presentemente. Estamos recordados duque era anteriormente a passagem de ano: com disparos de armas, muita gente morta e ferida por esses disparos

anárquicos, a servirem de fogo de artifício. Pesávamos então que jamais acabaria essa barbaridade. Mas a verdade é que, quando a polícia entendeu acabar com essa prática, acabou mesmo! Os que insistiram foram parar ao *Bentiaba!*

Desamar é preciso e é urgente.

Combater a violência, o crime, passa pelo desarmamento da sociedade civil.

Em outros países que viveram um conflito idêntico ao nosso, fizeram-se algumas recolhas ao troco do dinheiro. A ONU tem estado envolvida nessas acções. *Poderão muitos cidadãos estar a espera de uma acção dessas, não?*

Seja como for, é preciso dizer as pessoas que, apanhadas na posse de armas de guerra, serão severamente punidas, pelo que a sua entrega, pacífica e voluntária será a melhor forma de se verem livres das armas em sua posse. Que cada um de nós faça o seu bocado em prol do desarmamento.

A Rádio 2000 voltará a colocar no ar a campanha a favor da entrega das armas, contra a violência.

As famosas podas do Lubango23

-*Quem decepou os jacarandás da Senhora do Monte?*

-Foi a equipe dos Serviços Comunitários, como sempre!

Há já uns anos que isto não acontecia, porque em tempos que lá vão, a *Rádio 2000* criticou fortemente esta situação! Foi com espanto que voltamos a ver a decepar as árvores da nossa cidade, desta feita as que ladeiam as avenidas da Sra. do Monte! O curioso no meio de tudo isto é que os Serviços da Agricultura não venham em socorro das árvores, dos jacarandás da nossa cidade, explicando aos Serviços Comunitários como como se fazem as limpezas das árvores sem decepá-las como está a acontecer! Aliás, as pessoas têm que saber que, em África não se podam árvores! Fazem-se apenas limpezas, retirando galhos secos, velhos! Contrariamente à Europa, onde de poda a árvore, em África não é necessário. Aqui, o calor que faz sentir obriga a que as árvores criem as suas próprias defesas, que são as copas frondosas para a protegerem dos raios solares, do calor. Decependo essas árvores como o estão a fazer, fazem com que as árvores fiquem sem protecção, contra o calor e possam morrer. Por outro lado, mesmo na Europa, não se faz isto a uma árvore, porque a copa das árvores deve ser igual ao tamanho das suas raízes! Isto por vida circulação da sua seiva que deve estar equilibrada!

Desta forma, estamos a matar as árvores. Acabe-se com esta prática rapidamente, para assim podemos voltar a ver os nossos jacarandás viçosos e floridos. E deve-se acrescentar que decepamos os jacarandás na Senhora do Monte em flor, o que será um crime ainda maior!

Aqui fica meu o alerta para os Serviços Comunitários, uma vez mais e de um modo geral para todas quantos percebem destas coisas: vêm mas ficam comodamente instalados a ver e não ajudam a acabar com esta prática...

Os jacarandás não podem morrer desta maneira, decepados. Vamos acabar com isso de podar as árvores aqui no Lubango... de uma vez por todas...

Festas de Nossa Senhora do Monte²⁴

Depois de inaugurada pelo Primeiro-ministro em exercício, Dr Batista Kussumwa abriu finalmente ao público Expo-Huíla 2005. Mais uma vez, a organização superou a edição anterior.

Melhorou finalmente a qualidade dos *stands expositores*, bem como se verifica a presença de sectores vitais da economia da Província.

Empresas como a Emanha, que transforma o granito bruto em belíssimas peças de arte cujo a utilização é cada vez maior na construção civil, ombreando e superando mesmo produto importado. Savana construção, os projectos na área habitacional com soluções para todas as bolsas. Grupo FB/M e os produtos Chela. A presença em força dos bancos sedeados no Lubango, que querem assumir cada vez mas o seu papel na economia huilana. O sector automóvel, nascente na Huíla e não dependente de Luanda, que cresce e promete resolver o grave problema da região sul em material de transporte dentro do sistema nacional, ou seja, com veículos de volantes a esquerda. A Sonangol presente em força porque é ela que faz rodar os motores; as empresas de informática; do sector de construção civil, as comunicações através da Angola Telecom Movicel – que aproveita o evento para lançar o seu sistema digital e definitivamente entrar no mercado da região, competindo com o seu rival: a GSM. Em suma: a AAPCIL está uma vez mas de parabéns pelo seu trabalho, pelo seu empenho e profissionalismo, em realizar este certame, que é já maior bolsa de valores, a seguir á FILDA.

Mas há problemas: tal ficou subjacente no discurso do Presidente da direcção, António de Lemos. Os velhos problemas que, de tempos a tempos, assolam aquela associação empresarial, cuja direcção tem sabido ultrapassar. Certamente que, também desta vez, as transporá a elevará a bom porto mas este mandato.

Não tem sido fácil fazer com que a AAPCIL funcione como deve ser, defendendo os interesses da classe. A AAPCIL é hoje uma associação empresarial regional, com privilégio a nível nacional e internacional. Ela tem cada vez mais responsabilidades no enquadramento da classe empresarial: porque foi a AAPCIL que conseguiu congrega o maior número de associados; porque foi ela que conseguiu um protagonismo tal que lhe permitiu ser um parceiro privilegiado do Governo. As restantes associações – algumas delas representadas sectores específicos da classe – têm-se integrado dentro da AAPCIL e, ai, têm voz, têm representação. Mas nem todas – porque algumas surgiram apenas para dividir – são representativas; não se vêm as suas assembleias – gerais; não se sabe muito bem quem são os seus corpos dirigentes; etc., etc.

Será difícil conseguir-se a unidade da classe empresarial, passando por cima da AAPCIL. Destruindo a AAPCIL...

É preciso ultrapassar os graves problemas que a direcção da AAPCIL enfrenta, de maneiras a que ela prossiga a sua tarefa, o seu mandato. Porque esta direcção foi eleita por sufrágio director e universal. Logo: deve concluir o seu mandato e, depois, «o senhor que se segue». Oxalá a capacidade é o carisma do próximo elenco directivo da AAPCIL possa prosseguir a tarefa de manter unidos os empresários, de conduzir os destinos e de defender os interesses da classe empresarial. A AAPCIL tem sabido fazer tudo isto e, sobretudo, estar atenta ao evoluir da situação, conseguindo olhar para dentro da província e alargar-se de forma a liderar, nos municípios; a organização dos agentes económicos, empresários em potência, mas que carecem de conhecimentos e de apoios. A AAPCIL está nos municípios da Huíla, e tem sido o elo de ligação entre o empresariado nascente nessas áreas, o governo, e as restantes instituições – sobretudo na banca, de moldes aqui as coisas melhorem no interior.

A AAPCIL – que hoje nem sequer possui uma sede condigna, quando nasceu da velha Associação Comercial da Huíla, que detinha um património imobiliário invejável – é assim como que uma pedra no sapato de certas pessoas e não devia ser. Porque a AAPCIL, não nasceu em berço de ouro, pois nem sede própria ainda conseguiu, como sói dizer-se. Mas foi a AAPCIL que liderou, que aglutinou na hora certa s agro-pecuários, comerciantes e industriais.

Urge ultrapassar essa crise, indo ao âmago da questão os associados saberão certamente ultrapassar mas esta crise, a bem da classe. Ao Governo caberá, por seu lado, a tarefa de ajudar este seu parceiro a ter instalações condignas de molde a ombrear com as suas congéneres da região austral do continente. Aliás, também ai aparece o rosto da província do Governo. E nas condições actuais não existe dignidade, pelo que a imagem não corresponde ao nível de tralho que a AAPCIL nos apresenta e que da crédito e protagonismo á província. Há que muda este figurino.

Entretanto, «a César o que é de César »: a Expo-Huíla 2005 é uma realidade e cresceu bastante. A seguir, em Novembro, teremos o 1º salão Automóvel da Huíla. Não duvidamos que acontecerá, por aquilo que estamos a ver nesta Expo-Huíla.

Coragem a direcção da AAPCIL e... vamos continuar!

Antes e depois ²⁵

Estamos rodeados dos primórdios da independência, dos tempos do monopartidarismo e, sobretudo, dos comícios.

Esses comícios possibilitavam um encontro directo entre elementos da cúpula do poder e as massas. E, por norma, eram abordados assuntos interessantes. Aproveita-se esse contacto com as massas – que era sempre transmitido ao vivo e em directo via rádio – para ensinar, motivar, mobilizar, para as tarefas da produção, do ensino, da defesa, e de outras áreas vitais.

Havia então alguns dirigentes, carismáticos, que abordavam na linguagem das mesas, os verdadeiros problemas do país, frontalmente, sem papas na língua. Muito aplaudidos, por sinal.

Se algumas vezes eram inconvenientes, na sua maioria eram contundentes, acertavam no objectivo, embora, depois, não houvesse seguimento na sua conclusão. Por exemplo: falava-se muito na necessidade de, nos prédios, os moradores terem que aprender a viver em comunidade, com limpeza e higiene. Falava-se no problema das pessoas que vieram do mato, sem preparação, habitarem os apartamentos e fazerem da banheira um espaço para plantar milho; de queimarem os tacos dos apartamentos para fazer fogo; de nesses apartamentos viverem famílias numerosas demais para o espaço, o que provoca a ruptura e saturação das infraestruturas. Falava-se também do grave problemas da devastação das florestas; do desaparecimento das matas ao redor das cidades, para lenha a carvão...Falava-se de tudo isso, mas não se ia depois, na prática, resolver os problemas apontados, por uma questão de inércia e de populismo, entre outras.

Dai que tenhamos os problemas que hoje temos. No entanto, vejamos; naquele tempo era possível entrar nos bairros, reunir os moradores, e dizer-lhes como tinham que resolver os problemas inerentes à saúde pública, o combate aos mosquitos, às águas residuais, etc. hoje não temos mais comícios. Estamos em democracia e as coisas em termos de organização, de responsabilidade, não vão lá muito bem, porque alguns entenderam esta democracia à sua maneira, não respeitando nada nem ninguém, e fazendo ela, a democracia, uma anarquia! Falta autoridade nesta democracia. As ordens e as leis são de funil: uns cumprem e outros

não. Os esquemas e os compadrios têm servido para a impunidade desse que entendem esta democracia como anarquia. Julgam que só tem direitos; que nunca acaba a sua liberdade nem respeitem a liberdade dos outros.

No tempo do mono, no tempo dos comícios, estas coisas eram abordadas frontalmente. Havia, então, autoridade. Há quem diga que era uma ditadura da maioria. Talvez, sim; mas a verdade é que havia autoridade. Hoje não. Com todas estas liberdades próprias da abertura democrática, alguma coisa não se conseguiu encaixar. Daí a grande falta de autoridade. Começar-se a impor o respeito de uns pelos outros; o fazer entender que democracia não é, de forma alguma, anarquia é algo que pode ser difícil e, ao mesmo tempo, doloroso para uma certa camada!

No actual quadro, parece-nos inevitável que se tenha que recorrer à repressão para impor a lei e a ordem, para impor uma democracia plena, onde a liberdade de cada um acabe onde começa a dos outros. Senão vejamos:

1. Quando um cidadão que mora num apartamento resolver colocar os “decibéis” da sua aparelhagem no máximo, incomodando toda a gente, dando farras até altas horas da noite... *Será que ele não sabe que está a cometer uma falta grave contra os seus vizinhos?*
2. Quando um individuo bebe desalmadamente e depois vai para a estrada, para as ruas da cidade, guiar um veículo: *Será que ele sabe o que vai fazer? Terá consciência do primeiro perigo que representa para o trânsito e para a vida do seu semelhante?*
3. Quando em plena via pública se manda lavar o carro – e alguns até se dão a luxo e o lavar no repuxo do jardim – *será que estas pessoas não sabem que o que fazem é errado?*
4. Quando se possuem frotas de camiões no centro da cidade, quando se reparam esses camiões na rua, a céu aberto; quando se largam os reboques com as sapatas enterradas no asfalto, nessas mesmas ruas da cidade, *será que essas pessoas não sabem que este comportamento está errado?*
5. Quando resolvem construir anárquica e clandestinamente em cima de ruas e avenidas ou em cima de cursos de água; quando no centro da cidade se constrói caoticamente, uns em cima dos outros, barracas de adobe e até de tijolo e

cimentos, sem esgotos e sem saneamento. *Será que não sabem que está mal? Será que alguém os fiscalizou?*

6. Quando um individuo começa a vender terrenos no meio da cidade, ilegalmente, nascendo um birro clandestino, bem no centro da cidade, com todos os males daí resultantes e mesmo «debaixo do nariz das autoridades». *Será que ninguém viu? Onde estava a autoridade? Será que não se pensou no futuro? Será que se pensou na saúde pública?*
7. Quando um cidadão I publicamente ofende outros cidadãos, lesando o bom-nome dos mesmos – com ameaças de mortes a esses cidadãos, em termos racistas, xenófobos, com impérios, acabando por ser detido em flagrante delito a cometer esse crime – e consegue, mesmo assim, fugir ao julgamento sumário de acordo com a lei: *Será que a lei é igual para todos? Será isto democracia?*

Em face deste quadro, só é possível mudar essas mentalidades com radicalismo e repressão. É uma opinião e como tal deve ser sujeita a discussão, a um aprofundamento, a um estudo, através das estruturas ou áreas vocacionadas: advocacia, ética, a oral, civismo...

E esta discussão deve começar nas escolas, a todos os níveis. Mas precisamos de começar já este debate, como forma de recuperarmos ainda algumas gerações da década de noventa.

Pensem nisso, porque é preciso moralizar rapidamente a nossa sociedade...

A democracia só se entende quando ela é igual para todos; quando ela é entendida por todos; quando ela traz ordem e progresso, justiça igual para todos, autoridade para combater os desvios, os incumprimentos das leis ou das normas de convivência em sociedade.

A democracia não é nem nunca foi anarquia.

O velho Cine Arco-íris²⁶

Algo de estranho se está a passar dentro da sala do Arco-íris. Temos visto carrinhas a descarregar tijolos de adobe para dentro da sala de espectáculos.

Pensamos que está na altura de agir para salvar aquele património cultural que, embora tenha o respaldo legal num herdeiro, há que ter depois em conta o objecto social do empreendimento e facto de fazer parte da nossa história.

Se o herdeiro não é capaz de gerir aquilo que herdou, deve-se então encontrar os mecanismos legais que possam acabar as barbaridades que estão a acontecer no Cinema-Arco-íris.

Sabemos que, depois de terem retirado as cadeiras do cine-teatro, estão a construir em adobes compartimentos para alugarem. Sabemos também que o espaço tem sido alugado para gente que chegue de fora e não tenha onde ficar. É o cúmulo. Chama-se a isto: “bater no fundo”.

Neste momento impõe-se que uma Delegação Municipal, na companhia dos Órgãos de Comunicação Social locais, faça uma visita àquele complexo para que, *in loco*, possa ver o grau de degradação que existe e o que realmente está a ser feito dentro do mesmo com tanto adobe.

Julgamos que o facto de não esta a cumprir com o seu objecto social, deveria ser motivo para uma intervenção rápida e de quem de direito.

Tudo isto para salvarmos – se é que ainda é possível – o *ex-libris* do Lubango, o *Arco-íris*. Sabemos que a boca de cena está a abater e isso pode ser realmente grave. Mas precisamos que um grupo técnico abalizado possa ver o actual estado para sabermos até que ponto é possível salvar ainda o Complexo Arco-íris.

Por outro lado, o não cumprimento com o objecto social do empreendimento parece-nos ser crime ou não, pelo menos, uma violação do estipulado. *Que medidas devem ser tomadas para repor a legalidade?* Os jornalistas quê se pronunciem.

Mas precisamos de salvar o Complexo Arco-íris. Não temos nenhuma sala de espectáculos na nossa cidade. E sabermos nós que ela funcionou, mais ou menos até meados da década de 90.

Aqui sim, impunha-se a intervenção estatal através de uma nacionalização – pelo menos da parte dos herdeiros que abandonaram – e na indemnização ao actual herdeiro, com o fim altruísta de salvar património.

Felizmente, o Estado tem hoje mais cuidado com as questões legais, nesta questão das nacionalidades. Infelizmente, neste caso do Arco-íris, não deveria ser tão legalista, pois corre-se sérios riscos com a estrutura física do Complexo Arco-íris.

Oxalá a nova Administração Municipal possa também ajudar a encontrar uma solução rápida para salvar aquela estrutura, já que, em termos de salas de espectáculos o Lubango está cada vez mais pobre.

O jornalista²⁷

Ser JORNALISTA hoje – num país como o nosso, marcado por um longo conflito que tem dizimado gerações e gerações, destruindo infraestruturas e meios, teimando em não ter fim – é muito complexo.

Alimentamos um conflito armado que brutaliza seres humanos, que reduz a vontade de todos nós em lutarmos por um futuro melhor para os nossos filhos...Quantos de nós, hoje na casa dos 50, não recordamos o início de tudo e não acalentámos então poder vir a desfrutar das benesses do País independente e podermos dar um futuro aos nossos filhos?

Todos nós acreditamos nisso, lutamos por isso! Mas hoje, volvidos quase 30 anos, muitos ficaram pelo caminho, tombados na luta fratricida, vítimas das mais diversas doenças, ou de acidentes brutais.

O que se passa em Angola é uma tragédia. Com cerca de 50% da população refugiada dentro do seu próprio país, colossalmente rico, mas de mão estendida à caridade internacional e com uma minoria extremamente rica, ostentando luxo na miséria!

Ser JORNALISTA hoje é muito complexo! Já ontem o era, mas hoje é-o ainda mais, dado que existe imaturidade democrática, falta de civismo, falta de cultura democrática, etc.

Um JORNALISTA com letra maiúscula é sempre da oposição! Obviamente que ele vê as coisas de um outro ângulo, que raramente condiz com o ponto de vista governamental! E quando esse ponto condiz, logo uma dúzia ou duas de outros de outros pontos não condizem!

Portanto, ser JORNALISTA é muito difícil, porque se não formos a favor também não podemos ser do contra! Então teremos que ser fantoches...e isso é muito mau porque não permite uma abordagem séria dos verdadeiros problemas que o País enfrenta!

Quantas vezes os problemas são escondidos a quem de direito, exactamente porque não convém que se mexa no caso? E quando chega lá a quem de direito, ouve-se dizer: «mas eu não sabia!!!»

No entanto, ser Jornalista é isso mesmo: lutar dia a dia por um ideal, pela perfeição das coisas. É óbvio que, perfeito, nem Cristo foi capaz de ser!... Mas lutou por isso! O Jornalista é lutador por causas e deve saber situar-se para poder defender causas justas! No fim, pode não atingir a perfeição mas, pelo menos, ficou melhor...

Qualquer Jornalista sentirá a necessidade de defender a todo o custo a causa do povo angolano, martirizado pelo sofrimento, que foge da guerra e morre da fome, de doenças de frio; qualquer Jornalista tem o direito de defender esta causa e dizer a quem faz a guerra: BASTA de tanto sangue! Dêem uma oportunidade à PAZ! Cultive-se a PAZ, pacifiquem-se os espíritos, acabe-se com a violência!

As crianças e os Jovens deste País, precisam de ter uma oportunidade de vida saudável que lhes permita desenvolver todas as suas capacidades criadoras; de desenvolver o seu próprio País, destruído por esta maldita guerra!

As crianças deste País, já começam a pedir contas aos mais velhos sobre o País que vão herdar: um País semi-destruído, com uma multidão de mutilados, de famintos e as sequelas da desnutrição, montes de analfabetos!

Enfim...é este o País que vamos deixar aos mais novos?

Seremos, então, amaldiçoados para toda a vida, porque não lhes deixámos nada, absolutamente nada! Só desgraça e miséria e um País inteiro para reconstruir...

Urge acabar com esta maldita guerra e dar à maioria do povo angolano o direito de viver em paz, reconstruir suas vidas e beneficiar das riquezas da sua terra!

É isto que JORNALISTA tem o direito de poder dizer, sem medo, aos que fazem a guerra: BASTA, porque o povo sofre em silêncio e vai começar a odiar os causadores de tanto sofrimento!

Que seja esta a altura para parar a guerra! Já vai longo o rol das vítimas inocentes deste conflito. ACABE-SE COM A GUERRA! Enterrem o machado, fumem o cachimbo da paz, dêem as mãos e vamos reconstruir! Mas, primeiro, é preciso acudir aos milhões de deslocados, refugiados dentro e fora do País, que sofrem toda a espécie de privações, morrem de doenças que o mundo civilizado já nem recorda!

PONHAM A MÃO NA CONSCIÊNCIA E PAREM COM A GUERRA,
MEUS SENHORES!

Este é o meu grito. Um grito de Jornalista que sofre perante a impossibilidade de nada pode fazer, a não ser escrever e falar em favor dos milhões de angolanos que deambulam com as *imbambas* 28 às costas, fugindo aos horrores da guerra, para morrer mais além, vítimas da fome, de doenças como a malária, tuberculose, sida, e de frio, porque andam ao relento sem agasalhos e sem tecto!

PAREM COM A GUERRA, este é o meu grito, hoje!

Clínicas privadas, sim; articuladas com o comércio, não (I)²⁹

Com abertura da saúde ao sector privado da economia, começou a verificar-se o aparecimento, um pouco por todo o lado, de clínicas de saúde – se é o que assim se podem chamar!

Claro que, a legislação que acompanhou esta abertura do sector, é bastante bem feita! Pena é que, como quase tudo no nosso País, não seja exactamente para cumprir!

Estamos perante tropelias verdadeiramente graves, nesta importante área, que urge equacionar de jeito a colocar-se ponto final e encetar-se novos rumos, mais sérios, porque saúde... é coisa seria!

Não se concebe, por exemplo, que uma clínica como a Margon esteja exactamente instalada no local onde está: junto a um rio obstruído, mal cheiroso e com todos os inconvenientes daí resultantes para a saúde daqueles que ali vão receber tratamento. Se eu tiver malária, e ali me for tratar, tenho 50% de possibilidades de apanhar através dos milhares de mosquitos que por ali pularam. É caso para dizer: «não se morre da doença, morre-se da cura»

Diga-se, em abono da verdade, que a edilidade nunca quis saber da saúde dos munícipes. Recorde-se que era preciso pulverizar a cidade, de quando em vez, para combater a mosca e o mosquito. Compraram-se os equipamentos mas, infelizmente, nunca funcionaram! Segundo sabemos, faltou dinheiro para comprar o produto e o gasóleo para a viatura que transporta o equipamento! Desculpa esfarrapada, porque o que se vê mais por aí são carros do estado, a passar!

Voltando ao tema: o local onde se instalou a Clínica Margon é dos piores da cidade, em termos de saúde pública. O meso se passa com o sítio escolhido para a Anaclin. A Saúde privada, em clínica ou consultórios, é boa quando devidamente qualificada. Na verdade, algumas clínicas não passam de gabinetes-consultórios dos vários médicos da cidade. É bom saber o seu horário para ai podermos fazer uma consulta com o nosso médico da especialidade ou o nosso médico habitual. Tal parece-nos começar a ser um exagero e urge alertar os serviços competentes para exercer um maior rigor, porque com a saúde, já o dissemos não se brinca.

Vejamos a seguinte situação: o doente marca uma consulta com um médico, que paga já uma boa quantia, numa dessas clínicas; o doutor consulta e e receita invariavelmente um grupo de análises – que logo faz e ali mesmo. Prontas as análises, volta a marcar nova consulta – com o mesmo médico, obviamente – e volta a pagar a mesma quantia! É aqui que está o que nos parece um exagero, para não dizer outra coisa pior...

Está errado e não nos venham dizer que é correcto, porque não é! Pode até haver conluio entre médico e a clínica onde ele é avençado, no sentido de obrigarem o doente a consulta e análise pagando cada um dos serviços separadamente.

Não está correcto. Se um doente vai a uma clínica solicitar uma consulta, o médico manda fazer uma ou várias análises ou chapas, naturalmente que o médico já sabe que deve voltar a ver aquele doente, porque, na verdade, ele nada viu da primeira vez: precisa das análises ou das chapas para saber o que é que o doente tem. Portanto, a consulta só termina quando o médico determina qual o problema do doente e o medicar! Antes disso, a clínica não pode cobrar a consulta.

É preciso acabar-se com esta situação porque estamos perante uma exploração escandalosa do sofrimento humano.

Desta forma, a saúde privada está mais perto do Ministério do Comércio do que do Ministério da saúde.

Clínicas privadas, sim; mais articuladas com o comércio, não (II) ³⁰

Vamos hoje retornar o assunto encetado ontem, sobre saúde privada. Já se diz por ai que estamos contra as clínicas privadas. Nada disso! Concordamos com eles e queremos que apareçam outras, mas com condições e que não sejam como as farmácias: o negócio da moda.

No Lubango começa a ser hábito: se um negócio dá para um, todo o mundo aparece logo a fazer igual...

Voltando ao assunto que anunciei: nós não estamos contra as clínicas privadas. Muito pelo contrário, nós somos a favor da medicina privada. Ela existe em qualquer parte do mundo...as duas medicinas devem coexistir e «quem pode, pode»; quem não pode, é assistido pelo Estado, através da Assistência Social.

Em qualquer dos casos, uma é cera: saúde é saúde, seja privada, seja estatal. Todos os cidadãos têm direito à assistência médica e medicamentosa, independentemente da sua condição social ou económica. Num estado de direito, trata-se o doente e só depois é que se cobram os honorários ...infelizmente não é assim na prática!

Em resumo: queremos-las sim, queremos clínicas privadas, com qualidade, com requisitos que justifiquem o facto de serem privadas e mais caras que as do Estado. Neste momento, assiste-se a um subir de qualidade dos serviços de saúde estatais no Lubango. É bom que se comece a reavaliar o funcionamento das ditas clínicas privadas porque, na realidade, os médicos são praticamente dos mesmos. E assiste-se agora as coisas incríveis: se vai à consulta médica no hospital estatal, o médico manda fazer análises nos laboratórios do hospital, quando, anteriormente, os mandavam fazer em qualquer sítio fiável. Hoje verificamos que, nos hospitais do Estado, as análises nos parecem mais credíveis: os reagentes estão actualizados e os resultados são assim mais fiáveis.

Entretanto, é preciso que apareça mesmo alguém que invista seriamente numa clínica privada como deve ser! Recordamo-nos que antigamente havia o Hospital do Vouga, a caminho da Humpata! Belíssimas estruturas que hoje estão bastante degradadas e já não

funcionam. *Será que não haverá por aí alguém com capacidades para aquela Hospital?*

Sabemos que há, mas sabemos que há entraves de toda a ordem a quem quer investir seriamente! E, às vezes, esses entraves são criados exactamente com medo de concorrência. Com tudo, precisamos de uma clinica ou de um hospital privado, “a sério”, que permita ao nacionais e os residentes viverem com tranquilidade no que a saúde diz respeito. Presentemente, vivemos com um pé aqui e o outro...na Namíbia – os que podem, claro! Em termos de saúde, é preciso realmente que se exerça a profissão com maior rigor; que exista ética profissional e se respeitem os princípios deontológicos.

Voltamos a repetir: uma consulta só termina quando o médico determina que o doente tem e o medica! Não podem cobrar duas vezes a mesma consulta! Isso é, no mínimo, explorar o sofrimento humano de uma forma escandalosa. Por último, pensamos que os médicos residentes podem e devem abrir os seus próprios consultórios, como, aliás, acontecem qualquer parte do mundo. Um pequeno gabinete com uma funcionária que atende o telefone e gere as marcações e consultas é o suficiente para um médico equipar seu consultório – o que muito ajudaria a população urbana.

A medicina não pode começar por ser um comércio, embora-se praticada com regras, dignidade e, sobretudo, qualidade – no fim, também o possa ser!

Cidade Virtual

Cidade virtual³¹

A cidade deste apontamento é uma virtual. Quer dizer: ainda não existe, a não ser...na nossa imaginação!³²

Queremos fazer com que essa ideia sonhada passe para a mente de outras pessoas e sintam, tal como nós, a força desta cidade!

Descrevemo-la, então: a nossa cidade virtual é uma cidade grande, com muitos bairros periféricos, onde cerca de um milhão de habitantes! Toda cidade foi projectada para oferecer às comunidades os prazeres da vida bem vivida. Assim, ela tem uma rede de saneamento básico, com esgotos, com água potável canalizada, energia com qualidade (para as casas privadas e para os locais públicos), gás butano canalizado, estações de televisão TV por cabo com vários canais à escolha, muitas estações da rádio em FM – para que cada qual possa escolher o que melhor lhe interessa.

Possui muitos templos religiosos, para comprar as várias comunidades religiosas.

Tem grandes supermercados, hipermercados onde não falta nada! Uma rede comercial bastante activa – pois há um terminal de carga aérea de fácil acesso, por via rápida e muito perto. Embora seja uma cidade do interior, tem um porto comercial, ligado por auto-estrada, e uma linha-férrea electrificada, com comboios rápidos...

Todos os bairros têm ruas asfaltadas, bem iluminadas e com muita vegetação, jardins e árvores viçosas. São moradores de casa bairro são “bairristas” e fazem questão de disputar o título de bairro da cidade, mas limpo, mais arborizado, mais ajardinado e mais bonito!

Cada bairro possui níveis de ensino até ao médio, de moldes a que nenhuma criança estude fora do seu bairro de origem. A cidade possui mais que uma universidade...pois o desenvolvimento de qualquer país, de qualquer cidade, eu passa pelo número de Univercidae que possui, quanto mais melhor...

Cada m dos bairros da minha cidade virtual possui um hospital com capacidade instalada para 250 camas! E nele são assistidos os moradores do bairro, através de uma equipa médica completa. Cada

família tem o seu médico que acompanha ao longo das suas adversidades, tudo esta dimensionado. A cidade possui, então, um grande hospital central, muito ligado as faculdades de Medicina e onde se faz investigação; onde há grande capacidade de recursos humanos e técnicos para atender e estudar os caos mias complicados; onde se investe seriamente na pesquisa, no estudo e implementação de novos medicamentos.

Mas, a minha cidade virtual tem ainda um corpo de polícia –o que é normal pois, um meio onde existam dois ou mais seres humanos, cada qual com a sua forma de ser de pensar agir, há forçosamente contradições ou discordâncias. Para as prevenir ou remediar há leis, naturalmente. E para fazer cumprir essas leis, temos a polícia, os tribunais que julgam os casos de polícia e não só, acontece em todo o mundo.

A nossa cidade virtual tem frotas de camionagem pesada, muito pesada, pois através delas que as mercadorias chegam e partem da cidade. Mas essa frota de pesados não entra na cidade! Existem parques fora da cidade, e a partir da qual pequenos camiões extraem as mercadorias ou, como se diz na gíria: “desovam os contentores ” . Mas dentro da cidade, não há camiões!

Há ainda nos arredores, na periferia, uma zona industrial onde estão as fábricas que laboram dia e noite, que produzem bens e serviços mas dentro da cidade, não há fábricas, nem há poluição!

A minha cidade virtual tem ainda uma Câmara Municipal, gerida por um presidente. Este é cidadão normal, filiado ou não num partido político que ganhou as eleições autárquicas, que se realizam de cinco e cinco anos. Na minha cidade virtual, existe democracia, liberdade de opinião e de expressão. Os cidadãos da cidade virtual participam na resolução de seus problemas: através do acto eleitoral, os vereadores da Câmara – todos igualmente eleitos – gerem a cidade por cinco anos. O seu círculo de eleitores, os moradores da cidade central e os dos bairros limítrofes, compõem a vereação e respondem perante os seus volantes.

O presidente da cidade virtual é um perfeito cidadão: com prestígio, com capacidade política, financeira e administrativa. Ele, em nome do seu partido – o partido que o nomeou e propôs ao eleitorado da cidade virtual – governa a urbe com pulso a sabedoria; escuta as estações de rádio, vê a televisão, lê os jornais da cidade.

Quando ele passa, no seu automóvel oficial, com condutor particular, vai atento ao que o rodeia: aos jardins às ruas e avenidas, ao trânsito citadino, à limpeza da cidade! Ele vê tudo o que o rodeia e se passa dentro da sua cidade: esta rádio, vê televisão e lê jornais! Os problemas que detecta, de imediato os resolve; telefonando as responsáveis de cada sector ou departamento e orientando-os no sentido da resolução dos mesmos.

Ele é um democrata convicto, aceita a crítica construtiva. Em suma, o presidente da nossa cidade virtual é um cidadão querido da cidade que o elegeu, dos cidadãos. É respeitado e dá-se ao respeito.

Por hoje chega de cidade virtual. Queremos apenas acrescentar que os cidadãos da nossa cidade virtual, os comerciantes e industriais, todos participam da resolução dos problemas da cidade, pagam as suas contribuições: por isso a nossa cidade é virtual é autónoma, política, financeira e administrativa.

(segue-se um diálogo entre dois cidadãos, convidados para o efeito, onde discutem o que

acabaram de ouvir na rádio, analisando-o do ponto de vista da cidade real que conhecem.) **Z**

Cidade Virtual I³³

Esta nossa cidade é pura ficção. Só existe na nossa imaginação. Por isso não comecem já a pensar em mudar para esta cidade!

A nossa cidade virtual, é gerida por uma Câmara Municipal – ou autarquia, como queiram chamar-lhe cuja direcção saiu do pleito eleitoral. A este exercício da democracia chama-se o exercício do poder local.

Assim, a nossa cidade virtual consegue viver desafogadamente, sem interferências no poder central, ou provincial, porque (como disse já no final do programa anterior) ela é autónoma, política, administrativa e financeira!

O cemitério da cidade virtual é um local bastante bem arranjado, sempre verde. O cuidado com os cemitérios, demonstra o respeito que se tem pelos mortos. Pelo contrário, o desrespeito pelos mortos e pelo local onde repousam é sinal do pouco apreço que damos à vida.

Na nossa cidade virtual, respeitam-se os mortos; por isso o cemitério é um local bonito, sempre arranjado, sempre verde, onde existem os talhões familiares, o túmulo do soldado desconhecido e o talhão militar. Uma equipa de trabalhadores funciona ali na 100%! Desde o pessoal que regista os óbitos, ao que abre as covas, que faz o enterro, que coloca as tabuletas... enfim, todo este trabalho é devidamente registado, pois trata-se de algo sério. Tudo funciona devidamente e com o maior respeito.

No cemitério da cidade virtual, não se assaltam os túmulos para roubar os caixões ou mesmo os pertences dos finados.

O cemitério da cidade virtual é um jardim autêntico, onde, periodicamente, as pessoas vão levar flores aos seus defuntos. Ali, dá gosto ver como são tratados os espaços onde estão enterrados os restos mortais dos nossos familiares.

Mas, a cidade virtual tem ainda mas coisas dignas de serem relatadas! A cidade tem uma pintura uniforme,; ninguém pode pintar os edifícios da cidade, sem obedecer ao regulamento criado pelo efeito. Razão pela qual a cor branca e um verde matizado, são as definidas pela edilidade para a pintura dos edifícios. Também as

obras de reparação em edifícios, na via pública, obedecem às normas de câmara e requerem muita segurança não só para os transeuntes para quem nelas trabalha.

Os comerciantes e proprietários de estabelecimentos da cidade pagam religiosamente, aos serviços camarários, a recolha de lixo, os anúncios publicitários, a energia eléctrica e todos os outros serviços públicos de que beneficiam.

Aqui, na cidade virtual, ninguém se furta às suas responsabilidades.

Por outro lado, os cidadãos são exemplares: não deitam papéis, cascas de frutas ou pontas de cigarro no chão, nem ninguém urina na via pública. Existem urinóis um pouco por todos os bairros e pela cidade centra, da nossa cidade VIRTUAL!

Na cidade virtual da nossa imaginação, há um rio que a atravessa! Esse rio está emparedado; em alguns pontos passa por túnel sobre o qual há um jardim que divide uma artéria larga, de dois sentidos.

Esse rio está sempre limpo, pois não pode ser causador de doenças, como a malária, ou de maus cheiros.

Esse rio é realmente o orgulho dos moradores da nossa cidade virtual! Há alturas do ano em que se pratica canoagem, junto às montanhas, onde ele nasce...

Outras das maravilhas da nossa cidade virtual é, ou melhor: são os mercados municipais. Cada bairro possui um mercado municipal! Neles se vende a produção horto-frutícola fresca, produção local e é um local muito visitado pelos turistas. Está sempre limpo, fresco e nele se vende igualmente a carne e o peixe fresco – tudo isto devidamente fiscalizado pelos serviços competentes, como as actividades económicas e a inspecção sanitária, entre outros.

Os mercados da nossa cidade virtual não encerram ao domingo, pois é precisamente ao domingo que a maior parte dos moradores da cidade virtual se abastecem de víveres para a semana inteira. O dia de descanso, dos que vendem no mercado municipal, é alterado durante a semana, mas nunca fecham o mercado! Fecham determinadas bancas para descanso, mas não o mercado todo!

A nossa cidade virtual possui uma equipa técnica que trabalha arduamente para manter a cidade nos conformes. Tem um grupo de vereadores que se ocupa unicamente de estética da cidade: nada de muros nada de grades, nada de construção anárquicas. Aqui, é feito de acordo com os regulamentos. Ninguém está a acima dos regulamentos e das leis. A estética, ou seja, o seu aspecto bonito é importante para dar à cidade uma identidade própria, característica.

A nossa cidade possui, ainda, um grupo técnico (que é acompanhado pela vereação), que se debruça sobre o *Plano Director da Cidade*: zona de crescimento, saneamento básico, acessos, iluminação pública, etc.

No próximo capítulo iremos falar mais detalhadamente desta área que é importante em qualquer urbe! Mas, atenção, isto é uma cidade de ficção. Ela só existe na nossa imaginação!

Já nos perguntaram: - *Mas, onde fica essa cidade?*

Ela só existe na nossa imaginação. Penso, no entanto, que a nossa cidade real bem podia ser uma aproximação, mesmo que em ponto pequeno. Mas os moradores devem tomar primeiro consciência...

E ponto, cidade virtual fica por aqui. Voltamos no próximo domingo!

(segue-se o diálogo entre dois cidadãos onde o texto de acordo com a cidade que

temos, conforme explicado já para o programa anterior.)

Cidade Virtual I³⁴

A nossa cidade virtual é uma cidade cujo crescimento foi previsto e estudado desde a sua fundação. Hoje, prossegue-se o seu estudo com vista ao seu futuro desenvolvimento harmonioso. Por isso, as áreas de crescimento são devidamente analisadas ao pormenor. Nada é feito ao acaso, porque isso pode redundar num fracasso, num desastre ecológico, em prejuízo para os habitantes da cidade.

É óbvio que o número de habitantes aumenta, de ano para ano; as famílias originam outras famílias, pois: «quem casa quer casa»; por isso, a construção é uma frente em progressivo crescimento. Razão pela qual as áreas de crescimento da cidade precisam de estar preparadas, disponíveis.

Para essas novas áreas, tudo terá que avançar em paralelo: a água potável canalizada, a energia eléctrica, o gás butano canalizado, os telefones, os arruamentos, etc., para que tudo isto funcione, há na câmara municipal um departamento que se ocupa, a tempo integral, do *Plano Director da Cidade*. É aqui que se estuda ao pormenor o crescimento da cidade, se planifica e se prevê o seu desenvolvimento para os próximos vinte anos.

Portanto a cidade virtual, cresce de forma planificada e ordenada. Ninguém constrói sem autorização prévia da Câmara ou sem submeter o projecto à respectiva aprovação. Isto porque o *Plano Director da Cidade* prevê, para cada área, diferentes tipos de construção. Fora disso, ninguém pode fazer absolutamente nada!

As ruas, praças e avenidas são implantadas de forma moderna, e obedecem aos critérios de segurança ditados pela modernidade. Antes que me esqueça, deixem-me recordar-vos: a cidade virtual é gerida por uma Câmara Municipal ou Prefeitura, que sai das eleições autárquicas, realizadas de cinco em cinco anos e nas quais participam todas as forças políticas do país. Portanto: é o local quem governa a cidade virtual!

A nossa cidade virtual tem semáforos que ajudam a regular o trânsito – porque a cidade virtual tem muito tráfego! Praticamente não há acidentes de trabalho, se exceptuarmos uns pequenos choques traduzidos em pequenas amolgadelas na chapa. Os

aparatosos e graves acidentes não se verificam na nossa cidade virtual!

A cidade virtual tem um índice de criminalidade baixo, porque o nível académico e cultural da população é alto. Existe preocupação em criar formas de preenchimento dos espaços livres da camada jovem, e sobretudo, existe um grande equilíbrio na criação de postos de trabalho; está bem gerida a proporção entre a idade da reforma e a oferta do primeiro emprego. Há incentivos ao empresariado, no sentido de criarem novos postos de trabalho – impõe-se dizer que, na cidade virtual, esta questão é pensada: os habitantes da cidade, sobretudo as camadas jovens, ao acabarem os estudos têm logo o seu primeiro emprego assegurado, de acordo com o curso que tiraram. Existe uma relação estreita entre a organização empregadora e a instituição formadora. Uma complementa a outra.

Por isso, a idade da aposentação é aos 55 anos, de forma a deixar lugar aos mais jovens e permitir aos que se jubilam aproveitar com qualidade o resto das suas vidas. Entretanto a cidade virtual, criou espaços e actividades próprias para esse segmento da população que passa à reforma. Obviamente que é preciso pensar muito seriamente na vida a dar aos mais velhos, depois da reforma. Não podem ser abandonados à sua sorte, sem nada para se ocupar, como em algumas sociedades ou países. Aqui na cidade virtual, os reformados, para além do compensador subsídio que auferem, usufruem ainda de uma série de outros benefícios: serviços de saúde grátis, descontos especiais nas agências de viagens, etc. Ora, isso faz com que os idosos aproveitem o tempo da reforma para gozar então a vida! Eles fazem viagens em grupo, visitam outros países e outras gentes. Fazem grandes excursões pelo interior do seu país (o da cidade virtual), aproveitando a oportunidade para conhecer o país real. Praticam desporto, assistem a espectáculos, fazem pesca, jardinagem, entre muitas e agradáveis tarefas.

Independentemente disso, há uma série de actividades a eles dirigidas, como a de cicerones, leitores para cegos e outros diminuídos. Dão, igualmente, o seu contributo voluntário na edilidade, nas repartições estatais e em todo o sítio onde continuam a ser úteis e mais experimentados.

Apetece envelhecer na nossa cidade virtual! Aqui, depois dos duros anos de trabalho, a reforma é mesmo para desfrutar o melhor da vida!

Mas, atenção: a nossa cidade virtual, é pura ficção! Só existe na nossa imaginação! Por isso, «é melhor caírem na real...»

Cidade Virtual ³⁵

A nossa cidade virtual é uma cidade de sonho. Nela tudo é ficção! Mas, se na cidade real os actuais governantes conseguirem interiorizar as ideias desta cidade de sonho e fantasia, e a implementarem pelo menos em 50%, então o nosso sonho pode começar a ser materializado – e isso agrada-nos, evidentemente.

A parte mais importante da nossa cidade virtual é, sem dúvida alguma, o seu tipo de gestão autárquica: o poder local instituído e que procede das urnas, de cinco em cinco anos. É isto que faz com que uma cidade ou um município funcione; com a participação de todas as comunidades que compõem a sociedade da cidade virtual.

Cada partido propõe seu candidato para a Câmara Municipal: pessoas com grande carisma e capacidade governativa, pois que, para presidir aos destinos deste Município Virtual e fazer com que tudo funcione direito, como deve ser, só com pessoas capazes (quer de um lado, quer do outro), e que mudam o regularmente, através do escrutínio eleitoral.

O Presidente da Câmara ou Perfeito, como queiram chamar-lhe, é um perfeito cidadão, exemplar em tudo, mormente nos bons exemplos que dá no seu dia a dia.

Na área onde reside, tem tudo bem arranjado e de acordo com as posturas camarárias, como modelo para os demais. Nada se pode apontar ao Sr. Presidente da Câmara da cidade virtual.

Da mesma maneira, também os vereadores são cidadãos exemplares, cujo comportamento é seguido por toda a sociedade. Naturalmente que só assim as coisas andam, pois quem os votou foi o povo. De jeito nenhum se poderia conceber que responsáveis ao mais alto nível municipal manifestassem comportamentos indecorosos; que apresentassem a sua área de residência num constante mau estado de conservação; que mandassem lavar o carro em cima do passeio da residência; que fizessem do quintal da residência uma eira; que plantassem milho defronte à residência, etc.

Um presidente ou um vereador com estes comportamentos, na cidade virtual seria logo saneado pela comunidade que o elegeu, através do seu partido. É por isso que, na nossa cidade virtual, existe harmonia em todos os sentidos: mesmo na opção, há harmonia! Há

uma oposição correcta a dentro das normas constitutivas, para que a opção se faça em moldes construtivos.

A nossa cidade virtual, tem um corpo de polícia, com um comando e esquadras pelos bairros. Existe um efectivo que gere a segurança dos cidadãos, ou seja, a segurança pública. Há respeito pelos agentes, porque os agentes, policiais dão se dão ao respeito.

O tráfego rodoviário é controlado por uma Brigada de Trânsito, com todos os meios a seu dispor: viaturas, motos e homens apeados. Contudo, só se vê polícia na rua quando há algo de normal. Fora disso, não se vê guardas nas ruas...

Há muito respeito pela polícia e esta respeita muito os cidadãos (Naturalmente que os que assim não procedem são imediato alvo da acção policial.)

Em cada esquina funciona um tribunal de polícia, com um agente do ministério público e um juiz direito, que tomam conta de todos os casos e não deixam que se viole a lei nem os direitos dos cidadãos. A eles compete, em primeira instância julgar e legalizar as prisões, analisar o tempo de prisão preventiva bem como outros procedimentos de igual foro.

Há ainda os julgamentos sumários, que são feitos nos tribunais de polícia e que visam agilizar os casos mais simples e rotineiros, de maneira a que não se perca tempo em instâncias superiores ou se prejudique o cidadão.

Na cidade virtual há leis, há justiça, há advogados, há cadeias; mas curiosamente, na cidade virtual há poucos presos! Os presos da cidade virtual são submetidos a acções formativas e correctivas que complementam a sua detenção de moldes a que, ao serem restituídos à liberdade, depois terem saldado a sua dívida para com a sociedade, possam inserir-se no seio da mesma, sem qualquer marginalização e usufruindo de todos os seus direitos. Há psicólogos que trabalham na cadeia, junto da comunidade encarcerada com o objectivo de melhor acompanharem e estudarem, caso a caso, cada um dos detidos.

Em suma: os presos da cidade virtual são poucos e cumprem as suas penas dentro dos princípios que regulam os direitos humanos; são assistidos e quando sem, normalmente regeneram-se. Não se conhecem reincidentes que tenham voltado às cadeias: sinal de que há um verdadeiro trabalho de regeneração nos serviços prisionais.

Na cidade virtual, as cadeiras dependem do tribunal. Os presos têm direitos que são respeitados, assim como eles respeitam os direitos da sociedade.

Ma estamos a falar de uma cidade, de um município virtual, de um sonho, de uma fantasia. Porque na cidade real, a situação é bem outra: preocupante, muito violenta, cheia de transgressões, vindas de todos os lados.

Cidade virtual, por hoje, fica por aqui. Voltaremos daqui a oito dias, na esperança de tocarmos no coração daqueles que podem mudar a imagem da nossa cidade...

Cidade virtual³⁶

Estamos de volta á nossa cidade virtual, onde tudo está arrumadinho, sem atropelos, todos e cada coisa no seu lugar.

A nossa cidade virtual é uma cidade africana que sofreu as vicissitudes da era colonial. O País a que pertence esta nossa cidade virtual é composto por cidadãos de várias etnias, raças, credos religiosos e políticos. Como em qualquer sociedade, existem classes sócias: são poucos os pobres, mas existe uma classe média bastante forte, composta, na sua grande maioria, pelos funcionários públicos; e existe uma classe alta, digamos assim, que são os ricos. Os pobres são de todas as cores e credos; os da classe média são igualmente de todas as raças e doutrinas; e os ricos, «idem, idem» ...

Existe uma harmonia perfeita, vivendo todos na mais completa paz do senhor, como sói dizer-se!

Na arena política, cada partido tem os seus membros, os seus militantes e os seus simpatizantes; e em todos os partidos militam cidadãos de todas as etnias, raças, e credos religiosos. Politicamente, cada qual pertence ao seu partido e cada qual defende os ideais do seu partido – da mesma forma que na cidade virtual existem vários clubes desportivos, cada qual com a sua mesa associativa, as suas cores e as claques de apoio.

A existência de várias etnias e raças enriqueceu de tal forma a cidade virtual, que a sua vida espiritual, cultural e desportiva é bastante intensa e muito estudada a outros níveis, inclusive por investigadores estrangeiros. A integração de todas as comunidades, em particular das minoritárias, aconteceu de forma natural, através da educação, nas escolas, em casa e no serviço. O combate ao racismo, à xenofobia, ao tribalismo e ao regionalismo é permanente nas escolas e conteúdo obrigatório dos programas de ensino.

Na nossa cidade virtual, o respeito pelos mais velhos, o respeito pelo património autárquico, pelas cabines telefónicas, pelos bancos dos jardins, pelos contentores, pelos parques infantis, pelos sinais de trânsito, pelas plantas e pelas árvores é exemplar.

Como referimos atrás, a nossa sociedade da cidade virtual saiu de um passado colonial, onde foi preciso lutar contra o opressor para alcançar a independência. Há os mártires dessa luta; há os heróis

desse combate; há os sobreviventes dessa contenda. Houve o cuidado de se fazer uma integração completa no seio da sociedade, para que, os deram o melhor das suas vidas em prol da luta de libertação fossem devidamente instalados e vivessem bem. São os primeiros cumpridores das leis e das normas de convivência. Nada de cartas anónimas, com ameaças, «porque eu lutei e tu não lutaste», ou porque os que lutaram se acham com direito a fazer o que bem lhes apetece, sem respeito por nada nem por ninguém. Não senhor! Na cidade virtual, nada disso acontece, porque há respeito, há civismo e há regras que todos cumprem. De contrário, seria uma selva! Os antigos combatentes da cidade virtual, são os primeiros a defender a cidade e os seus bens. Não constroem fora as zonas determinadas e são iguais aos outros cidadãos que não lutaram, porque nem todos foram para esse combate. A grande maioria ficou e cumpriu com o seu papel na mesma, contribuindo para o engrandecimento do País que há-de nascer depois da luta de libertação. Em qualquer parte há os que vão para a guerra e lutam, e há os que ficam. Porque se todos fossem para a luta de libertação, *como é que ficávamos?*

Em suma: na nossa cidade virtual, “cada um no seu galinho” e nada de confusões. Viver na nossa cidade virtual dá gosto, porque realmente há justiça social, há respeito pelos direitos de cada um e cada um respeita os direitos dos outros. Na cidade virtual, a minha liberdade acaba onde começa a do outro.

Bom, mas isto é sonho; é ficção. Quando deixamos este sonho e caímos em nós, a realidade é bem outra...

Mas sonhar não custa nada e alimenta o espírito! Boa noite, e até ao próximo programa.

TEXTOS ESCOLHIDOS

O poder local em discurso³⁷

O tocante as discussões a nível da comissão que elabora a nossa constituição, há um impasse: a oposição, mormente a UNITA – Renovada, entende que as autarquias, ou melhor, as Administrações Municipais devem ser eleitas – o que está muito certo. Este é o verdadeiro poder local...Agora a pretensão de que os Governadores de Província devem igualmente sair do acto eleitoral, é que nos parece «gato escondido com o rabo de fora»; senão vejamos: as eleições presidenciais e as eleições legislativas elegem o Presidente da República e o parlamento. Vencedor das eleições legislativas forma o Governo.

O garante da unidade nacional é o Presidente da República. A ele compete manter essa unidade nacional e a unidade territorial. Daí que a nomeação dos seus representantes, em todo o território nacional, seja uma permissiva imprescindível.

Por seu lado, o Governo Provincial deve ser o representante do Presidente da República: deve ser o garante da unidade nacional e territorial. Por isso, deve ser nomeado pelo Presidente da República. Caso contrário, está-se a planificar a divisão do país em ilhas e, se assim fosse, vejamos o que poderia acontecer se o MPLA ganha as Eleições Legislativas e vai formar Governo, que só manda na Capital do País, a UNITA ganha as Presidenciais e detém a presidência da república, *mas manda aonde?*

Entretanto, aqui no Lubango, por exemplo, Governador que ganha as eleições é do PRS. Logo quem manda na Província é o PRS, não o Presidente de todos os angolanos! E quem ganha as eleições autárquicas no Lubango é, por exemplo, o PAJOCA: quem manda no Município é o PAJOCA – naturalmente que com uma edilidade composta de vereadores de cada partido na proporção dos votos alcançados nas urnas.

Assim sendo, onde é que estão os símbolos de unidade nacional?

Quem representa nas províncias o Presidente da República e o Governo do País?

Tal desejo da oposição é puro regionalismo. O Governador Civil deve ser nomeado pelo Presidente ou pelo Governo que ganhou as eleições, a nível nacional.

Os presidentes de câmara devem sair de eleições autárquicas, ao nível de todos os municípios do país!

O contrário é estar a retalhar o país, e isso não seria nada bom. Julgamos que o partido maioritário estará atento a esta manobra, que visa confundir as pessoas e dividir o País! Como não o conseguiram pela via das armas, esta seria então a forma de poderem alcançar o poder de uma forma eleitoral, confusa e pouco clara.

Parece, pois, que os atrasos verificados na elaboração da nova constituição são motivados pela oposição e são o tal «gato escolhido com o rabo de fora».

A esperança renasce³⁸

Finalmente vão calar-se as armas para dar lugar à PAZ. Amanhã, em Luanda, terá lugar a assinatura do acordo geral de cessar-fogo, negociado entre os militares das Forças Armadas Angolanas (FAA) e as forças militares da UNITA.

Acreditamos que desta vez a paz vem para ficar, porque está visto: todos estão fartos desta guerra: O único que impossibilitava fim da guerra morreu e, assim, tornou possível o entendimento e a instalação de uma paz que os angolanos merecem.

Agora vamos partir para um entendimento democrático. A UNITA precisa de se reencontrar e reorganizar, porque tem um Papel crucial a desempenhar no meio desta democracia, que pode agora nascer. O continuar desta guerra, por parte da UNITA, deixou que a democracia ficasse adiada no nosso País. Determinou que quatro milhões de angolanos ficassem sem eira nem beira, desgraçados...Deve-se culpabilizar a UNITA pela corrupção extrema, porque não foi feita uma oposição parlamentar séria e vigorosa...

Em suma: a guerra que se verificou depois do acto eleitoral de 92, pela não-aceitação dos resultados por parte do líder do "Galo Negro", levou o País ao caos. Felizmente que, as instituições democráticas funcionaram minimamente, com alguns sobressaltos, é certo, mas conseguiu-se equilibrar as coisas de moldes a não deixar cair no abismo a jovem democracia. Ficou apenas adiada, sendo que os jornalistas angolanos desempenharam um papel chave na denúncia dos excessos de ambos os lados.

Agora, com a assinatura do cessar-fogo, é chegada a hora de todos os angolanos, dentro e fora do País, se reencontrem e darem as mãos para partirmos para a etapa decisiva que ficou completa em 1992...

O passado deve ser história. O presente é que deve ser importante para iniciarmos a construção comum de um futuro melhor para todos os angolanos. Sempre o dissemos: os angolanos andam há cerca de trinta anos a matarem-se uns aos outros, num país tão rico.

Nós, os angolanos, somos muito poucos num espaço geográfico enorme e abastado de riquezas materiais. Há lugar para todos os

cidadãos que se encontram dentro e fora do País! Precisamos sobretudo de gente capaz e preparada para a enfrenar os desafios do progresso. Precisamos de reconstruir; de criar muitos postos de trabalho, para estabelecermos as premissas que permitam a cada agregado familiar ganhar bem, o suficiente para ter vida condigna e digna do país real que somos.

A hora é de festa com a anunciada assinatura do cessar-fogo! Mas deve ser de cuidado, sobretudo na zonas minadas, nas estradas, nas vilas e aldeias onde a guerra se fez sentir com maior intensidade. É preciso esperar que todos saibam que foi assinado o cessar-fogo, que todos saibam que a guerra finalmente acabou. Precisamos de estar muito vigilantes contra aqueles que não são de lado nenhum, andam em bandos errantes, causando desmandos. Esta onda de criminalidade que nos tem assolado não acaba com advento da paz, nem com o cessar-fogo. A criminalidade vai aumentar e só acabará com o combate que as forças da ordem vão ter que encetar contra estes bandos criminosos – que, a osso ver, poderão continuar por algum tempo a provocar o terror nas vias de comunicação, nas vilas e aldeias do interior.

O momento é de alegria com o advento da Paz! Mas precisamos estar atentos, porque é preciso combater todos aqueles que não entenderam esta paz. Aqueles que vão utilizar o tribalismo, o regionalismo, o racismo como bandeira para continuarem a desestabilizar o País...

O momento é de muita alegria! Mas, a seguir, temos pela frente muito trabalho: precisamos de pôr o país a circular, porque a resolução de todos os problemas passa pela livre circulação de pessoas e bens.

Será possível fazer circular as pessoas em curto espaço de tempo?

Em paz, sim; é preciso que todos tenhamos o bom senso de agir com cautela, porque há zonas minadas porque há bandos errantes, porque a situações que foram criadas ao longo dos muitos anos de guerra, no interior. Agora, «é preciso dar tempo ao empo» para que acabem.

O momento é de alegria porque vai assinar-se o acordo de cessar-fogo! Também de reflexão: a democracia exige muita responsabilidade. O momento é de muita responsabilidade! Temos

que agarrar esta paz com força; o povo precisa de ter uma oportunidade de viver em paz.

Há gerações que não se sabe o que é viver em paz, neste país! Temos a certeza que, se experimentarem a paz, não vão mais querer a guerra.

Então, vivamos o momento que é de alegria, de esperança no futuro que tem que sorrir ao povo angolano; sem discriminação de raças, cores ou credos político-religiosos. Temos que nos respeitar na diferença.

Saibamos viver esta paz em liberdade e democracia, respeitando os direitos de cada um. Não esqueçam nunca: «a vossa liberdade acaba onde começa a dos outros»!

A partir de agora vamos em paz e harmonia, construir um futuro risonho para as nossas crianças. Elas merecem.

Saibamos ser dignos desta paz...

Dar voz aos sem voz³⁹

Como puderam escutar, são palavras de gente que deu o melhor de si à Pátria. Alguns deram vida, mas deram pates de si, pelo que ficaram mutilados.

É obrigação do Governo resolver os problemas desta camada da população, com uma forma convincente e duradoura, para que eles sintam que realmente não deram partes do seu corpo em vão e que as suas famílias numerosas vão continuar a viver e a usufruir das facilidades necessárias para que a escola, a saúde e a habitação sejam concedidas de uma forma eficaz aos seus filhos e familiares.

Esta forma de reclamar através da Comunicação Social pode parecer muito dura, mas algumas vezes é a única forma onde chegam a quem de direito, em face das várias barreiras são colocadas aos cidadãos para chegarem lá...

Por isso, aqui fica este registo: este grito de desespero de cidadãos que deram o melhor de si pela defesa da integridade territorial e pela defesa da Pátria!

Pensamos que, será fácil resolver o problema destes cidadãos, antigos combatentes, deficientes das Forças Armadas. Basta ter sensibilidade para escutar este apelo e, se houver sensibilidade por parte de quem de direito, julgamos que se resolverá no entanto, o simples facto de estarem a reclamar desta maneira é já um sintoma de que não houve não há sensibilidade. Urge, pois, que essa sensibilidade se torne uma realidade, a fim de evitarem males maiores na nossa sociedade.

Recorde-se, por exemplo, o caso recente do Zimbabué, e a forma violenta como se tentou resolver alguns problemas idênticos ao nosso.

Em nossa opinião, não precisamos de deixar que esta dificuldade se arraste por mais tempo: precisamos de encará-la já e resolvê-la de uma forma eficiente. Porque, na realidade, estes homens que deram o seu contributo pela defesa da pátria merecem mais carinho e mais respeito.

Por outro lado, muitos deles poderiam até trabalhar, mas a sociedade não está sensibilizada para criar empregos apropriados

para os deficientes. O próprio Estado deveria dar prioridade aos deficientes das Forças Armadas, de acordo com o grau de deficiência de cada um. Mas não! O estado também não tem sido sensível na criação de postos de trabalho para os deficientes das Forças Armadas, ou mesmo na criação de mecanismos que proporcionam o emprego destes cidadãos. Em nossa opinião, isso seria fácil se fossem definidos mecanismos de bonificação fiscal para as empresas que criem novos postos de trabalho especificamente dirigidos aos deficientes das forças armadas.

Urge que o Governo encabece a resolução dos problemas que hoje aqui foram apresentados pelos deficientes das Forças Armadas. Há que encontrar mecanismos rápidos de solucionar estes problemas, que são prementes. Trata-se de pessoas que deram o melhor de si à Pátria e hoje estão mutilados, deficientes e...desiludidos.

Estes cidadãos não podem continuar a viver desta maneira: com uma miserável pensão de 138 kuanzas mensais!

A incompetência encapotada⁴⁰

«Os inteligentes não discutem, colaboram»

Uma máxima bastante oportuna, porquanto é frequente observar na nossa sociedade, no nosso dia a dia, comportamentos estranhos, oportunistas, próprios de gente incompetente, incapazes até de verem o ridículo em que caem, de tanto se vergarem e serem capachos de outrem.

É contra este tipo de gente que temos que alertar a sociedade. Gente que não faz absolutamente nada; nem nunca fez nada, porque passaram a vida a fazer pelas costas e porque, na realidade, nada tem para dizer ou obrar a não ser destruir! Destroem projectos, arruinam instituições, abatem pessoas,. Não têm projectos para nada; apenas o desejo de destruir.

Alguns desses indivíduos usam estes métodos estando fora de si, "sob efeitos analgésicos ", passe o termo. Precisamos mesmo de se "anestésiar " para poderem dizer o que dizer e fazer aquilo que não são capazes quando em estado em estado normal.

Mas são estes indivíduos, que nunca fizeram nada por ninguém, que pretendem protagonizar acções que visam anular

peças e instituições! São eles próprios uma espécie de fundamentalistas islâmicos – não querendo de forma alguma desprestigiar esta religião. Só que, quando ela se torna em política de estado ou pão de bandeira de alguns indivíduos, acaba no terrorismo, que pode aparecer sob várias capas. Esse tipo de terrorismo, não é apenas contra estados, mas também contra instituições e contra pessoas. Usam todos os métodos para conseguir alcançar os seus objectivos: são incompetentes, mas julgam-se os maiores, não conseguindo sequer discernir o ridículo em eu caem frequentemente.

Que fazer para nos defendermos deste tipo de gente?

Contra este tipo de gente; só há três saídas: descer ao nível deles; andar aos socos com eles; ou, então – a que julgamos mais eficaz, mais decente e própria de gente civilizada – colocar acções em tribunal por calúnias, exigindo a reposição da verdade e o pagamento de pesadas indemnizações.

Este tipo de gente é como o carvão: quando não suja, mascarra! E precisamos de nos defender contra estes indivíduos que se infiltram no seio das pessoas, as agitam e enganam, levando-as a fazer o que eles querem, para mas tarde todos se darem conta de que foram ludibriados.

Por outro lado, a denuncia destes comportamentos e o desmascarar publicamente estes indivíduos deverá servir igualmente para que a sociedade se acautele e não se deixe enganar por falsos profetas.

Educar a educação⁴¹

O estado actual do ensino do nosso País, de uma maneira geral, e na Huíla, em particular, merece uma reflexão, depois de ter estado em evidência o ISCED, ao responder publicamente a uma carta aberta do Dr. Agnelo Carrasco.

Muitas têm sido os telefonemas que temos recebido, a propósito do assunto e manifestando o desejo de verem o tema mais alargado e debatido publicamente. Este parece-nos ideal.

O Ministério da Educação deu por terminado o ano lectivo e mandou fazer provas finais e de avaliação até ao final do mês em curso. Entretanto, verificam-se situações incríveis que ficam por esclarecer: escolas onde a matéria se quedou por menos de 50%; escolas onde não houve sequer professores em algumas disciplinas, pelo que os alunos não sabem sequer como vão ser avaliados – e note-se que os alunos têm idades que devem ser respeitadas, pois o futuro deles depende muito dos cumprimentos das metas estabelecidas, consoante a idade.

Uma outra questão se coloca: a matéria não foi dada, pelo que o teste de avaliação só deve incluir a matéria dada. O aluno vai passar de classe e depois, no próximo ano lectivo, *voltará a ser ministrada essa matéria que não foi dada?* Por exemplo, o aluno passou, para a oitava classe com menos de 50% da matéria da sétima dada. *Essa matéria que não deu na sétima, será dada na oitava?*

Mas muitas questões se pretendem com esta problemática: as greves que se verificam durante o ano lectivo, por parte dos professores com vista a reivindicar melhores condições de vida e de trabalho, têm muito a ver com isto. O governo, o invés de resolver pontualmente estas questões, tem enterrado a cabeça na areia, como a avestruz, e esquecendo-se entretanto que, no próximo ao, as aulas vão voltar e os começar.

No meio de tudo isto estão os alunos. Esses são os eternos prejudicados. Na verdade chegam à universidade mal preparados nas bases. Enfim, estamos perante um ciclo vicioso que se agrava cada vez mais.

Investe-se muito no Homem.

É o homem o principal elemento deste problema. É nele que é preciso apostar! Mas não, continuamos a produzir muitos “doutores” disto e daquilo, muitos engenheiros disto e daquilo e, desculpem lá, mas há por ai situações que bradam aos céus! E, por favor, não confundam as realidades: pronunciar mal o português é uma coisa, e falar mal o português é outra coisa!

Não saber elementarmente português é que nos parece muito mau: quando se houve alguns licenciados dizer “estratégia” e, vez de estratégia, isso indica que, desde a base, o português foi mal ensinado. Este é apenas um exemplo simples, mas poderíamos dar aqui dezenas de outros....

Todavia, a o português foi mal ensinado, a culpa é dos professores – que, se calhar, também sabiam mais. E, se não sabiam mais, a culpa é do colono já cá está, então!... a culpa é do Ministério da Educação, que não investe seriamente na formação de professores, em todas as disciplinas, e, particularmente, ao nível do ensino de português. Neste aspecto, o governo deveria pedir a cooperação do governo português no sentido de este assumir as suas responsabilidades na defesa desse enorme património comum, que é a língua.

Entretanto, deve-se dizer que temos andado todos muito distraídos, se calhar com a guerra, porque a realidade é que não temos até uma política concreta de Educação. Analisem bem o problema e – exceptuando os quadros os quadros que se formam lá fora e salvo meia dúzia dos que se formaram cá dentro – vejam se durante estes 25 anos temos realmente formado quadros capazes a nível intermédio para assegurar o desenvolvimento harmonioso do país, para tomarem conta dos lugares chave dos sectores vitais da nação. Refiro-me aos técnicos médios como: práticos agrícolas, serralheiros, mecânicos, soldadores, electricistas, desenhadores de construção civil, de máquinas, etc.

Em qualquer país são estes os quadros que o fazem andar, que o mantêm em funcionamento. Tento mais que em todos podem ser doutores, engenheiros ou arquitectos.

Portanto: falta realmente um projecto claro de educação para o nosso país. Algo consiste que permita vislumbrar um futuro risonho para os nossos filhos, os nossos netos, e para o futuro do País.

Não podemos continuar a ver no médico, o mesmo que no enfermeiro. Cada coisa e profissão no seu devido lugar. Da mesma forma que a classe do professorado deverá ter os seus escalões técnicos e não se pode continuar a assistir à reclassificação de um mau professor, incompetente - que nem sequer deveria dar aulas por não ter habilitações, nem habilidade para tal - em detrimento de professores com credenciais, capazes, e que têm dado provas ao longo dos anos. Infelizmente, muitos não foram reclassificados, o que provocou o presente mal-estar que se vive e obrigou a que formas de luta sejam desenvolvidas afim de fazerem valer os seus direitos, porque, naturalmente, uma deficiente reclassificação implica um baixo e justo salário. Enquanto que os incompetentes e os incapazes (mercê do compadrio que infelizmente continua a imperar um pouco por toda a parte,) ganham um salário em nada condicente com as suas capacidades e conhecimentos.

Também os direitos das escolas cumprem, na maior parte das vezes, muito mal o seu papel. Se tivermos em conta que são igualmente professores, mais parece que esqueceram rapidamente os seus problemas e, usando das faculdades que a lei não lhes confere, atrevem-se amedrontar os companheiros e ousam ameaçar colegas, fazendo listas dos que aderem às greves. É a velha máxima: «dividir para melhorar reinar» é assim está a classe do professorado no nosso país: Dividida, como convêm. Claro!

«Mais valem poucos mas bons, do que muitos e maus»

«Mais vale um que bem mande, do que muitos que mal façam.»

O sistema de ensino carece urgentemente de reformulações, porque está eivado do tudo o que é mau. A todos os níveis, o ensino em Angola precisa de ser reformado. É preciso encontrar um modelo, criar um tipo de ensino que sirva os nossos interesses de desenvolvimento, que faça com que as pessoas acreditem no futuro dos seus filhos e dos seus netos.

Estudar no estrangeiro não pode continuar a ser para os eleitos. Aliás, estudar no estrangeiro deverá ser apenas para graduação e doutoramento. O resto deve fazer-se cá dentro. E todos têm que ter oportunidades! O ensino deveria ser obrigatório até ao secundário. Depois, quem quer seguir segue, e quem não quer sai, para dar lugar a outros...

Terá que ser assim, para o bem de todos. Hoje em dia os nossos filhos vão para escola, se assim se pode chamar. Sentam-se na lata de leite ou uma pedra, ainda ao sol e à chuva e ouvem um professor – quantas vezes, sem os devidos conhecimentos – a dizer e cito: “não sorri-se”, porque os alunos estão a rir; sem apresentação, porque não ganha para vestir condignamente; subalimentado, sem giz e sem quadro; numa sala friorenta ou calorenta sem vidros, nem portas... Em suma: sem personalidade. Isso origina depois a corrupção, se assim se pode chamar, pois se o tal “professor” não tem as condições indispensáveis para sê-lo, fácil se torna aliciar com alguns dinheiros ou outros bens!

Só que, os que corrompem esse “professor”, não estão a ganhar nada com isso – a não ser chegar ao ensino superior e dar com os “burros na água”, como sói dizer-se, ou então conseguem chegar ao fim, utilizando os mesmos estratagemas.

Então temos o produto final apontado do ensino na carta do Dr. Agnelo Carrasco: «Muita parra e pouca uva»; é o que temos no nosso ensino actual a todos os níveis.

E o mais grave é que temos fora do ensino “não sei quantas” mil crianças, um número assustador que aumenta a cada ano que passa, porque faltam salas de aulas, porque se fazem filhos *p’ra caramba*, porque a percentagem de chumbos anual é enorme, porque, porque, porque...

Meus senhores: foi colocado o dedo a ferida. Temos uma sociedade anormal, cujos pais, jovens são produto destes últimos 25 anos,; aprenderam assim mesmo, razão pela qual não dão valor àquilo que se vem fazendo na área da construção de novas escolas e recuperação das antigas, com todas as condições essenciais: talvez por isso, muitos dos pais e encarregados de educação, talvez uma maioria, não entende, não compreende algumas das reivindicações dos professores. Nas escolas do estado não há comissões e de encarregados de educação que acompanhem as aulas dos filhos, que analisem em conjunto os problemas ao longo do ano lectivo, que vejam em conjunto a segurança, a limpeza e higiene da escola.

Mas a verdade é que, nos moldes actuais, não se tem feito praticamente nada – excepto os quadros que se formam no exterior do país, e muitos desses nem sequer voltaram ou, se voltaram foram-se embora na primeira oportunidade, porque não

houve lugar para eles; porque continuamos a não ter uma política de utilização dos novos quadros; porque os velhos e empíricos que temos tardam em deixar os lugares, também em dar o lugar aos mais novos.

Também porque o sistema de reforma que temos no país é infelizmente a forma mais rápida de matar aqueles que deram grande parte das suas vidas em prol daquilo que, mal ou bem, hoje somos.

Como vêm, este é um assunto que dá pano para muitas mangas! Pena é que não consigamos reunir aqui, à volta desta mesa redonda, as pessoas que têm uma palavra a dizer sobre tudo isto.

Esta é altura própria para se debater este problema: os pais e encarregados de educação, na sua grande maioria, talvez, não se apercebam da gravidade do problema que é, encurtar-se o ano lectivo. Isto é muito grave para a formação dos nossos filhos, ou antes deformação...

Depois, temos ainda o facto dos exames finais não obedecerem a normas mas transparentes; deveriam vir de Luanda, iguais para todos os alunos, consoante o ciclo e o ano. Lacrados e selados, em envelopes à prova de violações. E deveriam ser abertos na sala de aulas, à mesma hora e para todos. Mas não: cada qual tem o seu critério de uma prova de avaliação, pelo que, fácil é de repente dizer-se: determino que o ano lectivo acabe agora!

Algo vai mal, algo está poder na Educação! E é o sistema evidentemente! É preciso mudar o sistema encontrar um figurino que se adapte melhor às nossas realidades e, sobretudo, permita apostar mais na formação do Homem, formador de outros homens! E que reside realmente o busílis da questão...

Vamos então provocar aqui o debate radiofónico á volta do problema da Educação, a nível nacional em geral e particularmente ao nível local...

Convidados estão: A Dr. Paula Inês, o Dr. Agnelo Carrasco, a Dr.. Margarida Ventura, e o Dr. Pires Alberto.

Entretanto o debate é aberto aos ouvintes, sobretudo pais e encarregados de educação, a quem este assunto deve preocupar, via telefone nº 23937.⁴²

IV. ARTE DE COMUNICAR

Elegia fúnebre 43

Esta é uma nota que nenhum jornalista gota de escrever, anunciando a morte de um amigo, de um colega. Uma espécie de elegia fúnebre, em memória de alguém que nos foi muito próximo e querido.

Morreu Carlos de Andrade. Foi notícia brutal que nos chegou esta madrugada, por telefone.

Morreu Carlos Andrade. Morreu em Windhoek, cerca das 3:30 horas, da madrugada, vítima de cancro.

Natural do Catchiungo, onde nasceu a 16 de Janeiro de 1940, Carlos de Andrade notabilizou-se na música e na rádio. Passou a sua juventude em terras do Huambo, tendo-se fixado ainda jovem na cidade do Lubango. No Huambo foi teclista da *Orquestra Ferrovia*. Na Huíla trabalhou desde muito cedo no Rádio Clube da Huíla, como operador e sonorizador; mais tarde mudou-se para o Programa Independente *Nocturno*, de Emídio Rangel, onde viria personalizar na figura típica: o PARAFUSO.

Homem dos sete ofícios, autodidacta. Mexia em tudo: desde músico a radialista, D.J., professor de Língua Portuguesa, contabilista, especialista em próteses dentárias, técnico da rádio e informática, especialista em peças auto, gestor comercial...até notário foi! Desempenhou cargos públicos, como Delegado do Ministério da Indústria e Delegado da Sonangol, entre outros.

Integrou a *Sociedade Rádio 2000*, Lda. Desde a primeira hora, e desempenhava, as funções de Administrador. Gostava muito de dar formação aos jovens. É ele o autor da sintonia da estação. Nesta casa, os jovens passavam-lhe pela mão como costuma dizer-se, no aperfeiçoamento da dicção e da arte de bem dizer.

Na Rádio 2000 popularizou a personagem. O ZÉ, da autoria de Horácio Reis. O Zé representa-nos, a todos, uma rubrica, em diálogo que terminou, exactamente devido aos seus problemas de saúde.

Morreu Carlos de Andrade, amigo de todos, sempre disposto a ajudar. Não tinha inimigos, chefe da modelar, pai extremoso e de comportamento exemplar. Calmo e sereno, mesmo nas horas difíceis.

Meu companheiro de horas boas e más. É com profunda dor e consternação que escrevo estas linhas. Linhas que não gostaria de escrever – como no início -, mas tenho que as escrever porque o dever manda, porque éramos amigos, companheiros e luta nesta gigantesca obra que ajudaste a edificar. Que descanse em paz, meu amigo. Ficarás para sempre ligado a tudo isto! Jamais te esqueceremos!

Paz à tua alma...

PALESTRA I: A Juventude e a comunicação Social⁴⁴

Comunicação social: o quarto poder?

Convidaram-me para disser sobre o tema: “Comunicação Social: o quarto poder” Vocês, jovens, perguntarão eventualmente:

- *Mas o que é isto do quarto poder?*
- *E quem são os outros três poderes?*
- *Como é que se exerce esse quarto poder?*

E, a estas, acrescentou eu outra pergunta:

- *Em Angola, que poder tem a comunicação social?*

1

Vamos por partes: *o que é isso do quarto poder na Comunicação social?*

Devem saber que, o primeiro poder é o legislativo, o segundo poder é o executivo, o terceiro poder é o dos tribunais, e o quarto poderá ser, então, o da Comunicação Social.

Isto é assim em países onde a democracia é uma realidade sublime; onde não há sequer Ministro ou Secretário de Estado da Comunicação Social; mas onde também existe uma capacidade de formação profissional ao nível da Comunicação Social extremamente elevada, meticulosa e de nível superior. Onde existem institutos e universidades de formação superior em Comunicação Social. Aí, os

profissionais da comunicação social são altamente preparados, tanto no aspecto técnico-profissional, como no político.

O Jornalismo em países como os Estados Unidos, a Inglaterra a Canadá, a França, o Japão, a Alemanha, e poucos mais, atingiu níveis técnicos tão elevados que, o *editorial* de um Jornal como o *Washington Post*, o *New Yorque Times*, o *Times de Londres*, o *Le Monde* de Paris e outros similares, são teses que ditam formas da actuação para governos e que traçam caminhos, muitas vezes sinuosos.

Assim sendo, já podem imaginar o nível dos jornalistas que assinam esses editoriais...

Portanto, o poder é aí exercido, como podem ver, em toda a plenitude. Mas depois há o jornalismo por especialidades, ou seja, há o jornalismo especializado em economia, em agronomia, em questões religiosas em política; ou o especializado por regiões do globo, como por exemplo: os especialistas em questões do Médio Oriente, da Ásia, da América Latina, de África, etc.

Este tipo de jornalismo implica uma especialização profunda e constante investigação pesquisa, com recurso às mais actuais e melhores.

Por outro lado, temos também o enquadramento jurídico da profissão. Segundo a Constituição dos Estados Unidos e a própria Lei de Imprensa americana – que nos parece ser *sui generis* a este propósito – quando o jornalista que denuncia uma determinada situação de corrupção ou outro fenómeno qualquer não tem que provar nada. Quem tem que provar que está inocente é o visado. Naturalmente que, provando a sua inocência, poderá depois agir judicialmente contra quem o difamou, ofendeu, pedindo inclusive chorudas indemnizações.

Ouviram com certeza falar no caso *Watergate*, em que dois jornalistas conseguiram, através de escutas que colocaram na Casa Branca, fazer com que o Presidente Richard Nixon se demitisse do cargo.

Por aqui podem ver a força da comunicação social nestes países, onde conseguem exercer realmente o seu poder, ocupando efectivamente o lugar que lhes está determinado na sociedade.

Mais recente ainda é o caso de Bill Clinton e Mónica Lewinski! Não sei se ainda recordam os maus momentos porque passou o Presidente Clinton, com este problema levantado exactamente pela comunicação social, a partir de denúncias da própria Mónica e seus familiares.

Não vamos aprofundar aqui estes casos, mas eles servem para vos dizer que a Comunicação Social é efectivamente o quarto poder nos países verdadeiramente democráticos.

E não aconteceu absolutamente nada aos jornalistas que estiveram na base das investigações e das denúncias que levaram à queda do Presidente Nixon e quase levaram à queda de Clinton. Alguns desses jornalistas até viriam a ser galardoados com prémios *Pulitzer*, por exemplo, devido ao trabalho produzido...

2

- *Como é que se exerce esse quarto poder?*

- Obviamente que com democracia plena, com uma sociedade com uma bastante evoluída e uma comunicação social profissional, isenta e completamente emancipada de todos os outros poderes.

Também a coragem dos jornalistas pode levar a que se exerça o poder da comunicação social, fora desse contexto. Quando eles denunciam a corrupção, o abuso do poder – mesmo com risco da própria vida, porque não existe democracias ou uma cultura de democracia nesses países. Há exemplos pelo mundo fora, e até bem próximos de nós, alguns: a queda do regime salazarista, por exemplo, deve-se à comunicação social. Aqui, entre nós e muito recentemente, as coisas têm mudado em parte graças à actuação da comunicação social.

Mas temos também casos em que a Comunicação Social será responsável por atizar conflitos, por acender rastos de polémica que duram até hoje; isto porque não se verificam as premissas necessárias para que o jornalismo possa ser exercido com isenção e profissionalismo.

3

Mas, entretanto, chamo a Vossa atenção para a nova ordem mundial que naturalmente se avizinha, depois dos acontecimentos do 11 de Setembro de 2001.

Depois disso, como já se devem ter apercebido, o mundo não é o mesmo!

Se antes, em 1991, aquando da guerra do Golfo, a CNN conseguiu transferir em directo de Bagdade, o ataque da coligação mundial contra o Iraque, para retaliar a ocupação do Kuwait! Pois nessa altura foi possível fazer esse trabalho isento, o que demonstrava que nos tempos de então era possível transmitir uma guerra ao vivo e que a ficção estava ultrapassada!

Hoje, depois do 11 de Setembro, os campeões da democracia, como os Estados Unidos, e a Inglaterra, questionam a isenção da Comunicação Social nos seus países, pondo-a em paralelo com a questão da segurança nacional.

Esta situação verificou-se quando Bin Laden, passava discursos em *vídeo tape* para a *All Jazira*, uma cadeia de televisão árabe que opera nos mesmo moldes que a *CNN*, mas só para o mundo árabe. Esses discursos eram depois retransmitidos pela *CNN* e pela *BBC*. E é aqui que que entram as polícias secretas dos Estados Unidos e da Grã-bretanha, que aconselharam os governos a proibirem essas transmissões, alegando que Bin Laden estaria a passar mensagens em código para as células terroristas clandestinas no mundo. Aconselhavam, numa primeira fase, alegando que estava em jogo a segurança nacional. Os órgãos de Comunicação Social como a *CNN* e a *BBC* perguntaram logo:

- *Como é que ficam os princípios da ética, da deontologia, da isenção e do profissionalismo?*

-Até agora, nada de respostas! A verdade é que, urge que se dêem resposta a estas questões porque naturalmente que, para os americanos e ingleses, isto pode ser novo e choca esses jornalistas que não estavam habituados a estes travões e a estas intromissões.

Devem saber que, nos Estados Unidos ou na Inglaterra, no Canadá ou mesmo na Austrália e não só, o Estado não se mete com a comunicação Social! O Estado e os partidos políticos estão proibidos de possuírem meios de comunicação social, sobretudo na América, exactamente porque isso pode criar manipulações de opinião pública

e originar situações menos claras, como as que vivemos aqui em Angola, por exemplo! Paradoxalmente, a América por exemplo, cria potentes órgãos de Comunicação Social que só emitem para o exterior e que manipula a opinião pública desses países e não só, obviamente.

Como sabem, nós temos em Angola, o Ministério da Comunicação Social, com Ministro e Vice-Ministro para a comunicação Social. Temos potentes órgãos e comunicação Social estatais, que comandam, até meados da década de 90, o mundo da informação em Angola. Com o aparecimento das eleições e a abertura para democracia nascente, uma economia de mercado – tudo isto ainda embrionário, digamo-lo assim – o quarto tende a mudar!

Reparem, no entanto, que o surgimento Da imprensa privada, feito sobretudo por gente jovem, muito jovem e com fraca preparação, levou logo ao choque, originando assassinos de jornalistas que ainda hoje o poder não consegue explicar...

Quer dizer: esses jovens ouviram dizer que a informação é o quarto ou terceiro poder e vai daí, quiseram começar a exercê-lo, sem mais nem menos. Foi desastroso.

A nossa sociedade não está preparada para uma Comunicação Social actuante e como quarto poder. Digo-vos mais: há quem defende em Angola que a Informação ocupe o terceiro poder...

Em minha opinião, ainda temos que caminhar muito para conseguirmos exercer o poder. Isto não quer dizer que a informação não tenha poder em Angola.

Tem, e a prova de que tem é que têm morto alguns jornalistas, e os cobradores assassinos nem sequer dão a cara.

Por outro lado, o tal “poder” da informação em Angola é relativo, porque reparem o que aconteceu ao Jornalista Marques, com o artigo, em que foi avisado o Presidente da República: O mesmo foi interditado de sair do país, foi preso, saiu sob fiança e depois julgado e condenado.

Não há quarto ou mesmo terceiro poder algum da informação em Angola. Precisamos caminhar muito mais, estudar muito mais para assumirmos, realmente esse poder com responsabilidade.

Reparem que é preciso responsabilidade por parte de quem exerce a profissão de jornalista, se vivermos numa sociedade livre e aberta. Caso contrario, isto pode ser perigoso. Recordo-vos o que estive na origem da nova guerra depois das eleições: lembrem-se com certeza da forma como a UNITA era tratada por alguns jornalistas da imprensa estatal. Hoje, não tenho dúvida alguma em dizer que a comunicação social estatal ateou, em parte, este conflito actual.

Portanto, como podem ver, a comunicação social tem poder que pode ser usado para bem ou para mal.

A nossa classe jornalística é muito jovem e carece de liderança, de uma associação forte que possa liderar a classe com sabedoria e com responsabilidade. E aqui, nós, os jornalistas, estamos divididos, profundamente divididos, porque é assim que interessa ao poder, «para melhor reinar».

A classe jornalística angolana precisa de começar por tomar o poder de si própria. Quer dizer: nós, jornalistas, a classe jornalística é que deve formar a associação de classe, o sindicato da classe e eleger os seus representantes. Caso contrário, continuaremos a marcar passo!

Pensem bem nisto: a classe de jornalistas em Angola está enferma, até no que toca à própria carteira profissional. *Quem passa esse importante documento que deve ser o princípio do reconhecimento da nossa existência?*

Penso que, por alto, vos falei um pouco do que considero ser o quarto poder da Comunicação Social a nível do mundo dito democrático e, depois, a situação do mesmo nosso país – que quer ser, mas ainda não é muito, embora, hoje já se possa falar em liberdade de imprensa ou de expressão.

Os tempos são outros, a guerra-fria terminou e tudo mudou...

Mais ainda, com a nova era da globalização, em que o mundo se tornou uma ideia global -particularmente depois do 11 de Setembro, repito – as coisas prometem mudar muito mais...

Muito obrigado.

(Estou, agora, ao vosso dispor para algumas perguntas que queiram fazer-me...)

PALESTRA II: Ética e Deontologia na Comunicação Social ⁴⁵

A Deontologia é o tratado ou a ciência que trata dos deveres a cumprir, especialmente dos deveres profissionais.

A Ética é a ciência que estuda o fundamento da moral; é a ciência da moral. São duas questões distintas, mas ligadas entre si. Vejamos então uma de cada vez e as duas ao mesmo tempo! *Será que me entenderam?*

1. Deontologia

Em qualquer serviço há um conjunto de normas que formam o Regulamento Interno. Neste documento estão todas as normas que regulam a vida interna de empresa, do colectivo de trabalhadores. Este documento ou regulamento é dado a conhecer a todos os trabalhadores no acto de admissão e, depois, ratificado por eles, ou seja, concordam com o regulamento (de contrario não seriam admitidos como é óbvio!)

Neste documento está reunido um conjunto de normas que regula desde a disciplina laboral até ao comportamento cívico do profissional – dentro e fora da empresa, porque o comportamento de um individuo reflecte-se sempre na sua vida profissional. Quer dizer que, se ele tiver um mau comportamento publicamente isso terá reflexos na sua vida profissional e no seu emprego. O contrário é bom para ambos os lados! Ou seja: sendo um bom cidadão, é-se um bom profissional, garante-se o emprego...

Uma das normas mais importantes do *Código Deontológico* é o segredo profissional, o sigilo profissional. Entre nós talvez não seja muito grave, mas nas grandes empresas há estratégias que costumam ficar no segredo da empresa por algum tempo. Há necessidade de ficar no segredo da empresa porque é uma ideia que não está completa e a concorrência não pode tomar contacto com ela, sob pena de dela se apropriar indevidamente. Exige-se, então, o segredo, o sigilo profissional. Neste capítulo, há muita falha nos nossos profissionais. Chamo a vossa atenção para este pormenor...

2. Ética profissional

É, como disse no início, a ciência que estuda o fundamento da moral. Na comunicação social, os códigos deontológicos e de ética

profissionais são bastante aprofundados para evitar que o já é mau, seja selva autêntica.

Existe, portanto, um mínimo de ética entre os jornalistas, e nos meios de comunicação social, que permite regular e, por vezes até, evitar conflitos. Não é raro que os indivíduos, mal formados profissionalmente, não respeitem estes códigos, seja por desconhecimento seja por má fé. Diga-se, em abono da verdade, que os casos que me têm acontecido, com jornalistas locais, todos o foram por desconhecimento. Na verdade, as pessoas aprendem empiricamente e não lhes é ministrada essa cadeira de Ética e Deontologia Profissional.

Vejamos alguns exemplos práticos tirados do nosso meio, a rádio.

Primeiro exemplo: se a Rádio 2000 ataca um problema, suponhamos que uma determinada situação relacionada com o processo de ensino/aprendizagem numa determinada escola e o director dessa escola resolve riposta ou defender-se de acordo com a lei. Ele deve dirigir-se à rádio onde o assunto foi abordado por vez primeira. Aí, por lei, ele tem direito de resposta; tem direito de defender-se e tem direito à reposição do seu bom nome, quando seja caso disso.

Reparem que, neste caso, para além da ética/deontologia temos também a lei! E a lei, não substitui, mas naturalmente que se conjuga com a ética e a deontologia. Nem dia ser o contrário.

Então, a Rádio 2000 dá o direito de defesa à pessoa que foi visada: a lei diz que, a pessoa deve dirigir-se à mesma, através de um requerimento, solicitando a reposição da verdade, a sua verdade, e a defesa do seu direito de resposta.

Normalmente não se exige esse documento. Sabemos que há direito de resposta e damos-lo. Porém, o que não deve acontecer é o director dessa escola optar por ir à Rádio Huíla, por exemplo, responder a ma questão que foi levantada na Rádio 2000. Por razões de Ética Profissional, Rádio Huíla não pode dar acolhimento a esse caso e vice-versa.

Infelizmente esta situação acontece com frequência – sobretudo quando se trata de organismos estatais, que recorrem à rádio estatal porque acham que esta existe exactamente para os defender.

O mesmo acontece com os Tribunais, com a Justiça, com a Procuradoria da República, ou o Ministério Público: estes órgãos defendem gratuitamente os organismos estatais, tal e qual um advogado, a quem pagamos para nos defender. Muitas vezes não está em causa a verdade, mas sim a solidariedade institucional.

Segundo exemplo: uma comissão sindical de uma determinada empresa solícita à Rádio Huíla anunciar um documento reivindicado, sem que seja assinado, nem seja assinado, nem seja do conhecimento da entidade patronal. É-lhes dado o microfone nessa rádio, que aproveitam para dizer «cobras e lagartos» da empresa onde trabalham e da direcção.

O jornalista que colhe este registo magnético deve cruzar imediatamente esse assunto com a posição da direcção da referida empresa, por uma questão de Ética Profissional e a bem da Verdade. Depois de ter a resposta da direcção da fábrica, coloca todo o material no ar, sem comentários e deixa que os ouvintes formem a sua opinião a tirem as suas ilações.

O jornalista deve ser isento: primeiro, porque ele não sabe de que lado está a verdade; depois, porque a fábrica é sua cliente; e, por último, porque o documento que lhe foi apresentado é ilegal.

A ética manda que se cruze a informação, para que a verdade possa ser encontrada e não manipulada.

Poderíamos ficar aqui a dar-vos centenas de exemplos: *quantas vezes, vocês ouvem dizer que, a entrevistas publicada no jornal, não corresponde àquilo que o entrevistado disse?*

Em rádio e televisão, isso é um pouco mais difícil, mas, diga-se em abono da verdade, que até na rádio e televisão se pode manipular aquilo que as pessoas dizem em entrevistas: pode-se cortar, acrescentar, mudar palavras, pontos, vírgulas e tudo isso pode alterar imediatamente o sentido do texto ou da frase. É exactamente por causa disto que existem os códigos de Ética e Deontologia Profissional que regulam o exercício da profissão de jornalismo. E, mesmo assim, podem ver o que por aí vai...Particularmente nos órgãos estatais, usa-se muito truncar as coisas, tirar ilações erradas de frase ou de entrevistas e conotar pessoas, do ponto de vista político e ideológico.

Vocês sabem que, num regime totalitário, como o que vivemos, a ordem é: «quem não é por mim é contra mim...»

Ora, em jornalismo, isto é muito errado e viola flagrantemente a ética e a deontologia: porque: «jornalista que se preze, é sempre do contra», e isso não quer dizer que seja (do partido) da oposição. Aliás ética e deontologicamente falando, o jornalista deve ser isento e manifestar um comportamento exemplar, equidistante...

Mas hoje, com os acontecimentos do 11 de Novembro, como sabem o mundo mudou

Esses acontecimentos obrigam a reflectir sobre questões que têm a ver com a ética e a Deontologia: *sendo isento, o jornalista coloca a pátria, a segurança do seu país, onde?*

Este problema existe e as soluções encontradas chocam, por vezes, com o direito à informação que todos os povos têm.

Terceiro exemplo: transmitir ou não as “bocas” do Bin Laden, eis a questão. A segurança americana e inglesa dizem que as intervenções gravadas de Bin Laden são ordens em código, portanto coloca em perigo a segurança nacional.

-Mas onde fica então a tal informação isenta?

-Como fica a credibilidade de uma CNN perante o mundo inteiro que nela se habituou a ver o baluarte da democracia e dos valores de Ética e Deontologia profissionais mais caros do mundo e defendidos a todo o custo pela mesma?

Enfim, são questões que, não sendo novas, são hoje muito badaladas por terem afectado os interesses dos Estados Unidos! Não fosse isso, e não se dariam ouvidos ao assunto, porque aqui, nós, há muito que temos esse problema!

Espero ter dado um ideia muito geral sobre a importância da Ética e Deontologia na rádio e na comunicação social, em geral.

(-Quem quiser agora colocar uma questão, por favor, faça-o. Estarei ao vosso

dispor para responder, se souber, evidentemente!)

PALESTRA III: Animadores, Locutores e Jornalistas ⁴⁶

Muito bom dia! E muito obrigado pelo convite que me foi endereçado para fazer esta palestra, sobre um tema que me é muito querido.

Começo por vos dizer que, em tudo o que fazemos, devemos colocar a alma. É preciso gostar! Caso contrário, as coisas não resultam, saem mal feitas e jamais soarão bem!

Assim sendo eu gosto muito da minha profissão! Estou nela há cerca de trinta anos! Aprendi com os melhores profissionais deste país e orgulho-me de pertencer ao escol radialista de profissionais que lidera hoje em Portugal s maiores estações de Rádio Televisão.

Comecei de miúdo, como operador estagiário e a varrer os estúdios da Rádio Comercial de Angola! Tinha então quinze anos. Cheguei a operar de emissão, mas o meu sonho de menino continuava por realizar: ser locutor. Essa era a minha ambição desde menino. O meu ídolo era – então como hoje ainda é – o grande e relator desportivo, Artur Agostinho. O meu sonho era ser locutor, mas nunca consegui fazer relatos de futebol. A única coisa que não sou capaz de fazer em rádio, confesso.

Foi assim que, trabalhamos com os melhores profissionais da época, fui aprendendo as técnicas de bem falar ao microfone. Recordo o primeiro dia em que me largaram frente a um microfone e da forma como todo eu tremia – já depois de ter aprendido e de ter estagiado!

Não tenham dúvidas: o microfone mete respeito. Mais a mais sabendo que estamos a falar para milhares, senão milhões de pessoas. Note-se que, na altura, a Rádio Comercial de Angola, onde eu aprendi e trabalhei durante mitos anos, alcançava toda a África Austral, e, em ondas curtas, chegava a todo o mundo! Ainda me lembro que tínhamos programas especiais para responder aos ouvintes de todos os quadrantes do mundo, sobretudo aos colecionadores de *QSL*, radioamadores – que hoje não existem em Angola, infelizmente. Digo infelizmente porque prestavam um valioso erviço às comunidades, sobretudo lançando SOS para salvar vidas, pedindo medicamentos raros, aviões para evacuações. Ainda hoje

eles estão às vezes, no epicentro dos acontecimentos e são ele que relatam esses mesmo acontecimentos em primeira-mão.

Em Rádio, estes aficionados são como os *cameramen* vídeo amadores cujas as imagens normalmente aparecem em acontecimentos que não eram esperados, mas que cujo vídeo amador captou e passou a uma estação de televisão.

Mas, voltando á “vaca fria”, como sói dizer-se na gíria jornalística: eu tremia como varas verdes quando me colocaram no ar, pela primeira vez. Depois foi a rápida a aprendizagem, porque eu gostava e gosto muito da minha profissão.

De locutor, queria passar a realizador de programas. Essa constituiu a minha segunda meta. Para isso, fui vendo como se fazia e levou tempo – até ao dia em que apareceu um novo Chefe dos Serviços de Produção, vindo da *Rádio France*, que, pressentindo em mim qualidades, que me deu essa uma oportunidade. Agarrei-a, com ambas as mãos, para não mais a largar!

Foi ele quem me deu, então, uma oportunidade. Recordo-me que havia estoirado na altura, em 1967, a Guerra, dos Seis Dias, entre Israel e o Egipto. Pois, o meu primeiro programa foi exactamente uma retrospectiva da Guerra dos Seis Dias no Médio Oriente.

Lembro-me bem: fui ao serviço de informação da Rádio (que na altura era por escuta em ondas curtas) e recolhi todas as notícias referentes ao conflito. Ordenei-as por datas, escrevi o preâmbulo, dirigi-me ao estúdio da gravação e gravei o meu primeiro programa! Chamava-se retrospectiva de uma Guerra.

Fiquei muito vaidoso. Aliás, guarde esse programa durante muitos anos em bobine, depois perdeu-se na voragem do tempo.

Dado este primeiro passo, fui treinando. Nisso me ajudou sobremaneira um chefe que tive o Luís Miranda de Malange. Ensinou-me que, em rádio, a escrita é mais fácil duque no jornalismo. Incentivou-me a escrever, a passar para o papel aquilo eu que sentia cá dentro. Por tudo isso no papel e, depois, dar-lhe, o cunho radiofónico. Como sabem nem tudo soa bem e rádio. Há coisas que não se fazem e muito menos se dizem em rádio. Por exemplo, se você trata um entrevistado por “tu”, é porque ele é uma pessoa mais nova, muito conhecida; mas, se for mais velho, será mais adequado

trata-lo por "senhor". Em princípio nunca devemos tratar os ouvintes por "tu", salvo raras exceções, quando o programa permite esse tratamento. Mas também não devemos começar a tratar por "tu" e depois passar a "senhor". Impõe-se a coerência no tratamento que deriva da boa educação e, claro, do bom senso. Mas atenção: ao entrevistar um bandido, não se vai chamar "senhor bandido", ou "camarada bandido", como se ouvia antigamente...

Eu já escrevi, mas inicialmente tinha receio que não fosse audível, que não fosse radiofónico; pensava que não prestava. Foi o meu amigo e mestre Luís Miranda quem me ensinou que escrever para a rádio é diferente de escrever para jornal. Para o jornal nós temos que aprimorar mais o português ou a escrita no geral. De facto só lê jornal quem sabe ler; a sintaxe, a ortografia, a pontuação devem ser correctas.

Na Rádio, a pontuação é feita de acordo com a "caixa" de cada um, ou seja a respiração! Nota-se que isto é um exercício que todos os locutores devem aprender. Mas já lá vou a esses pormenores de aprendizagem.

Dito de outra maneira: escrever e rádio é mais fácil porque a pontuação é feita pelo locutor de acordo com a maneira de respirar. Diga-se igualmente – e pela mesma razão – que é muito difícil escrever para que outros leiam, exactamente por causa da entoação e da dicção. Um texto escrito por mi, muito dificilmente será bem lido por outro. Precisamente devido à forma como eu escrevi, à entoação que eu lhe dei, à emoção que lhe emprestei. Porque eu, quando escrevo um texto, peso em voz alta para lhe dar meu cunho pessoal.

Acresce dizer que também o emprego da gramática não é muito rigoroso. A rádio é o meio de comunicação social mas vulgarizado e audível por todos – sobretudo pelos analfabetos, que são milhões! Por isso, temos que utilizar uma linguagem simples, de moldes a sermos compreendidos pelo nosso público. Numa entrevista com um médico, por exemplo, deve-se ter o cuidado de pedir que ele não utilize termos técnicos, mas se o fizer, deverá depois explicar o que quer dizer, por palavras simples.

A mensagem em rádio tem de ser simples e acessível a todos os estratos da sociedade! Há com certeza temas mais intelectuais, dirigidos a uma camada mais intelectual; ainda assim, é como regara geral, devemos ter o cuidado de utilizar sempre uma linguagem

correcta mas simples e acessível a toda a gente. A rádio é uma forma mais rápida de chegarmos a todo o lado dentro e fora de qualquer país.

Resumindo, nesta área do jornalismo radiofónico, a técnica é universal mas com particular de ter de utilizar a língua das massas para se chegar a elas. E vimos, assim de uma assentada, o papel e o perfil do locutor/jornalista e, depois, a realização de um programa.

Vamos agora para a realização. Neste capítulo, há muito que se lhe diga, porque o realizador deve trabalhar muito directamente com a sonorização e o seu responsável: o sonoplasta.

O sonoplasta é o homem que aplica som no texto. Quer dizer, é ele que coloca os efeitos especiais onde devem lugar e sobretudo que põe a música a ler o texto! Isto é muito importante, se tivermos em conta que a rádio é uma coisa estranha, na forma como chega aos ouvintes. Já *mediram no que pensará um cidadão, lá no mato, da caixa que fala?*

Pois a caixa que fala, que a rádio precisa de ilustrar aquilo que diz, com os efeitos especiais. O melhor exemplo disto é a publicidade. Ela tem que passar uma mensagem e essa mensagem deve ser entendida. Para ser entendida deve ser sonorizada.

Quando se tem uma ideia para um programa, normalmente ela deve obedecer alguns critérios: *qual o tem do programa? A quem é dirigido qual a duração do programa? Como abrir o programa?*

Preste atenção: produzir um minuto em rádio é muito difícil, se bem feito, claro. Reparem que não é com música que se preenche um programa, sem mais nada. Mesmo um programa musical é muito difícil de se preencher, pois é preciso dizer algo sobre a música. E para se realizar algo sobre a música é preciso o conhecimento.

Existe, por isso a ideia no povo que: «O que fala no rádio é que disse! Ele sabe tudo...»

É verdade, quando falamos, temos que ter a certeza daquilo que dizemos, porque se erramos, estamos a induzir em erro milhares, senão milhões de ouvintes que podem seguir aquilo que afirmamos. É necessário ter muito cuidado. Quando se coloca microfone “no ar” e falamos, as palavras são como balas, não voltaram atrás.

Mais ainda: mesmo que peça desculpa pelo erro que cometeu, aquilo que ficou a primeira coisa que disse!

É preciso, pois muito cuidado com aquilo que se vai dizer no microfone! As palavras ditas ao microfone são balas perdidas eu, mal ditas, podem atingir milhares de pessoas e fazer imensos estragos, ou muito bem, se bem ditas.

Bem já falamos do locutor/jornalista; do realizador de programas; da simplicidade de texto como estratégia de atingirmos as massas; e do cautela a ter na comunicação com o grande público.

Vejamos agora as bases que são precisas para uma boa aprendizagem de forma a ser-se um bom locutor.

Em primeiro lugar, as vozes bonitas, sejam masculinas ou femininas, são cada vez mais raras em rádio. Na TV, fala a imagem, a apresentação; mas, a rádio, é a voz que tem que ser audível, perceptível. Na TV, a imagem, fala por si; em Rádio, é a voz e o efeito especial, sonoro. O homem do microfone deve dominar perfeitamente a língua ou línguas. Além da materna, é útil dominar o inglês e o francês, pelo menos. Um jornalista deve ser um erudito e ter a preocupação por actualizar-se constantemente. Por exemplo, eu escuto todos os dias o noticiário da Rádio 2000, às 12:00 horas; mas, às 6:00 horas, escuto o da Rádio Nacional de Angola; à noite vejo o telejornal da RTP-Internacional; e, com alguma regularidade acompanho a CNN-Internacional. Assim que, um homem da comunicação social deve procurar estar sempre actualizado, sempre à frente. Por isso parece que ele sabe sempre tudo – e sabe, mas tem que ter acesso a esses conhecimentos. Infelizmente, aqui entre nós, não há literatura e os meios são escassos. Mas, já foi pior! Podem crer...

Resumindo, para ser locutor – que modernamente se chama *Animador de Cabine*, já que ao locutor se chama agora jornalista – é preciso ter-se uma voz limpa um domínio absoluto da sua língua, sabendo ler correctamente, com boa dicção. Esta pode, no entanto, se treinada, quando já e tem uma inclinação para a profissão: «o dom da palavra» como sói dizer-se. Acontece com o locutor o mesmo que com o advogado, o presbítero ou o pastor que têm o dom da palavra, o dom da comunicação de massas.

O locutor é exactamente isso: um comunicador de massas. Ele tem o dom de poder guiar as pessoas, de informar as pessoas. Por isso deve fazê-lo com uma voz audível.

Para tal, existem pequenos exercícios que ajudam a ter uma boa dicção. O reino pode ser feito ao microfone e completamente em casa, ao espelho, lendo em voz alta. Ao treinar, o locutor deve habituar-se a ler com auscultadores. Isso permite corrigir os desníveis da voz, ou seja, os altos e baixos da voz!

Outro exercício que, com base na minha experiência pessoal, recomendo é aprender a ler e a respirar ao mesmo tempo. Procurar que não se perceba, ao microfone, que estamos a respirar. Não podemos parar para respirar, porque isso soa mal e quebra o ritmo da leitura. Ao ler, devemos fazê-lo devagar e bem, tendo sobretudo em conta que, como já atrás já foi dito, trabalhamos para um auditório, maioritariamente analfabeto e com dificuldades. Por isso, todo o cuidado é pouco em prol dos que não sabem ler e têm na rádio a principal fonte de aquisição de informação e saber. Ler bem é, assim fundamental para quem pretenda ser locutor.

De uma forma geral, estes são alguns exercícios que, com muita prática, frente ao espelho, fechados na casa de banho ou no quarto, lendo em voz alta, podem ajudar os que querem ser locutores. Este exercício é muito importante, além de que é preciso ter-se o cuidado em ler antes aquilo que vai ler ao microfone. É a melhor forma de evitar desagradáveis tropeços em palavras difíceis que podem aparecer e que não nos são familiares, ou nas quais possamos sentir dificuldades em pronunciar.

Para terminar: tenho orgulho em dizer que participei na formação de quadros do país, ajudei alguns quadros neste País. Alguns dos melhores locutores de Angola aprenderam alguma coisa comigo. Não citarei ninguém, para não correr iscos de esquecer alguém.

A locução constitui aquilo que eu sei gosto de transmitir com paixão, porque nisso está a continuação da profissão.

(Agora, fico ao vosso dispor para as perguntas que me quiserem fazer. Obrigado)

Aos que vieram depois de nós...

A nova rádio, automatizada

Sou defensor das novas tecnologias adaptadas à rádio. Trouxe para Angola as novas tecnologias de rádio, no final da década de 90. A Rádio 2000, foi pioneira na aplicação das novas tecnologias de informação, quando, logo após o início do projecto, verificamos que o consumo de papel era muito e representava uma fatia enorme das despesas da empresa (só para produzir diariamente três noticiários que, depois de lidos, eram deitados para o lixo, sem qualquer possibilidade de reciclagem).

Pensamos e concretizamos de imediato, julgo que em 94/95, o projecto de informação da Rádio 2000, fazendo com que os noticiários fossem produzidos na redacção e passassem em rede para os restantes sectores – entre eles, a cabine de locução, onde estaria o jornalista que fazia a sua apresentação, lendo directamente do monitor.

A SISTEC correspondeu então ao desafio e implantou o projecto, apenas com um pequeno senão que ficou por resolver: na sala de operação, frente ao locutor, um monitor em cadeia com o da locução. Hoje temos um computador ligado em rede que faz essa função. Na altura, pretendia-se evitar gastos com mais um computador.

Equipámos, então, a primeira estação informatizada do país, com cinco computadores em rede sendo três de edição/redacção, um da locução e outra da Administração. Maravilha, tecnológica! Em breve surgiu o primeiro grande problema. Havia todos os dias *makas*⁴⁷ com os computadores: «porque desconfigurou», «porque apagaram-se ficheiros do *Windows*», «porque...», e nunca era ninguém!

O técnico tinha que vir todos os dias resolver problemas. Solicitamos, então, que fosse dada a formação de base a todo pessoal da rádio, sobretudo ao que trabalhava directamente com o sistema. Dito e feito. Acabaram-se os problemas.

Mas tarde, introduzimos a *internet* num dos computadores, o do chefe de redacção, a que ele acedia livremente e tirava a informação que passava depois em rede aos restantes editores e realizadores.

Depois estendeu-se este acesso a outros serviços – pese embora os custos exagerados e o facto de termos então uma banda estreita. De qualquer forma, melhoramos bastante a nossa capacidade de informar com a utilização das novas tecnologias de informação em todas as áreas. Resolvido o primeiro problema, logo surgiu um outro problema que subsiste ainda nos dias de hoje (e julgo que é comum a toda a gente que navega na *Internet*): a propagação de vírus na informática que provocaram avarias de algumas máquinas. Pese embora os antivírus instalados, a verdade é que, volta e meia lá entraram no sistema, quer seja pela *Internet*, quer seja por meio de disquetes ou de memórias amovíveis contaminadas. Mas, contra isso, apenas se pode fazer o que todos fazem, de um modo geral... ter paciência e tentar debelá-los.

De referir a facilidade que todos os jovens demonstraram para aprender a manusear os equipamentos e as tecnologias de recepção/gravação do material de reportagem, que passaram a tratar directamente no computador, através do respectivo *Software*, passando depois, em rede, directamente para o ar, dentro dos serviços regulares de informação da estação.

Ao mesmo tempo, em 1999 começamos a transmitir 24 sobre 24 horas, através de satélite cujo o sinal tínhamos e temos na rádio, graças as parabólicas que possuímos. À noite, das 00:00 as 6:00 horas, ligávamos directamente a um canal de música do satélite. Havia inconvenientes porque o satélite de quando em vez falhava; e a energia apresentava muitas interrupções durante a noite. Tudo isso acarretava algumas faltas de qualidade. Mas era novidade e os ouvintes souberam agradecer essa inovação – sobretudo os que gostavam de escutar apenas músicas e até de gravar em cassetes...

O meu grande amigo e mestre Sebastião Coelho, no seu último encontro que teve connosco, designou-a como «a primeira emissão satelital de uma estação no rádio em Angola». Esteve na rádio 2000, no ano de 2000 onde deixou gravada esta entrevista, cujos excertos foram depois respigados ao longo das emissões, em pequenas vinhetas a que chamávamos: no dizer dos outros, nesta rubrica constava as personalidades nacionais e internacionais que nos visitavam e deixavam a sua opinião sobre nós.

Os gastos de papel tinham acabado; passámos a ter um serviço de arquivo em condições; começamos, então, a estender o

sistema a outras áreas de rádio: incluindo o uso da *Internet*, a passagem de temas em rede, de informações em rede etc.

Em 1998, durante o *congresso das Rádios comunitárias* em Milão (Itália), tivemos oportunidade de ver e trabalhar num sistema automatizado de rádio em FM, montada na sala de conferência do Hotel da AGIP, onde decorria a conferência. Fiquei entusiasmado com o sistema, embora me tivesse desgostado a frieza desse novo sistema, que acentuava o afastamento já existente entre o ouvinte e fazedor da rádio.

Foi, porém em 2002, em Vila Real, (Portugal) no congresso das *Rádios dos PALOP*, que nos foi dada a oportunidade de ver o sistema em acção um computador, com um software próprio, um microfone acoplado (ligado ao gerador estéreo e ao transmissor/emissor) fazia tudo, dispensando os grandes e caríssimos aparatos a que estávamos habituados.

Nada mas, a não ser um computador com software próprio, que substituía as grandes superfícies necessárias para um rádio. Inclusive dispensava grande quantidade de pessoal, pois duas pessoas operam o sistema. Nas áreas carentes recorria-se ao aluguer de serviços de profissionais pagos à hora, de acordo com as tabelas do mercado de trabalho.

Então, a Rádio 2000 que já era uma rádio minimamente informatizada, ficou apenas 1% da sua completa automatização. E porquê? Devido ao facto de a *Internet* no Lubango ser tão lenta no seu serviço e tão fraca que caía sempre não permitindo que esse 1% fosse carregado a partir de uma simples ligação, através da *Internet*, ao fabricante do Software em Londres. Fomos, assim, adiando a solução definitiva, até aqui, e 2005, tornou-se possível automatizá-la completamente mediante a aquisição e instalação de um outro programa mais simples então dependente da *Internet*. Passamos, então, a fazer em sistemas automatizados o programa da grelha. Das 00:00 as 06:00 horas da manhã. Graças a este sistema, nesse programa era possível dar horas certas sempre que entendesse-mos e colocar no programa tudo aquilo que fosse programado antecipadamente: voz gravada, música, publicidade, vinheta, *slogans*, e, até, a hora certa. O programa era montado no computador, sendo-lhe ordenado o início da emissão a partir das 00:00 horas automaticamente, e sem necessidade de que alguém ficasse na emissora de prevenção.

Já desde o ano de 1998, a Rádio 2000 começara a pôr parte todo o equipamento de fita. Assim começamos por instalar, primeiramente, equipamentos gravadores e leitores de *DAT*, *MD* e *CD*⁴⁸ em estúdio e em reportagem, abolindo as *revoxes*, os giradiscos de vinil, e outros equipamentos obsoletos. Desde essa data os nossos repórteres, passaram a utiliza micro gravadores de *MD* e *Hard Disc*. Igualmente desde essa data, o nosso estúdio de sonorização passou a gravar os programas e publicidade em *DAT*, *CD I* e *CDRW* e uma vez que o estúdio de emissão estava equipado com leitores de *DAT*, *Md* e *CDRW* e uma moderna *Digycard*. Trata-se de um computador de áudio com dez pistas, tendo cada qual uma capacidade para dez horas de áudio; vem munido, também, de um leitor de disquetes especiais (de grande capacidade) acoplada ao sistema. Esta máquina – que reúne na sua memória cerca de 300 efeitos especiais – tem capacidade para armazenar tudo o que produzimos e precisamos de emitir, além de uma discoteca de capacidades enormes que se fosse antigamente, ocuparia uma sala grande com cacifos e um funcionário específico para dar entrada e catalogar a música, ainda em discos de vinil.

Hoje, esta máquina *Digycard* também já esta ultrapassada; qualquer computador normal, com um *Software* específico, faz tudo isto e muito Mais.

Para vos dar uma ideia da evolução tecnológica nesta área: o meu pequeno portátil em instalado o sistema completo de rádio, automatizado. Basta liga-lo a um gerador de estéreo e a um emissor para estar no ar a transmitir, a radiodifundir, com todas as áreas em rede. A discoteca da Rádio 2000 estava numas dessas máquinas. Tinha armazenado, dentro do seu disco duro, mais de cinco mil discos compactos, com cerca de meio milhão de temas musicais devidamente catalogados por idiomas, por países, por estilos, de música, etc.

Em 2005, deu-se um novo salto tecnológico: a Rádio 2000 instalou computadores de quarta geração, mais modernos, e com maior potência/velocidade/capacidade. Poupámos efectivamente papel. Entretanto, automatizados como estávamos, e sendo uma rádio privada comercial, optamos por não dispensar nenhum dos cerca de quarenta trabalhadores que estavam aos serviço, dos quais quinze efectivos e outros quinze colaboradores. Fi ministrada formação dentro dos novos sistemas de informação digitalizada. Obviamente que, não deveria admitir mais pessoal – pelo menos da

forma como o fazíamos anteriormente. Estávamos então a rentabilizar o que tínhamos. O comportamento do pessoal perante o sistema foi muito positivo. Aceitaram-no bem e abraçaram sem hesitações a reconversão às novas tecnologias da informação.

Agora, nós velhos na profissão – com mais de quarenta anos a fazer uma rádio directa perante um microfone que representava o imenso auditório acalorado – sentimos que a rádio feita desta maneira tirou muito do calor de antigamente.

Repare-se que, depois do aparecimento da rádio nos primórdios do século XX, a única grande inovação que a partir daí se fez foi acabar com a cabine do operador, que ficava defronte de nós, com os comandos todos da emissão, cujo manejo se fazia com sinais convencionais, de um lado para o outro. Está inovação terá sido introduzida por volta dos anos 60/70.

Basicamente, substitui-se o operador e introduziu-se o conceito das cabines auto operadas. Ou seja, o locutor passou a comandar toda a emissão, tendo à sua frente a consola, as máquinas de bobines e de cassetes, as cartucheiras de *spots* publicitários e os microfones. Foi célere e bastante tranquila a integração deste novo sistema auto operado. Os locutores adaptaram-se bem e a rádio ganhou então mais ritmo, mais calor, maior possibilidade de contacto directo com o ouvinte. Foram-se, paulatinamente, superando as dificuldades – em particular as “fintas”, que na gíria também chamamos “brancas” – e acabando por fazer emissões brilhantes. Cheias de vivacidade e calor. Naturalmente que ainda hoje se verifica algumas estações o uso do operador áudio. É a resistência às novas tecnologias...

Tende a desaparecer o operador áudio. Mas fica, e vai continuar de certeza, o *sonoplasta*, o feiticeiro da rádio como lhe chamo. Pese embora a ditadura benéfica das novas tecnologias, a verdade é que eles sabem muito bem tirar proveito delas e continuam a realizar verdadeira magia com o áudio; continuam a não ser dispensáveis, como o foram os operadores áudio, julgo que a razão principal que subjaz a esta situação tem a ver com a própria natureza da função: os operadores foram dispensados pela tecnologia; pelo contrario, a sonoplastia é uma arte criativa. Eles concebem verdadeiras obras de arte com o áudio, com o som; coisa que o que o locutor em directo, ao microfone, não podia então fazer e muito menos hoje. De facto, essa área da rádio. A que eu chamo “a fábrica de ilusões sonoras”,

mesmo com recurso à informática, precisará sempre da capacidade criativa do homem.

Em toda a minha vida profissional, e em todas as estações de rádio por onde passei, conheci bons sonorizadores ou sonoplastas. Note-se que, no princípio da minha carreira, passei momentaneamente por essa área da rádio. Daí o elevado respeito que nutro por essa casta de magos da rádio, que eu considero imprescindível para complementar o trabalho de um bom realizador e de um bom radialista. Sempre exige o trabalho de um bom sonorizador, ao meu lado. Uma boa ideia, passada ao papel e depois gravada, só ficará completa com uma boa sonorização, uma boa montagem.

Torna-se indispensável que se coloque a música a ler o texto gravado. O bom sonorizador, consegue isso. Nunca basta pôr lá um ponto musical qualquer, um efeito qualquer, que o realizador entretanto pede a determinado ponto do texto. Há realizadores que, pedem um ponto, um efeito, sem contudo darem uma ideia duque pretendem. Eu gosto de manifestar a minha ideia. Contudo, fico aberto a discutir com o sonoplasta outras opções, particularmente quando ele se revela criativo e consegue melhorar a minha ideia.

Conheci e trabalhei com alguns, até aos dias de hoje: Marcelino Beto Caldeira, no tempo antigo; e o Rui de Almeida, posteriormente. Muito jovem, mas muito talentoso. Foi ele o primeiro sonorizador da Rádio 2000. Aprendeu muito depressa, assim como também a deixou muito depressa!

Num outro plano, considero o Rui de Sousa, da Rádio Nacional de Angola –e também um pouco da Rádio 2000 – o melhor sonoplasta de Angola. Com ele fiz bonitos trabalhos, obras-primas em rádio, sobretudo em vinhetas e publicidade criativa.

OBS: Deixei a Administração e a Direcção de Programas de Rádio 2000 em 10 de Dezembro de 2005, devido a conflitos laborais. Foi com muita tristeza que vi a forma como fui injustiçado, pelos trabalhadores, por quem fiz tudo. Na minha boa fé não contei com o trabalho de desestabilização que estava a ser movido, por certos trabalhadores que, valendo-se dos lugares de chefia, conseguiram arrastar uma boa parte. Infelizmente na sua tentativa de tomar o poder de assalto na estação, esqueceram-se inclusive da minha posição de patrão, exigindo a minha demissão e mais tarde a do meu

substituto. Em face de tudo isto, obviamente que restava apenas a demissão de todos os implicados e dos que os acompanharam.

Naturalmente que a Rádio 2000, viria a ressentir-se desta situação deixando de ocupar um lugar cimeiro no contexto da comunicação social na região sul.

Mas aos poucos ela vai recuperando e esperamos que num futuro próximo ela possa voltar a maior audiência.

Sonhos de menino⁴⁹

Sonhos de menino; todos os meninos sonham!
E cada sonho tem a sua origem,
a sua história,
a sua paisagem,
a sua beleza,
o seu mundo.

Os chineses já diziam isso,
desde os tempos de Confúcio.
Cada paisagem com a sua origem,
a sua história,
o seu ídolo,
com o seu som.

A paisagem:
Lubango.
Verde,
montanhoso,
ar puro,
gente simples e trabalhadora.

A cidade no meio do vale,
cercada de montanhas.

O menino é de origem camponesa,
de gente simples,
humilde
do interior.

Veio para a cidade fugido da guerra,
só,
sem ninguém.

Lá longe ficaram os horrores da guerra
da tragédia.

A sua história é igual à de milhões de outros meninos deste país, cujos pais, cuja família foi dizimada pela fúria da guerra, deixando-os sozinhos e entregues à rua das cidades com o pesado nome de “meninos de rua”.

O seu ídolo, o ídolo de um menino que viu seus pais, a família assassinados, o ídolo de um menino nascido da violência, vítima dessa mesma violência, só pode ser de violência.

O ídolo desse menino são todos aqueles que possam dar sequência à sua imaginação, à sua revolta interior que está gerando vingança contra todos aqueles que o privam de ter pais, de ter uma infância igual à de outros meninos que ele vê passarem na rua.

O ídolo desse menino é o herói do cinema, da televisão, o rapaz do filme de acção o rapaz do cavalo que no fim mata os maus da fita e casa com a rapariga.

O ídolo desse menino é igualmente o som do momento que passa na rádio, o artista da actualidade: o Paulo Flores, o *Maya Cool*, os *N`Sex Love*...

Mas o ídolo maior do menino da nossa história, o ídolo que está no sonho dele, na rua com ele, na paisagem dele, no rádio de pilhas dele, sou EU, EU, EUUUUUUU....

Coisas de sempre⁵⁰

«Está próximo o fim», dizem...

Existe uma crença popular que apregoa aos seus fiéis o fim de mundo para o ano 2000: «A dois mil chegarás, de dois mil não passarás.»

Mas ninguém sabe dizer porquê o ano 2000, como meta para o fim do mundo e com tanta certeza. Mais: explica que desta vez será pelo fogo, porque a dois mil anos atrás terá pela água, através do dilúvio - 40 noites e 40 dias de chuva sem parar.

Mas será mesmo verdade que este "mundo cão" em que vivemos vai mesmo acabar assim, sem mais nem menos?

Pensamos que que não. Em nossa opinião o mundo acaba sim, todos os dias, para aqueles que morrem...

Entretanto haverá, certamente, fenómenos naturais que colocam em perigo, de alguma maneira, o planeta terra, onde vivemos. Segundo a NASA, um meteorito, aproximadamente do tamanho do da terra, estará já em rota de colisão com o nosso planeta para daqui a daqui a 30 anos! Os cientistas estudam e ensaiam formas de o destruir muito antes disso.

Entretanto multiplicam-se os fenómenos naturais: o furacão *George*, que devastou as Américas em 98; o *Floyd*, em 99; o *El Niño*, fenómeno associado ao aquecimento do planeta; na Turquia, na Grécia e, por último, o mais grave de século, em *Taiwan*.

A erupção de vulcões, chuvas torrenciais na China ou na Venezuela, não é sinal do fim, coisa nenhuma! São fenómenos naturais cíclicos alguns e outros associados aos maus-tratos que o homem vem dando cada vez mais à natureza, ao meio ambiente.

Acreditem: o fim do mundo acaba mesmo para os que morem, quando morrem! Estamos em 1999...

Um minuto de coisas

Já pensou no que pode dizer num minuto?

Naturalmente que depende muito da velocidade com que você é capaz de falar, de ler. Mas precisa de ter em conta que, seja qual for a velocidade que imprime à leitura do texto ou ao improviso, deve ter cuidado para que as palavras sejam audíveis, perceptíveis. As frases devem fazer sentido para quem escuta, a quem vai dizer seja o que for, nesse minuto.

Na realidade, em um minuto pode-se dizer ou fazer muita coisa.

É suficiente para dar ou receber a mensagem. Um minuto só, pode mudar a vida da gente.

Num minuto, a sorte grande pode bater-nos à porta. Chama-se a esse “o minuto da sorte”. Assim como nos pode bater à porta, de um minuto para o outro, uma tragédia. Então chama-se “o minuto do azar”.

Observe que um minuto são apenas sessenta segundos. Ouça: tic, tac, tic, tac, tic, tac, tic, tac, tic, tac, tic, tac...

Sessenta batidas destas são sessenta segundos. Um minuto!

É muita coisa?

Um minuto na vida ⁵¹

Mais vale perder um minuto na vida do que a vida num minuto. Por isso preste muita atenção:

Na estrada, ao volante, tenha todos os sentidos em alerta. Lembre-se que, geralmente, atrás de uma bola vem uma criança. Infelizmente os peões costumam andar mais na rua ou na estrada do que nos passeios. Por isso, preste muita atenção à sua condução e à dos outros. Quando buzinar a um peão e este o «mandar à m...», não vá! Devolva, se achar oportuno, o insulto e prossiga serenamente...

Se é dos que usa beber, saiba entretanto que o álcool é inimigo do automóvel. «Se bebe, não conduza; se conduz, não beba». Não misture as duas coisas, porque não dá certo e geralmente acaba em tragédia.

Dê sempre prioridade à vida, à direita. Respeite a sinalização existe e não existe. Verifique se os órgãos principais do seu carro estão em bom estado de funcionamento. Disso depende a sua segurança e a dos outros.

Se te pressa, pense bem: «mais vale perder um minuto na vida, do que a vida num minuto».

Ofereça a si e à sua família o próximo aniversário natalício.

Strptease ⁵²

- Feche as luzes do seu quarto. Feche os olhos e dê raias á sua imaginação...

-Na penumbra, sobe o som de um saxofone.

-No palco imaginativo, um holofote poisa em cima de uma mulher bela, bem vestida, bem calçada, que se bamboleia ao ritmo quente e suave do saxofone. Ela começa por tirar a echarpe...

-No palco da imaginação, na penumbra do seu quarto, você assiste, vê o corpo da bela mulher desnudar-se ao ritmo quente do saxofone!

-Holofotes. Cor e movimento. Todos os olhos fixos no palco, no corpo esbelto, que se desnuda ao ritmo de um sol de sax, e movimentos sensuais, em transe...

O público está suspenso, de olhos fixos nos movimentos da bela mulher, que apresenta a arte de se despir ao ritmo da música. Resta o soutien, o bikini, as meias de vidro e o porta-ligas, bem como umas botas de cano alto.

-Aumenta o ritmo quente do sax. O corpo esbelto da bela mulher está de costas, seminua, perante o olhar hipnótico do público.

-Por cima dos ombros, atira para o meio do público o soutien o porta ligas e as meias de vidro, o bikini...tudo isto vai saindo do belo corpo da mulher, de costas no palco, ao som quente do saxofone e atirado por cima dos ombros para o meio do público que apanha essas peças íntimas, e as acaricias, as cheira com avidez.

-Num gesto sensual, rodando sobre si, ela aparece de frente para o público.

-Ahhhhh! Este fica extasiado, boquiaberto, de olhos esbugalhados, qual deles com os pensamentos mais libidinosos!

-Belo corpo de mulher. Lindos seios nus. No umbigo um rubi verde brilhante e mais abaixo uma tira muito fina, rendada, vermelha e um par de botas de cano alto, permitem que possamos ver o belo corpo da mulher sem estar completamente nu. **FANTÁSTICO...**

Pode ser uma definição do belo, não?

OBS: Isto é uma antevisão de uma sessão de estreeptease transmitida ao vivo por uma estação de rádio!

Escrita e sonorizada para a Rádio em finais de 1999. Consta do CD textos escolhidos do autor.

Notas

1 – Escrito e lido em 2003.

2 – Adaptação radiofónica, do autor, de um texto anónimo.

3 – Texto lido às 17:30min do dia 11 e Setembro 2001, aos microfones da Rádio 2000. O autor visitou os Estados Unidos, a convite do Departamento de Estado norte-americano, exactamente nesta data, um ano volvido sobre os acontecimentos aqui comentados.

4 – Soube-se, mais tarde, que Bin Laden havia sido treinado e armado pela própria CIA, aquando do seu envolvimento contra a União Soviética no Curdistão. Foi o virar do feitiço contra o feiticeiro.

5 – Lido em 18 de Janeiro 2002

6 – Esta série de pequenos textos foi encomendado pela UNICEF e, além de gravado em português, em 2001, foi igualmente traduzido e lido em três línguas nacionais: Umbundo, Nhanheca e Ganguela.

7 – Lido em 2002

8 – Lido em Abril de 2002.

9 – Escrito em meados de 2002.

10 – Em 2003.

11 – Em 2003.

- 12 – Agosto 2003.
- 13 – Em 2002.
- 14 – Textos escrito em Setembro de 2005.
- 15 – Escrito em fins de Agosto de 2005.
- 16 – Escrito e lido a meados de Setembro 2005.
- 17 – Em meados de Junho 2005.
- 18 – Lido em meados de Junho de 2005.
- 19 – Finais de Agosto... de que ano?
- 20 – Agosto de 2005. Recordamos que a vencedora desta edição do Concurso *Miss Huíla/05*, viria a ganhar o título de *Miss Angola 2006*.
- 21 – Meados de Setembro de 2005
- 22 – Julho de 2005
- 23 – Junho de 1999.
- 24 – Agosto de 2005.
- 25 – Agosto de 2005.
- 26 – Abril de 2005.
- 27 – Junho de 2001.
- 28 – *Imbambas*, significa “coisas”, em quimbundo, neste contexto pode traduzir-se por trouxas às costas.
- 29 – Junho de 2001.
- 30 – Junho de 2001.
- 31 – Maio de 2001.
- 32 – Esta rubrica fazia parte do programa radiofónico da grelha da Rádio 2000, com o título: Noite Digital, apresentado pelo autor, aos Domingos, entre as 21:00 e as 00:00 horas. Uma particularidade da rubrica Cidade Virtual, é que, ao final de cada texto, segue sempre um diálogo entre dois ou mais participantes onde era discutido aquilo que havia sido dito no texto, colocando a tónica no presente, ou seja, na cidade real. Regularmente, escrevíamos novos textos. Por isso,

publicamos apenas dez que entendemos serem representativos de todos os que fomos produzindo ao longo dos anos que durou o programa. Havia uma outra que de certa forma completava esta. Intitulava-se: *As Conversas dos Homens*. Neste programa uma personalidade da cidade era semanalmente convidada para conversar e trocar impressões abertamente sobre a cidade e não só. Recordo que um dos muitos convidados, foi S. Eminência D. Zacarias Camuenho, Arcebispo do Lubango. Este programa viria a sair da grelha da Antena Comercial do Lubango por motivos meramente comerciais, apenas para ceder espaço a programas pagos...

33 – Maio de 2001.

34 – Maio de 2001.

35 – Meados de 2002.

36 – Meados de 2002.

37 – Lido em 6 de Dezembro de 2001.

38 – Lido a 2 de Abril de 2002.

39 – Lido em 24 de Setembro de 2001.

40 – Lido em Fevereiro de 2000.

41 – Texto lido, em 2004 seguido de debates, motivado pela carta aberta, em anexo, escrita pelo Dr. Agnelo Carrasco.

42 – Dos elementos convidados apenas compareceram o Dr. Agnelo Carrasco e o Dr. Pires Alberto. Resultado: não se pôde realizar o debate...

43 – Editorial emitido no dia em que morreu Carlos de Andrade, a 3 de Julho de 2003. O texto original encontra-se gravado em CD, na Rádio 2000, pelo autor emocionalmente sentido com a dor do momento. Existe, igualmente, um CD com gravações dos últimos programas d' O Zé, na voz do saudoso amigo Carlos de Andrade.

44 – Esta palestra foi proferida pelo autor na ex-Assembleia, a 15 de Janeiro de 2002, a convite do Padre Álvaro Teixeira, da Igreja Católica, e dirigida aos alunos da cadeira de Comunicação Social do ICRA – Instituto de Ciências Religiosas de Angola.

45 – Esta palestra foi proferida no Instituto Superior de Teologia, a convite da IESA, em Dezembro de 2001.

46 – Palestra proferida aos alunos de Teologia, cadeira de Comunicação Social, em Junho de 2001, a convite da IESA.

47 – Palavra de origem bantu que, em quimbundo, significa problemas, dificuldades ou contrariedades...

48 – Estes equipamentos...

49 – Dedicado aos meninos de rua da nossa cidade, escrito, gravado e sonorizado em 1999.

50 – Escrito e gravado em finais de 1999.

51 – Cf. *Textos Escolhidos do autor*, CD gravado em 1999.

52 – Cf. *Textos Escolhidos do autor*, CD gravado em 1999.

O MEU LIVRO Um monte de histórias...

Segunda edição, actualizada

Autor: HORÁCIO S. REIS

EDITORA DIGITAL

"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 923 407 949

Projecto gráfico

Belson Pedro Raimundo Hossi



Todos os direitos desta obra reservados a

HORÁCIO S. REIS

Este E-book está protegido por

Leis de direitos autorais na "**CPLP**" e na "**SADC**"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

Esta obra está sob uma *Licença Commons*.

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito aos autores originais –

Não é permitido modificar esta obra.

Não pode fazer uso comercial desta obra.

Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade

Pelos textos, músicas e imagens

É exclusivamente do Autor.

Frontal nas suas crónicas, nas suas entrevistas, nas suas reportagens, sempre tratou as coisas pelos seus próprios nomes, sem receio. Fazedor de opinião, conseguiu ao longo de mais de 40 anos de carreira prender as atenções do grande auditório, escrevendo e apresentando ao microfone, crónicas, apontamentos, reportagens, entrevistas em todas as áreas, com todas as personalidades do país e não só.

O seu posicionamento foi sempre crítico em relação ao que estava errado, lá onde estava errado, apontando o erro e opinando como solucionar o que estava errado.

Sendo apoiante e amigo do MPLA, no desempenho da sua profissão no dia a dia, mostrou-se sempre isento. Defensor acérrimo da democracia, do estado de direito, sempre esteve ao lado daqueles que, sem voz, eram vítimas do abuso de poder, do abuso de autoridade, denunciando vivamente os actos em que os cidadãos eram lesados nos seus direitos. Como Jornalista fez parte do Comité de Direitos Humanos na Huila.

Com a sua saída do ar, a Rádio em Angola e particularmente a Huila, perdeu uma voz que todos os dias aparecia para falar nos nossos problemas, nos problemas que nos afectam no dia a dia: a saúde, a educação, a falta de energia eléctrica, de água, os problemas da governação e da etc...

Sendo uma figura polémica, era respeitado por todos, temido por alguns, odiado por outros, sobretudo os incompetentes, os amigos do deixa andar. De qualquer forma a sua palavra, a sua opinião, a sua mensagem era escutada, atenciosamente todos os dias, por todas as classes sociais, sobretudo a classe governamental. A sua escrita era simples como simples são os ouvintes da rádio em Angola. Muitos problemas encontravam solução imediata, após a sua publicação. Há quem diga que quando ele estava na rádio as coisas andavam um pouco melhor...

É dos poucos radialistas, que escrevia o que lia. Gosta de ler o que escrever, com ênfase, com dom de palavra, com uma voz bem timbrada.

No campo da formação, teve um papel preponderante na formação de novos radialistas, novos jornalistas, com acções formativas, influenciando jovens para a profissão, etc.

Este livro deve ser entendido como uma mensagem aos que vierem depois, aos mais novos.

Nele se inserem algumas crónicas, alguns textos que foram lidos, aos microfones da Rádio 2000. Infelizmente grande parte do espólio perdeu-se ao longo dos anos, por isso, só uma parte dos textos mais recentes foi possível reunir, quando começou a pensar em escrever este livro.

Por último ele dedica este livro á cidade do Lubango, como contributo por tudo o que ela, a cidade encerra na vida do autor. Não sendo natural desta terra, ele considera-a sua, pois foi aqui que cresceu e se tornou homem. É aqui que a sua vida decorre normalmente, rodeado da família.

Dono de uma Agência de Publicidade, está hoje inteiramente dedicado á publicidade áudio visual...

Membro do Conselho Municipal, dá o seu contributo no fórum para melhorar a vida da cidade.

Responsável pela realização das Festas da Sra. do Monte do pós-Independência desde 1986 até 1991, é ainda nos dias de hoje, membro do Comité das Festas da Sra. do Monte.

Não sendo um best-seller é contudo um livro da cidade do Lubango.